

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE SOCIOLOGIA, FILOSOFIA E POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**



Dissertação de Mestrado

**PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E O ENVELHECIMENTO ATIVO NA TERCEIRA
IDADE: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO COM IDOSAS APOSENTADAS DA ABAPP
– PELOTAS.**

Luana Costa Bidigaray

Pelotas, 2019

Luana Costa Bidigaray

**PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E O ENVELHECIMENTO ATIVO NA TERCEIRA
IDADE: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO COM IDOSAS APOSENTADAS DA ABAPP
– PELOTAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Spolle

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B584p Bidigaray, Luana Costa

Práticas de sociabilidade e o envelhecimento ativo na terceira idade : um estudo sociológico com as idosas aposentadas da ABAPP - Pelotas. / Luana Costa Bidigaray ; Marcus Spolle, orientador. — Pelotas, 2019.

108 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Idosas aposentadas. 2. Práticas de sociabilidade. 3. Envelhecimento ativo. 4. Sociedades contemporâneas. I. Spolle, Marcus, orient. II. Título.

CDD : 305.26

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Pelotas, 2019

Luana Costa Bidigaray

PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E O ENVELHECIMENTO ATIVO NA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO COM IDOSAS APOSENTADAS DA ABAPP – PELOTAS.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcus Vinícius Spolle (Orientador) – Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves Silva – Doutora em Literatura Alemã Antiga pela Otto – Friedrich – Universitat Bamberg.

Prof. Dra. Márcia Alves da Silva – Doutora em Educação pela Faculdade Vale do Rio dos Sinos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Luana Costa Bidigaray

Práticas de Sociabilidade e o Envelhecimento Ativo: um estudo sociológico com
idosas aposentadas da ABAPP - Pelotas

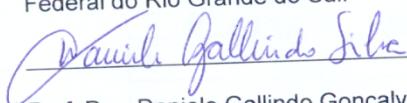
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em
Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal
de Pelotas.

Data da Defesa: 29 de abril de 2019.

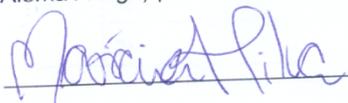
Banca examinadora:



Prof. Dr. Marcus Vinicius Spolle (Orientador). Doutor em Sociologia pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.



Prof. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves da Silva. Doutora em Germanística/Literatura
Alemã Antiga) pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg.



Prof. Dra. Márcia Alves da Silva. Doutora em Educação pela Universidade Vale do
Rio dos Sinos (UNISINOS)

“A Deus, luz que rege meus dias e minhas noites na estrada da vida. E dedico todo meu esforço neste trabalho ao meu amado pai, Valdemiro Bidigaray (in memoriam), que foi um exemplo de pai, de amigo, meu sinônimo de amor, força e caráter.”

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado essa oportunidade de estudo. Por ter me concedido bravura e força para superar as dificuldades encontradas nesta trajetória acadêmica.

Agradeço imensamente a minha amada mãe, Vera Maria Bidigaray, minha heroína, pelo incentivo, apoio e amor incondicional depositado em minha pessoa, compartilhando mutuamente nossas alegrias e vitórias sempre de mãos dadas.

Agradeço a minha irmã Beatriz, pelo apoio, torcida.

A todos meus colegas de mestrado, principalmente à Pâmela e Manuela que se fizeram presente em todas as etapas desta dissertação, também agradeço às colegas Jenifer, Rosana, Helena e Carolina que me auxiliaram na construção dessa linda trajetória acadêmica. Obrigada pelo apoio, pela troca de conhecimentos e afetos.

Agradeço em especial ao meu amigo Arielson que se fez presente em todos os momentos difíceis e partilhou tantos momentos de alegrias e de vitórias. Agradeço a todos meus amigos e demais familiares, e também à Carolina Nogueira pela força e apoio.

Agradeço à Ana Paula, (pós-doutora) do programa, a qual me incentivou com a pesquisa e contribuiu com materiais para que essa dissertação pudesse ser realizada.

Agradeço à Ana Clara Correa Henning, a qual sempre me incentivou aos bancos acadêmicos e sempre compartilhou seus conhecimentos.

Agradeço ao programa de Pós-graduação em Sociologia – UFPEL e seu corpo docente que me oportunizaram conhecimento. Obrigada a todos os professores!

Agradeço ao melhor deles, meu orientador, Marcus Spolle, professor querido, amável, competente e sempre empenhado a fazer o melhor para os seus alunos, e que esteve sempre me apoiando e depositando confiança a minha pessoa. Muitíssimo obrigado, professor Marcus!

E por fim, à coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo apoio recebido mediante o usufruto da bolsa de mestrado.

RESUMO

BIDIGARAY, Luana Costa. **Práticas de Sociabilidade e o Envelhecimento Ativo na Terceira Idade**: um estudo sociológico com idosas aposentadas da ABAPP 2019.112f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Esta dissertação trata de um estudo sociológico sobre as práticas sociais de idosas aposentadas que frequentam a associação beneficente de aposentados e pensionistas de Pelotas. Busca-se verificar se a noção de envelhecimento ativo se corporifica ou/se aproxima das práticas de sociabilidade delas; e a partir disso, compreender se experienciam uma terceira idade mais ativa nas sociedades contemporâneas. Essa pesquisa fundamentar-se-á em teorias sociológicas do envelhecimento e estudos pós-coloniais que versam sobre categorias analíticas como gênero, idade, envelhecimento ativo, sexualidade, raça e classe social. A metodologia utilizada foi um estudo etnográfico, e as técnicas empregadas estabeleceram-se a partir de uma observação participante seguida de entrevistas semiestruturadas com um roteiro base.

Palavras-chave: idosas aposentadas; práticas de sociabilidade; envelhecimento ativo; sociedades contemporâneas.

ABSTRACT

BIDIGARAY, Luana Costa. **Practices of Sociability and Active Aging in the Elderly**: A study with the retired women of the Beneficent Association of Retirees and Pensioners (ABAPP). 2019, 112 f. Master's Degree in Sociology – Postgraduate Program in Sociology – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This dissertation deals with a sociological study about the social practices of retired elderly women attending the benefit association of Retirees and Pensioners of Pelotas. It seeks to verify if the notion of active aging is embodied or / approaches the practices of sociability of them; and from this, to understand if they experience a more active third age in contemporary societies. This research will be based on sociological theories of aging and postcolonial studies that deal with analytical categories such as gender, sexuality, race and class. The methodology used will consist of an ethnographic study. And the techniques employed were established from a participant observation followed by semi-structured interviews with a base script.

Keywords: elderly retired; practices of sociability; active aging, contemporary societies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/ FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide Etária Absoluta – Brasil – Projeção 2000.....	28
Figura 2 – Pirâmide Etária Absoluta – Brasil – Projeção 2010.....	29
Figura 3 – Pirâmide Etária Absoluta – Brasil – Projeção 2050.....	30
Figura 4 – Crescimento da população entre o ano de 1950 a 2050.....	31
Figura 5 – Triangulação dos dados empíricos.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quem são as idosas (entrevistadas) da ABAPP?.....	60
Tabela 2 – Detalhamento das categorias de análise a priori.....	69
Tabela 3 – Resumo dos encontros exploratórios.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAPP	Associação Brasileira de aposentados e pensionistas de Pelotas.
CF/88	Constituição Federal brasileira de 1988.
CRAS	Centro de referência de assistência social.
IBGE	Instituto Brasileiro de geografia e estatísticas.
INSS	Instituto nacional do seguro social.
OMS	Organização mundial de saúde.
PNAD	Pesquisa nacional por amostra de domicílios.
PNI	Política nacional do idoso.
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. Formulação do problema de pesquisa.....	18
2. Objetivos.....	20
3. Objetivos específicos.....	20
4. Operacionalização da pesquisa e justificativa.....	21
5. ABAPP como Campo de investigação.....	22
CAPÍTULO 1 – ENVELHECIMENTO HUMANO	24
1.1. Envelhecimento e sua transição demográfica no Brasil	24
1.1.1. Taxas de crescimento populacional, natalidade e fecundidade no Brasil.....	26
1.1.2. Projeção do Crescimento Populacional Brasileiro.....	27
1.2. Fenômeno da feminização da velhice	33
1.2.1. Projeção da População Feminina na Velhice.....	33
1.2.2 O universo social do envelhecimento torna-se feminino.....	34
1.3. Envelhecimento humano sob a perspectiva social.....	35
1.3.1. Teorias Sociológicas do envelhecimento	35
1.3.2. Teoria do Desengajamento.....	37
1.3.3. Teoria da Atividade.....	39
CAPÍTULO 2 – ENVELHECIMENTO ATIVO.....	41
2.1. Política Pública para os idosos	41
2.2. Envelhecimento ativo como prática de sociabilidade	43
2.2.1. Idosas aposentadas.....	43
2.2.2. A influência do sistema de gênero na trajetória histórica das idosas.....	45
2.3. CATEGORIA GERACIONAL E AS INTERSECCIONALIDADES.....	48
CAPÍTULO 3 – MÉTODOS, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.	56

3.1. Percurso metodológico	57
3.1.1. Abordagens metodológicas: exploratórias e qualitativas.....	57
3.1.2. Observação Participante e o sujeito pesquisado.....	60
3.2 Análise Qualitativa dos Dados	66
3.2.1 Triangulação na análise de dados.....	65
3.2.2. Categorias de Análise	68
3.2.2.1. Velhice Feminina.....	69
3.2.2.2. Sexualidade	76
3.2.2.3. Classe social.....	84
3.2.2.4. Envelhecimento ativo.....	90
Considerações Finais	98
Referências.....	103
Anexos	

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trabalho trata de um estudo sociológico sobre as práticas sociais de idosas que frequentam uma associação beneficente de aposentados e pensionistas na cidade de Pelotas, esta pesquisa busca verificar se a noção de envelhecimento ativo se corporifica ou/se aproxima das práticas de sociabilidade dessas idosas; e a partir disso, compreender se experienciam uma terceira idade mais ativa nas sociedades contemporâneas.

Frente a esta problematização sociológica, torna-se necessário, mesmo que sumariamente, contextualizar historicamente as categorias da velhice e da terceira idade. De acordo com Luna Silva (2008), desde a antiguidade, a velhice feminina era pensada apenas pelo aspecto biológico e fisiológico, e suas práticas sociais, segundo a autora, representavam a imagem decadente da mulher, uma vez que, velha, não detinha mais o posto de procriar; suas trajetórias sociais eram marcadas pela degeneração física, pela perda de papéis, pelo afastamento social, pelo empobrecimento econômico, pela inatividade sexual e a subordinação a noção patriarcal.

No entanto, a autora, afirma que o surgimento da ideia de terceira idade¹ nas sociedades contemporâneas produziu uma mudança de paradigma ao conceito de velhice, se antes aquela imagem decadente estava vinculada a noção patriarcal; na contemporaneidade passa a receber uma nova (re) significação social à medida que uma nova noção de envelhecimento funcional encontrava-se em evidência, baseando-se em discurso científico proveniente da gerontologia médica, assim, possibilitando a construção de um novo sujeito e novas práticas de socialização na terceira idade.

¹ “Terceira Idade é uma expressão que recentemente e com muita rapidez popularizou-se no vocabulário brasileiro. A expressão, de acordo com Laslett (1987), originou-se na França com a implantação, nos anos 70. Para Laslett (1987), a invenção da terceira idade indicaria uma experiência inusitada de envelhecimento, cuja compreensão não pode ser reduzida aos indicadores de prolongamento da vida nas sociedades contemporâneas. De acordo com esse autor, essa invenção requer a existência de uma "comunidade de aposentados" com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa da vida propícia à realização e satisfação pessoal (GUITA DEBERT,1997), Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm Acessado em 28 de dezembro de 2018.

Nas concepções de Barbieri (2014), essa noção de envelhecimento ativo² é oriunda da organização Mundial da saúde – OMS e se embasa em princípios como a liberdade e a autodeterminação. Esse novo modo de envelhecer oportuniza aos idosos, especialmente às mulheres desse grupo, renovação ao corpo envelhecido agenciando novas urbanidades como viajar sozinha, namorar, viver sua sexualidade com mais autonomia, frequentar bailes, voltar a estudar, entre outros experimentos sociais. No entanto, essas novas possibilidades encontram-se contextualizadas em sociedades que possuem um sistema de gêneros (desiguais), e passam a ser confrontadas por valores (ainda conservadores, e por vezes, retrógrados) advindos da família e da sociedade contemporânea.

Essa expressão “sistema de gênero”³ utilizada no trabalho configura uma diferenciação social entre os indivíduos (gêneros), considerando os seus padrões histórico-culturais. Delphy (2009) afirma que na atualidade esse termo denota uma nova significação feminista em relação à palavra “patriarcado”, representando uma nova formação social em que os homens detêm o poder, sendo sinônimo de dominação masculina, ou melhor, de opressão às mulheres. Seguindo neste sentido, e conforme afirma a autora, a expressão “patriarcado” passa a ser substituída pelos termos “gênero” e “sistema de gênero”, já que aquele significante passa a ser visto como uma generalização quando refere-se a dominação masculina em determinado tempo. Nessa esteira, o trabalho visa realçar essa repressão social, não apenas, a partir da autoridade do “pai” ou do gênero masculino ao feminino, e sim, dos valores que as sociedades contemporâneas submetem essas mulheres idosas. Por esta razão, esses termos “gênero” e “sistemas de gênero” serão empregados no presente trabalho.

Nessa mesma ideia, autores como Morgante e Nader (2014) parafraseiam as intelectuais Mary G. Castro e Lena Lavinias que contrapõem a utilização do uso do termo patriarcado, visto que essa expressão refere-se apenas à opressão – no ambiente da família patriarcal – já que se vincula ao conceito Weberiano de

² O “envelhecimento ativo”, conceito amplamente defendido no campo do envelhecimento em geral, é emblemático das questões até então abordadas. Formulado dentro da OMS, passa a ser indicada por esta entidade, considerada principal referência no campo da saúde, como uma política de atenção aos idosos, num movimento que nasce na saúde e se expande para se tornar A política voltada para o envelhecimento em geral (BARBIERI, 2014, p.137).

³ Sistema de gênero é tudo aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões históricos culturais atribuídos para os homens e mulheres. (Delphy, 2009).

patriarcalismo que é uma dominação masculina às mulheres na esfera da domesticidade – em um período anterior ao advento do Estado. Do mesmo modo, Araújo (2011) afirma que a autora Joan Scott, utiliza o termo gênero enquanto categoria analítica para compreender os processos históricos, as diferenças biológicas, e como estas são enquadradas discursivamente pelas forças de poder para a sua naturalização dos corpos biologicamente distintos, pelas forças dominantes que se legitimam por meio das instituições como escola, família, estado, mídia, igreja além do próprio capital e do cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, a pesquisadora compreende que o uso do termo patriarcado torna-se inapropriado para as sociedades capitalistas e contemporâneas, por isto, a ineficiência do seu uso para questionar ou problematizar as relações femininas nas sociedades de hoje. Por esta razão, a pesquisadora passou a utilizar o termo gênero no dissertar do trabalho, para assim, compreender as práticas sociais das idosas da ABAPP e a concepção do envelhecimento ativo a partir de suas narrativas contemporâneas.

A partir destas acepções, a pesquisa centrou-se no sujeito da investigação que são as idosas aposentadas e no objeto de estudo que são as suas práticas de sociabilidade no espaço de observação que passa a ser a associação beneficente de aposentados e pensionistas de Pelotas – ABAPP.

Com isso, busca-se verificar se o público feminino idoso se emancipou dessas amarras tradicionais para vivenciar o envelhecimento ativo de maneira livre e autônoma. Desse modo, apresenta-se como objetivos específicos: verificar se as práticas sociais delas aproximam-se dessa concepção de envelhecimento saudável e funcional no espaço da associação; e ainda, analisar como essas idosas percebem a sua sexualidade, a questão de gênero, de idade, de raça e de classe social no meio em que convivem, por meio de um estudo etnográfico associado às técnicas de pesquisa exploratória, de observação participante seguido de entrevistas semiestruturadas com um roteiro constituído de 09 (nove) questões específicas, capaz de levantar a trajetória de vida dessas aposentadas. Assim, verificando em que medida experienciam uma velhice ativa ante as relações de poder, ou seja, frente aos padrões sociais da família e do contexto contemporâneo.

1. Formulação do problema de pesquisa.

A formulação do problema de pesquisa inicialmente embasou-se nas categorias de velhice, terceira Idade e da noção de sistemas de gênero. Essas categorias e suas respectivas contextualizações históricas foram determinantes para a construção do problema sociológico da pesquisa.

De acordo com Barros (2002), a velhice mostra-se como um grupamento social desvalorizado em determinados tempos, e que nesses distintos períodos e lugares essa coletividade esteve, na maioria das vezes, com sua imagem associada à decadência social. Segundo o autor, nos séculos VIII e IX, na Grécia, a juventude e a velhice não tinham distinção social, porém, a velhice passou ter seu valor diminuído em razão de novas relações de poder, assim como, no mesmo período, em Roma, onde os velhos passaram a perder status e a importância diante das mudanças de poder político. A autora, ainda, alude que na idade média e no renascimento como em outros períodos históricos, o velho encontrava-se fora dos padrões considerados de prestígio da época.

Contudo, a autora afirma que, em razão do envelhecimento populacional mundial, nas últimas décadas, as ciências sociais direcionaram estudos ao processo de envelhecimento ao final do século XX, especialmente aos problemas sociais, visto que tanto a geriatria como a gerontologia, medicinas especializadas na velhice, já investigavam o corpo velho não apenas pela perspectiva orgânica, mas cumulavam conhecimento com outras ciências por intermédio de movimentos interdisciplinares como, por exemplo, a psicologia.

Com base nisso, Felipe e Sousa (2014) afirmam que a literatura especializada no envelhecimento certifica que a chamada terceira idade, deu um novo sentido à velhice, desnaturalizando aquela simbologia negativa atribuída aos velhos, incorporada desde a antiguidade, reproduzindo atualmente novas concepções nessa fase da terceira idade, como uma nova expressão chamada de idosos, em consequência, novo reconhecimento social.

Nesta mesma vertente, Guita Debert (1998) afirma que o discurso médico da gerontologia passava a se relacionar com fenômenos sociais contemporâneos advindos com a terceira idade como a longevidade, a busca pela qualidade de vida e

o surgimento de um evento institucionalizado chamado de aposentadoria, ao passo que, essas transformações sociais e culturais tornavam-se um dispositivo de representatividade da atividade funcional e social na terceira idade, ganhando espaços em redes de convivência e de troca de solidariedades entre os idosos. A partir disso, a terceira idade passou a consagrar-se como “um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e atender às necessidades dessa nova população” (DEBERT, 1998, p.27).

Nessa concepção social de terceira idade, ao mesmo tempo, novas acepções feministas estabeleciam-se na contemporaneidade Delphy (2009) afirma que essas novas noções feministas intensificaram uma composição de novos entendimentos sociais nas sociedades modernas com o propósito de combater a dominação masculina. Alves e Corrêa (2009) afirmam que essas investidas de movimentos feministas operou efeitos positivos na sociedade contemporânea, especificamente em alterações de dispositivos jurídicos da legislação Brasileira, a respeito da segregação entre gêneros, como vinha ocorrendo, por exemplo, no código civil de 1916, sendo, modificado e (re) tratado pela Constituição Federal de 1988, consagrando o princípio da Dignidade Humana que salvaguarda a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Com isso, normas desiguais e tradicionais passaram a ‘ganhar’ uma equivalência de direitos entre o homem e a mulher, no entanto, esse combate e os enfrentamentos realizados por esses movimentos sociais também buscam a isonomia social de gênero, reproduzindo-se tais enfrentamentos no universo do envelhecimento feminino, visto que a mulher velha sempre conviveu com uma dupla discriminação social em razão do gênero e da idade. Diante desse contexto, construiu-se um problema sociológico: compreender se é factível uma velhice feminina ativa frente aos valores (morais) de um sistema desigual de gênero em um contexto socialmente (estigmatizado) na atualidade.

E ainda, verificar se as hipóteses se materializam na pesquisa. Observando, se as práticas de sociabilidade dessas idosas da associação reproduzem, simultaneamente, vivências em realidades opostas, ora ajustadas à liberdade, à independência e à busca ao envelhecimento bem-sucedido, ora ao desempenho de papéis voltados à esfera familiar e aos sistemas de gênero. Assim como, verificar se as questões de gênero, raça, classe e sexualidade vão contrapor essa noção de

envelhecimento ativo na terceira idade.

Considerando que, Becker (1999), compreende que determinadas hipóteses (como as mencionadas acima) podem ser reformuladas durante o processo investigativo em razão do que se concebe e se observa no campo empírico, portanto, não a tornando fixa e pré-desenvolvida.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

Verificar se as práticas sociais das idosas aposentadas que frequentam a associação assemelham-se com a concepção de envelhecimento ativo, problematizando em que medida os valores morais da família e da sociedade contemporânea emancipariam estas idosas de seus papéis tradicionais para vivenciar o envelhecimento ativo de maneira livre e autônoma, garantindo a sua sexualidade, independência e lazer.

2.1.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar se as práticas de sociabilidades dessas idosas aposentadas se aproximam da concepção de envelhecimento ativo no campo de investigação da ABAPP;
- b) Verificar como essas idosas aposentadas percebem sua sexualidade, a questão de gênero, de raça, de classe social e a feminilidade na velhice frente aos valores morais da família e do contexto social atual.

3. Operacionalização da Pesquisa e Justificativa

O tema da pesquisa foi se construindo aos poucos. Primeiramente, em razão de algumas experiências vivenciadas pela pesquisadora em sua graduação na área do direito em 2011, na qual investigou os maus tratos contra os idosos e a responsabilização dos familiares na esfera cível nas cidades de Pelotas e Porto Alegre. Desde então, passou a ter contato com artigos e dissertações acadêmicas sobre o envelhecimento humano, passando a verificar as constantes transformações irreversíveis na condição humana temporal e intensificada na etapa da velhice.

A partir disso, deu-se a continuidade nas pesquisas, aprofundando-se nas teorias sociológicas do envelhecimento provenientes da gerontologia social. Constatou-se que o tema do envelhecimento humano desenvolvia interrogações não apenas sob a perspectiva biológica e fisiológica, mas, também, nas vivências sociais, culturais e psicológicas do indivíduo e que tal fenômeno social era cada vez mais forte nas sociedades contemporâneas. Contudo, somados ao ingresso da pesquisadora ao mestrado em sociologia na Universidade Federal de Pelotas em 2017, onde, estudou a noção de indivíduo e sociedade, passou, então, a investigar e relacionar os estudos de gênero (no segmento feminino) com a categoria da velhice.

A partir disso, passou-se a analisar as práticas sociais das idosas e a concepção da noção de envelhecimento ativo na terceira idade. Já que essa vertente de estudo é bastante discutida na comunidade de Pelotas⁴ e por pesquisadores de demais áreas de conhecimento como, por exemplo, a medicina e a psicologia.

Nesse sentido, procurou-se verificar se as idosas aposentadas da Associação beneficente de aposentados e pensionistas de Pelotas – ABAPP vivenciam uma velhice ativa frente aos valores (morais) de um desigual sistema de gênero estabelecido na contemporaneidade. Conferindo um debate interseccional com outras categorias, tendo em vista que questionar a emancipação das idosas na terceira idade frente as convicções morais da família e do contexto contemporâneo, também, é interrogar-se sobre os aspectos de raça, gênero, sexualidade e classe

⁴ O envelhecimento ativo é bastante debatido na comunidade de Pelotas, e considerado como ferramenta de política pública para os idosos da cidade no conselho municipal do idoso, no âmbito da área da saúde no curso de medicina e enfermagem da faculdade federal como também em centros de referência de envelhecimento como o SESC/RS entre outros.

social.

Desse modo, mostra-se a relevância da pesquisa, a necessidade de debater sobre o envelhecimento funcional no âmbito das discussões sociológicas, sendo indispensável questionar a aproximação desse envelhecimento ativo com práticas sociais dessas idosas, que por vezes, mostra-se um discurso homogêneo diante das heterogeneidades que compõem a velhice contemporânea.

4. ABAPP como campo de investigação

A associação de aposentados e pensionistas de Pelotas – ABAPP – foi fundada na década de setenta como uma entidade social de caráter beneficente, com a finalidade de congregar aposentados e pensionistas que sejam vinculados ao Instituto nacional de previdência social – INSS, oferecendo serviços especializados a essa população idosa da cidade de Pelotas.

A instituição é composta e dirigida por fundadores e diretores⁵ desde o ano de 1920. Encontra-se situada no centro da cidade na Rua Almirante Barroso, nº 1582. Essa associação possui uma infraestrutura que além de disponibilizar aos seus associados serviços especializados como médico, dentista, psicólogos, departamento jurídico e entre outros serviços, promove múltiplas atividades sociais como a aéro dança, artesanato, cibercultura, dança de salão, ginástica, pintura em tela e etc. Ainda, desenvolve eventos culturais abertos ao público com palestras informativas, e com isso torna-se um espaço de socialização e de integração entre os idosos aposentados e pensionistas da comunidade.

Além de comportar idosos aposentados ou/e pensionistas abrange os familiares (cônjuges e companheiros) que se beneficiam dos serviços ofertados pela instituição, ressalta-se que a associação não tem fins lucrativos, porém, disponibiliza de uma infraestrutura que possibilita diversos atendimentos clínicos e atividades sociais por meio de uma contribuição financeira simbólica – mensal (de vinte e sete reais) de seus associados, a qual é reinvestida para melhoria da instituição.

Em virtude desses fatores (sociais, culturais e demográficos), a pesquisadora

⁵ Disponível em: <http://www.abapp.com.br/index.php/sobre/7/diretoria>. Acessado em 19 de dezembro de 2018.

elegeu a ABAPP como espaço ideal – de socialização – para a presente investigação empírica, especialmente, por ser um cosmo social que congrega, de forma espontânea, uma comunidade de mulheres idosas, conferindo a elas um ambiente de convivência e de partilhamento de interconhecimento social essencial para a construção empírica. A partir disso, a pesquisadora elegeu os cursos de artesanato e pintura em tela para a observação participante, investigando suas práticas sociais, uma vez que estes cursos são formados apenas por mulheres.

Desse modo, as análises sociológicas realizadas no presente trabalho dividiram-se da seguinte forma: o primeiro capítulo refere-se ao envelhecimento humano, subdividindo-se em três partes; a primeira aborda as demografidades, denunciando o envelhecimento acelerado da população idosa brasileira, revelando as taxas médias de crescimento populacional, de natalidade, de fecundidade e mortalidade, e ainda apresenta uma projeção populacional de idosos para o ano de 2050. Na segunda parte aborda-se o fenômeno da feminização da velhice (maior proporção de mulheres que de homens na população idosa), apontando o aumento significativo de anos acrescidos às idosas brasileiras, demonstrando que embora vivenciem mais que os homens possuem uma significativa redução na qualidade de vida, visto que o sistema de gênero tem estruturado as trajetórias sociais dessas mulheres, em consequência, repercutindo em suas velhices; e, finalizando com uma projeção populacional de mulheres idosas para o ano de 2050. Na terceira e última parte deste capítulo, apresenta-se um debate sobre o envelhecimento humano pela perspectiva social, dissertando sobre as teorias sociológicas do envelhecimento, dentre elas a teoria do desengajamento e da atividade, as quais fundamentam e orientam a prática discursiva do envelhecimento ativo, apresentando o indivíduo como unidade de análise, buscando explicar os padrões positivos e negativos de ajuste do novo sujeito idoso à sociedade.

O segundo capítulo disserta sobre a trajetória sócio histórica da noção de envelhecimento ativo, e como ela se estabelece como uma prática de sociabilidade na terceira idade. Dessa forma, a pesquisa vai compreendendo como esse envelhecimento funcional vem realizando uma composição de práticas assertivas embasadas em autonomia e liberdade, assim, repensando os padrões tradicionais de velhice. A partir disso, essa noção é contrastada e clarificada pelas acepções de Simone Beauvoir (1990) em sua obra “A velhice: Realidade incômoda” e Ecléa Bosi

em “Memórias e Sociedade: Lembranças de Velho” (1994), as quais estabelecem como é visto o processo de envelhecimento de seus integrantes em um sistema capitalista calcado na ideia de subalternidade e exclusão social. E ainda, neste terceiro capítulo, disserta-se sobre as intersecções sistêmicas que agem no corpo e no mundo cultural dessas idosas, articulando ferramentas de análises; como o conceito de classe social e a marca da cor que Florestan Fernandes (2008) trabalha em sua obra “Integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca”. Somando-se à Judith Butler (2010) em sua obra “Problema de gênero”, a qual trabalha com o gênero e com a questão da sexualidade. Essas categorias em confluência com o marcador da velhice atuam como vetores de dominação em sistemas de gênero, complexificando-os e, por conseguinte, reconhecendo as especificidades e as diversidades que o social opera e produz nas trajetórias de vida de cada mulher idosa.

O terceiro e o último capítulo, considerado o mais extenso e denso do trabalho, alude sobre os caminhos metodológicos aplicados à pesquisa, como a metodologia da etnografia baseada nos conceitos de Stéphane Beaud e Florence Weber (2014), utilizando as técnicas da observação participante seguida de entrevistas semiestruturadas com um roteiro base, conforme Trivinos (1987) afirma que são as melhores forma de captar e descrever esses fenômenos sociais. Finalizando, com as exposições dos dados empíricos e as considerações finais acerca da problemática sociológica.

1. ENVELHECIMENTO HUMANO

1.1. Envelhecimento e sua transição demográfica no Brasil.

Para compreender a categoria do envelhecimento humano se faz necessário uma análise do seu perfil demográfico. E neste capítulo será apresentada sumariamente uma noção demográfica do envelhecimento brasileiro.

O envelhecimento populacional vem se tornando um fenômeno universal,

comum a toda humanidade, e contemporâneo, e no Brasil a partir da década de 1980 este crescimento vem evidenciando-se de forma significativa. O censo demográfico Brasileiro é realizado há cada dez anos pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, e o último recenseamento ocorreu no ano de 2010, revelando que há cerca de 20 (vinte) milhões de pessoas idosas no país, representando 11% (onze por cento) da população brasileira. Estes dados estão discriminados por Camarano *et.al* (2016, p.64):

Em 1980 a população brasileira era constituída por 7,2 milhões de pessoas, o que representa 6,1% do total da população. Em 2010, passou para 20,6 milhões e compunha, aproximadamente, 11% da população total (CAMARANO *et al.*, 2016, p. 64).

Estas noções demográficas reforçam que o envelhecimento da população vem ocorrendo de forma gradativa a partir da década de 80 (oitenta), e sendo que anterior a isto, de acordo com os indicadores do IBGE (2010), o Brasil apresentava um padrão demográfico estável, compondo-se de uma população de pessoas jovens, entretanto, este processo acelerado de envelhecimento se deu em razão de um novo perfil epidemiológico (com índices reduzidos de natalidade e fecundidade, e o aumento da mortalidade).

Tendo em vista que no Brasil os censos demográficos são elaborados pelo IBGE (2010) desde 1872, e o mais recente foi no ano de 2010, confirmou-se neste último alterações nestas questões demográficas. Os indicadores do IBGE (2010), também confirmam o declínio dos níveis de natalidade (em razão da entrada da mulher ao mercado de trabalho e entre outros determinantes), o declínio de fecundidade (mudanças no comportamento reprodutivo da família brasileira) e o aumento da mortalidade na faixa etária jovem e adulta (em razão de inúmeros fatores como, por exemplo, a violência, a saúde precária e etc.). Diante disso, tornou-se imperioso para esta pesquisa desenvolver cronologicamente estas questões, mesmo que sucintamente, para discutir o envelhecimento da população brasileira na contemporaneidade, e assim, posteriormente, compreender o fenômeno da feminização da velhice na presente pesquisa.

1.1.1 Taxas (média) de crescimento populacional, natalidade, fecundidade e mortalidade no Brasil.

Segundo o censo de 2010⁶, a partir da década de 80 (oitenta) a taxa de crescimento⁷ da população brasileira reduziu progressivamente, retrocedendo de 3,04% ao ano para 1,05% no ano de 2008. Estes declínios no percentual da população ocorreram em razão dos seguintes fatos: nesse mesmo período os índices de mortalidade também reduziram, enquanto os indicadores de natalidade seguiam em ascensão até os anos 70 (setenta), ocorrendo a chamada explosão demográfica ou o *baby boom*⁸. O censo, ainda, mostrou que após este lapso temporal, os marcadores de natalidade passaram a declinar (até os anos de 1990), chegando ao chamado “período do descenso dos nascimentos”, assim, estendendo-se até o ano de 2013. Em contrapartida deu-se o estancamento das taxas de mortalidade em geral, ilustrando um período de estagnação de crescimento populacional.

Ademais, o censo afirma que neste mesmo período (década de 70/80) métodos anticoncepcionais (orais) foram lançados à população, por conseguinte, a taxa nacional de fecundidade caiu ao longo dos anos. O censo, ainda, confirma que “as PNADS 2006 e 2007 já apresentavam estimativas que colocam a fecundidade feminina no Brasil abaixo do Nível de reposição das Gerações (1,99 e 1,95 filho por mulher, respectivamente)” (IBGE, censo 2010).

Somando-se ao aspecto contraceptivo, as mulheres passaram a conquistar espaço e direitos na sociedade como o ingresso ao mercado de trabalho, à vista disso, um novo comportamento reprodutivo na família brasileira repercutiu diretamente nas taxas de fecundidade (IBGE, censo 2010). Diante destes fatos contemporâneos, a população cresceu inversamente ao prenunciado,

⁶IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=1272&t=IBGE-popula%C3%A7%C3%A3o-brasileira-envelhece-ritmo-acelerad&view=noticia>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2019.

⁷ Definição de Taxa de crescimento: A variação média anual percentual na população, resultante de um excedente (ou deficit) de nascimentos em relação a mortes e o saldo de migrantes que entram e saem de um país. (IBGE, 2010)

⁸ O termo baby boom refere-se a um intervalo de tempo em que a soma de nascimentos excedeu ao número de mortes (IBGE, 2010).

consubstanciado o envelhecimento populacional.

Além disso, o censo também revela que a taxa de mortalidade infantil no país permaneceu em uma média altíssima, embora tenha havido uma queda de 23,3% de óbitos infantis (em menores de 01 ano para cada mil nascidos vivos). No entanto, ainda se considera elevado este índice em relação a outros países desenvolvidos. Assinala, ainda, que fatores como o aumento da escolaridade, educação, acesso à saúde e um bom saneamento contribuem com o declínio dessa taxa (ainda alta) sobre a mortalidade infantil no Brasil.

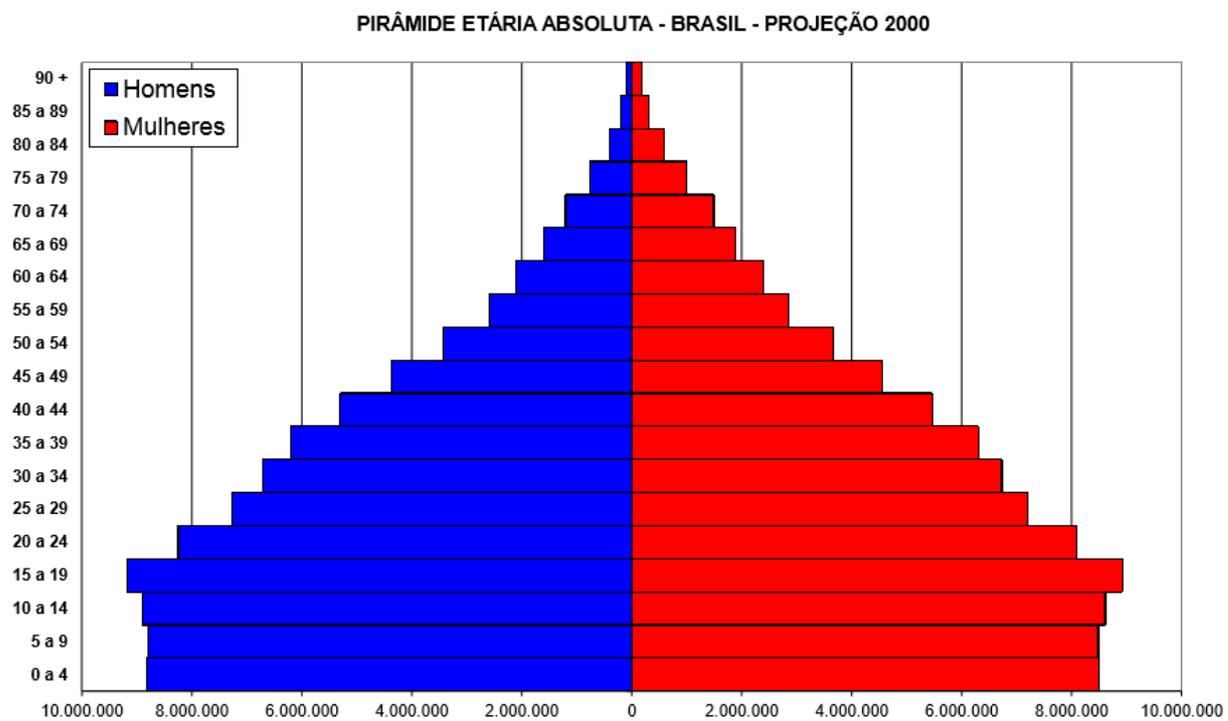
Reiterando sobre os números de mortalidade, o censo de 2010, verificou que no ano de 1980 ocorreram números ainda maiores de mortalidade em razão da violência, atingindo, sobretudo, jovens e adultos do sexo masculino, embora a expectativa de vida (em anos) permanecesse em elevação, propiciando longevidade ao restante da população, inclusive às mulheres.

Assim, resultando em um crescimento populacional desigual, em curto prazo, entre os sexos corporificando a feminização, especialmente, na velhice.

1.1.2 Projeção do crescimento populacional brasileiro

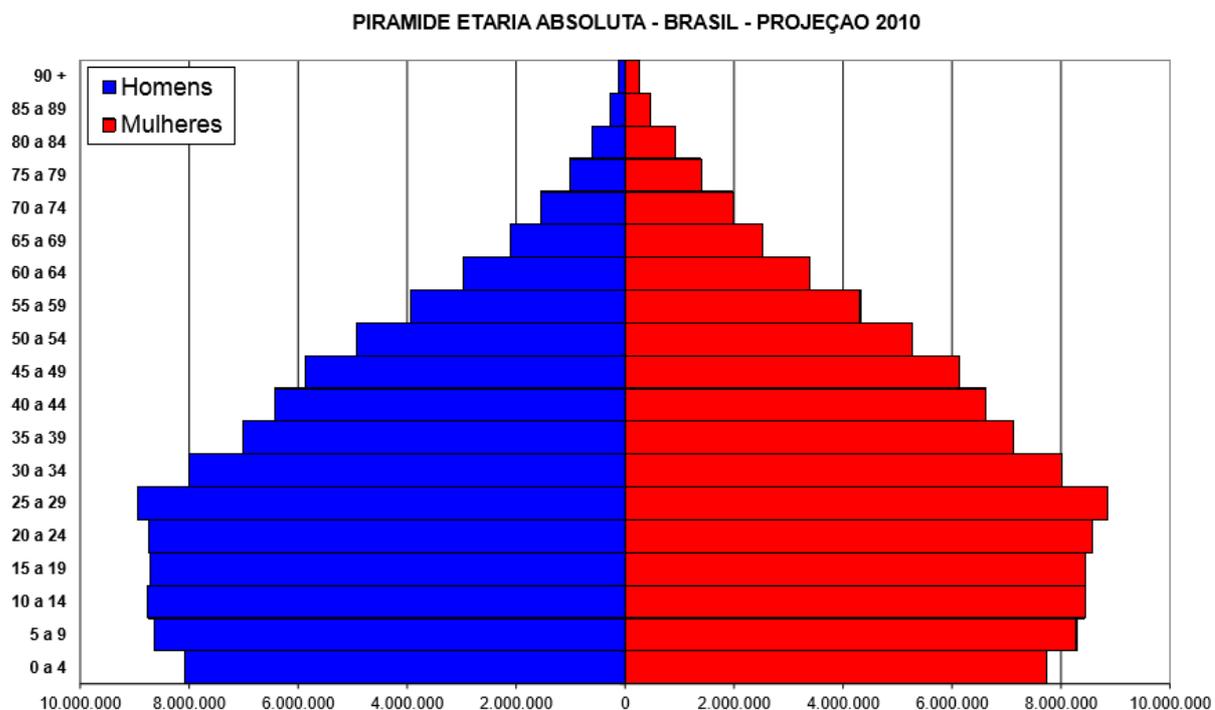
Diante desta contextualização (concisa) sobre as razões do acelerado envelhecimento brasileiro, tais motivações também repercutir-se-ão na estrutura da pirâmide populacional, já que a estrutura experimentar-se-á um alargamento em seu topo, em contrapartida, uma redução na sua base causando o seu estreitamento. Ou seja, a pirâmide populacional brasileira vem perdendo paulatinamente a sua aparência piramidal. Dessa forma, seguem gráficos ilustrativos (figura 1, 2, e 3) da pirâmide populacional brasileira nos anos de 2000, 2010 e a projeção da pirâmide para o ano de 2050 – e suas respectivas formas piramidais:

Figura 1



Fonte: Projeção da população por sexo e idade (IBGE – Brasil – 2000 – 2060).

Figura 2

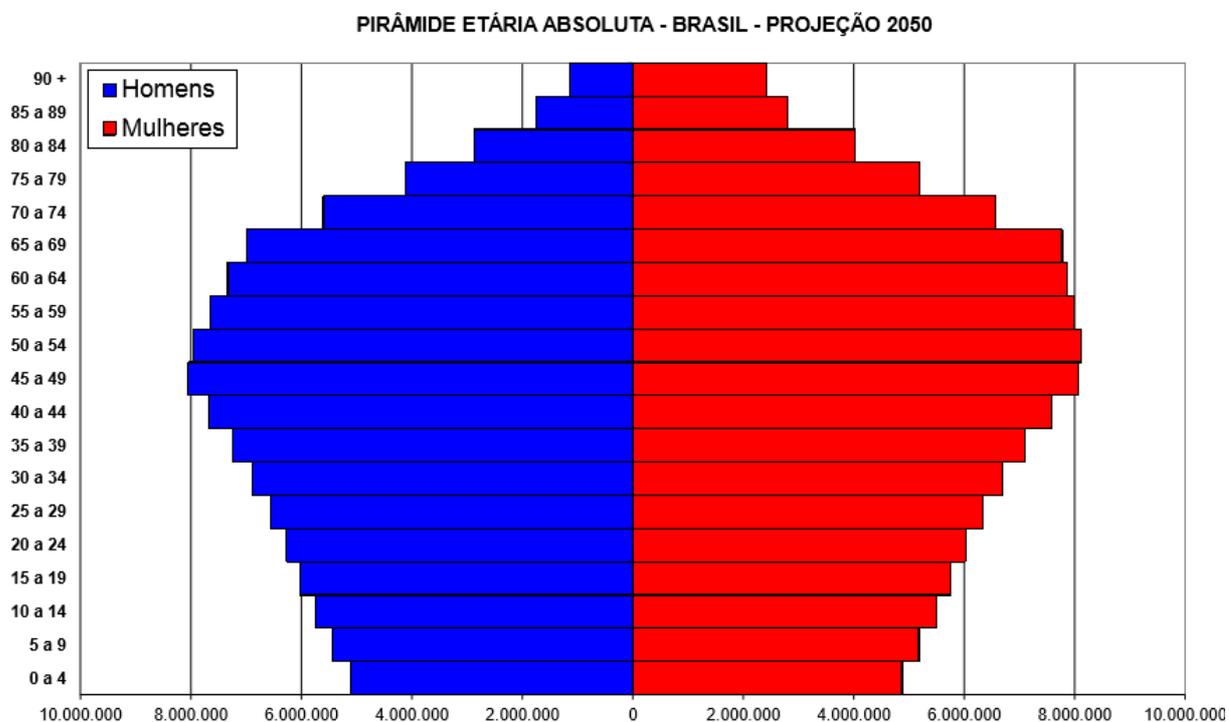


Fonte: Projeção da população por sexo e idade (IBGE – Brasil 2000 – 2060).

Estas imagens evidenciam que o país caminha apressadamente para uma composição extremamente envelhecida, uma vez que fica perceptível (na imagem) a transição da população jovem e adulta para as chamadas idades potencialmente inativas (já que na base da pirâmide a população permanece em declínio, alterando o formato da pirâmide. Dessa forma, transfigurando aquele contexto populacional predominante de jovens em face de uma população mais madura, posto que o processo de envelhecimento é um fenômeno irreversível.

A seguir a projeção – formato da pirâmide para o ano de 2050:

Figura 3



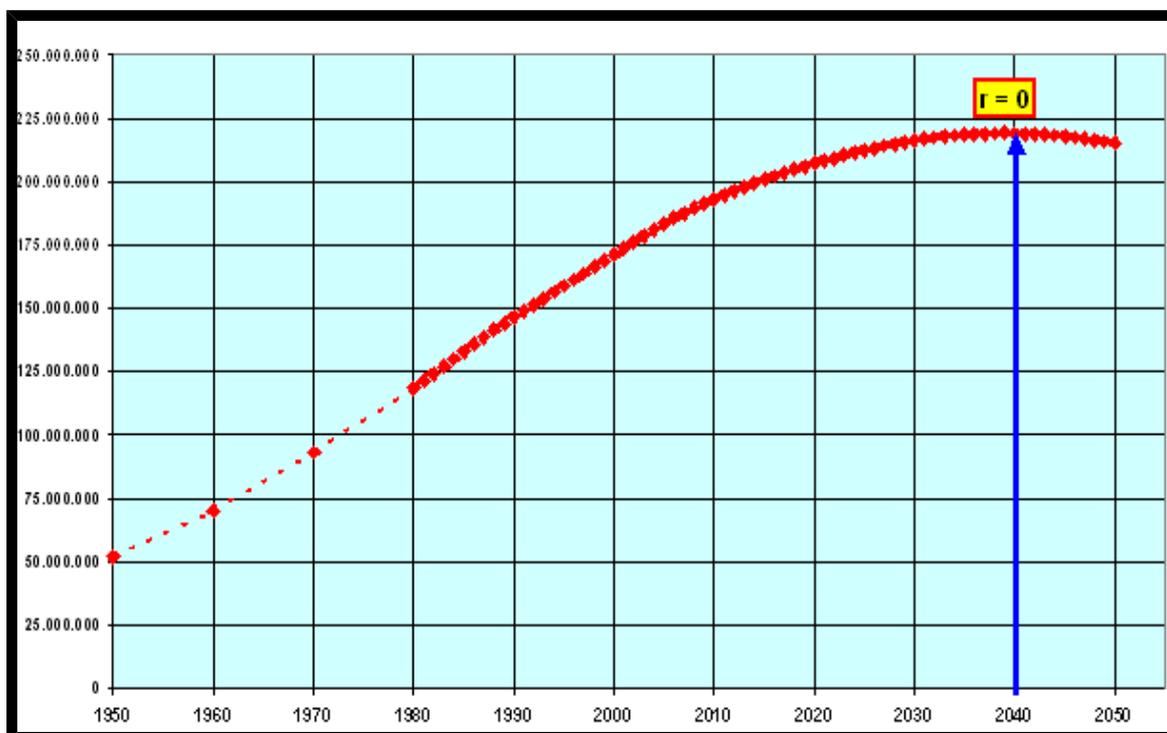
Fonte: Projeção da população por sexo e idade (IBGE Brasil 2000-2060).

Seguindo neste raciocínio, e verificado a imagem ilustrativa acima, a população brasileira para 2050 será predominantemente de velhos. E ainda, o último censo projeta que “a população brasileira continuará crescendo até 2042, quando deverá chegar a 228,4 milhões de pessoas. A partir do ano seguinte, ela diminuirá gradualmente e estará em torno de 218,2 milhões em 2060.”⁹

Conforme corrobora o próximo gráfico:

⁹IBGE, Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=1&idnoticia=2455&busca=1&t=população-brasileira-deve-chegar-maximo-228-4-milhoes-2042>. Acessado em: 08 de fevereiro de 2019.

Figura 4 – Crescimento da população entre o ano de 1950 a 2050



Fonte: Adaptado do IBGE (2010).

Tanto a imagem ilustrativa como citação demonstram que o envelhecimento populacional atingirá seu contingente máximo de crescimento entre as décadas de 2030 e 2040, retratando uma sociedade extremamente envelhecida. Além disso, a OMS e os dados demográficos do IBGE (2010) - Departamento de População e Indicadores Sociais também confirmam uma projeção populacional idosa de aproximadamente de 32 milhões para 2025, tornando o Brasil o primeiro país em população idosa na América Latina e o sexto em termos mundiais.

E por fim, o censo projetou também a expectativa de vida em anos afirmando que “o país continuará galgando anos na vida média de sua população, alcançando em 2050 o patamar de 81,29 anos”. Já que no momento atual é de 72,7 anos. (IBGE, censo 2010).

Portanto, torna-se vital ter um olhar vigilante a esta nova realidade social, posto que setores tanto da sociedade como do Estado serão diretamente afetados: como a previdência social, o mercado de trabalho, o consumo, área jurídica, a saúde e sobretudo a composição familiar.

1.2. FENÔMENO DA FEMINIZAÇÃO NA VELHICE

1.2.1 Projeção da População Feminina na Velhice.

Com o manifesto envelhecimento da população brasileira nas últimas duas décadas, concomitantemente, sobreveio um fenômeno chamado de feminização da velhice. Este fenômeno tem alcançado índices demográficos altíssimos em termos mundiais, e no Brasil as proporções não são diferentes.

Autoras como Isolda Belo (2013) e Nilza Maria dos Santos (2016), certificam que as mulheres idosas são maioria em todas as sociedades envelhecidas, e que no Brasil a média é em torno de 55,8% na população. Esse aumento do número de mulheres foi discriminado e apresentado pelo recenseamento em 2010:

Em 1980, para cada grupo de 100 mulheres, havia 98,7 homens. Em 2000, já se observam 97 homens para cada 100 mulheres e, em 2050, espera-se que a razão de sexo da população fique por volta dos 94%. Dessa forma, verificam-se elevações no excedente feminino na população total que, em 2000, era de 2,5 milhões de mulheres e, em 2050, poderá atingir quase 7 milhões.

Embora essa porcentagem elevada de mulheres na terceira idade – de 58% – não demonstre de fato uma feminização na velhice, aponta para a materialização desse fenômeno a curto prazo, já que além de ser contemporâneo manifesta-se progressivo. Reiterando, que os declínios de natalidade, fecundidade e de mortalidade nos últimos tempos, resultaram em um superenvelhecimento da população.

Camarano *et al.* (2016) afirmam que o superenvelhecimento populacional denota duas consequências: “o aumento da proporção de mulheres conforme a idade avançada e o crescimento da população muito idosa, de 80 anos ou mais” (CAMARANO *et al.*, 2016, p.97).

Neste mesmo sentido, Neri (2007) ratifica que as PNADs de 2006 publicadas

pelo IBGE em 2006, já apresentavam uma porcentagem significativa de 52,3% de mulheres residentes na área urbana brasileira. Confirmando que em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre “o número de idosas corresponde a mais que o dobro do número de idosos do mesmo grupo etário” (Neri, 2007, p. 56), demonstrando que estas regiões são áreas populosas e de predomínio do sexo feminino na faixa etária adulta e especialmente a mais velha.

Desse modo, verifica-se que a feminização não persegue apenas a faixa etária das mulheres em idade inativa, consiste em um fenômeno social que abrange os demais grupos etários. Por conseguinte, resta evidente o fator da longevidade que provém da expectativa de vida do idoso, já que Merighi *et.al* (2013) afirma que a chamada “expectativa de vida” (em anos) das idosas em comparação aos homens idosos era de 77,01 para mulheres e 70,6 anos para homens, revelando que elas vivem em torno de 6 (seis) anos a mais que os homens, e assim, evidenciando que a feminização não define-se apenas pelo acréscimo de vida ao indivíduo. A partir destas considerações, esta pesquisa pretende compreender como esse contingente feminino envelhece e como suas práticas e vivências sociais são construídas neste novo contexto contemporâneo, embora ainda muito estigmatizada socialmente. Clarificando as projeções demográficas desse fenômeno e provocando à sociedade a respeito do gênero – da feminização na velhice.

1.2.2 O universo social do envelhecimento torna-se feminino

Neri (2007) afirma que a feminização se compõe por duas importantes variáveis: a idade e o sexo. Expõe, ainda, que estes aspectos em intersecção condicionam diferentes formas de envelhecer levando em consideração as trajetórias sociais desses indivíduos que compartilham o mesmo espaço social. Nestas considerações, a autora tenta demonstrar que a velhice passa a ser uma construção social, individual, e por vezes, vivenciadas de forma desigual entre homens e mulheres. Com isso, a feminização não concerne apenas em números, em verificar se há mais mulheres idosas do que homens idosos, mais mulheres velhas do que homens velhos no mundo ou no Brasil, vai, além disso, refere-se como elemento de sistema de gênero que se intensifica com o envelhecimento populacional.

Neri (2007), ainda, afirma que, pelo aspecto sociodemográfico, a feminização está relacionada com fenômenos anteriormente mencionados: como a **longevidade** das mulheres em comparação aos homens; porém, existe um marco social contemporâneo que passa a ser evidenciado em suas trajetórias; o número crescente de idosas que passam a auferir **aposentadoria** e a integrar à população economicamente ativa, e conseqüentemente, tornam-se chefes de família. Com isso, a autora pontua: “Como consequência, é possível observar o aumento da visibilidade da velhice, em particular das mulheres idosas, e a criação de novas instituições, políticas e práticas sociais para dar conta da novidade” (NERI, 2007, p. 48).

Dessa forma, a feminização aliada a esses novos aspectos sociais (longevidade, aposentadoria entre outros) proporcionam as idosas aposentadas novas práticas de sociabilidades no contexto contemporâneo, conforme se observa no conteúdo da entrevistada n. 07: “[...] meu dinheiro faço o que eu quero, eu não dou satisfação, se eu quero sair pra baile eu vou [...]”.

Esta fala vai ao encontro do que Neri (2007) conceitua a respeito da feminização pelo prisma sociológico, demonstrando transformações sociais que antes não existiam no universo feminino e passaram a atingir as normas etárias e de gênero na contemporaneidade. A autora tenta demonstrar a autonomia feminina e o seu empoderamento na atualidade, conquistando seu direito de lazer, de educação, de trabalho e de comportamento sexual, ou seja, dispo de autonomia e maior liberdade para vivenciar esse mundo feminino e maduro.

Por conseguinte, a feminização oportuniza essas novas vivências e possibilidades, que por vezes, não foram experimentadas enquanto jovens em razão de uma geração que viveu sob a dominação masculina obedecendo aos limites impostos pelo pai e marido. Em razão disso, a longevidade mostrou-se como ferramenta de liberdade para estas mulheres hoje, mesmo que mais velhas; a expectativa de vida enseja neste público feminino a busca de novas formas de se permitir e reproduzir novas práticas sociais de forma saudável, atuante e independente buscando o bem-estar social.

Seguindo esse silogismo, Salgado (2002, p.9) define bem a realidade social da feminização brasileira: “o mundo contemporâneo do adulto de idade avançada,

bem como o futuro, é e será predominantemente um mundo de mulheres.” Entretanto, esse universo feminino que implica em autonomia e liberdades associado ao um envelhecimento saudável e ativo, por vezes, encontra-se, contextualizado em um cenário social ainda muito estigmatizado oriundo de país em transição econômica ausente em estrutura social, econômica e política. Com isso, podemos afirmar que diferentes concepções atuam dentro de uma mesma estrutura de feminização, atribuindo diferentes complexidades em cada trajetória individual feminina, dimensionando diferentes experiências subjetivas e as tornando singular e única; e assim compondo um único universo feminino.

Então, a feminização passa a ser um fenômeno que abrange um grupo social, porém, age de forma individualizada em cada indivíduo construindo cenários de heterogeneidades, sendo necessário o reconhecimento e a necessidade de cuidados sociais para este grupo. Nesse sentido, pensa-se que medidas a sociedade oferece a este novo grupo social das idosas aposentadas? Que práticas de sociabilidade são legitimadas pela sociedade e pelo Estado em favor dessas mulheres?

Dessa forma, a pesquisa pretende verificar se o envelhecimento ativo seria uma delas, se seria uma forte política pública que englobaria as diferentes trajetórias de velhices femininas existentes nesse universo do envelhecimento.

1.3. ENVELHECIMENTO HUMANO SOB A PERSPECTIVA SOCIAL

1.3.1 Teorias Sociológicas do Envelhecimento

As teorias sociológicas do envelhecimento abordadas no trabalho dialogam com os princípios de liberdade e autonomia do envelhecimento ativo. No entanto, para compreender estas teorizações, também, se fazem necessárias as suas contextualizações históricas.

Nas sociedades modernas, o envelhecimento já era questão inquietante em aspectos biológicos e medicinais, entretanto, a partir de meados do século XX, os problemas de ordem social começaram a ser evidenciados, sendo um deles a

adaptação do indivíduo – do idoso à sociedade ao longo do seu ciclo de vida (NERI, 2013). De acordo com Doll *et al.* (2007), o estudo sobre o envelhecimento humano possui três vertentes: velhice, idosos e o envelhecimento. A distinção entre estes segmentos é de que a velhice explicaria os fenômenos sociais e culturais (no qual a categoria da idade é utilizada como referência para regular os enfrentamentos sociais do dia a dia); os idosos descreveriam a velhice e os seus problemas biológicos sobrevivendo com ela, e por último as teorias do envelhecimento, que para autora, são teorias genuinamente sociológicas, uma vez que versam sobre as mudanças sociais durante o curso de vida daquele indivíduo e as interdependências entre as diferentes gerações.

As teorias sociológicas do envelhecimento se deram origem com Nascher¹⁰, fundador da geriatria e precursor da sociologia médica. Estas teorias ganharam espaço no cenário americano antes da Primeira Guerra Mundial, porém, cientistas de várias áreas ambicionavam a criação de uma teoria geral que descrevesse o fenômeno do envelhecimento. Entretanto, após a segunda grande guerra, muitas conjecturas sobre o envelhecimento sobrevieram, porém, nenhuma debatia a interdisciplinaridade como ponto de integração entre os saberes que versavam sobre o processo de envelhecimento. A biologia teorizou em sua vertente biológica, assim como a psicologia teorizou seus estudos apenas ao comportamento do indivíduo, enquanto as teorias sociológicas do envelhecimento buscavam compreender como o sujeito se adapta a uma determinada sociedade na proporção que envelhece e ainda como esta estrutura social determina esses padrões de envelhecimento (DOLL *et al.*, 2007).

As teorias sociológicas do envelhecimento se dividem em três gerações, a primeira geração (1949 – 1969) baseia-se em fatores de nível micro, como papéis, normas e grupos de referência social, assim destacando o indivíduo como padrão de análise; como as teorias da atividade e do desengajamento – abordadas neste trabalho. Já as outras gerações; a segunda (1970 – 1985) e a terceira (década de

¹⁰ Ignatz Leo Nascher, fundador da geriatria e precursor da sociologia médica, em sua obra “Geriatrics, 1907”, tinha como subtítulo “As doenças da velhice e seu tratamento, incluindo o envelhecimento fisiológico, o cuidado domiciliar e institucional e relações médicos legais” (NERI, 2013).

1990); abordam teorias¹¹ com uma estrutura em nível macro; no entanto, as teorias¹² de terceira geração buscam uma síntese das duas gerações anteriores, ou seja, uma unidade de análise mais ampla entre a estrutura e o indivíduo.

A partir dessas concepções disserta-se a respeito das teorias mais recorrentes que consideram o indivíduo como unidade de análise – a teoria do desengajamento e da atividade.

1.3.2 Teoria do Desengajamento.

De acordo com o Doll *et al.* (2007) a teoria do desengajamento edificou-se por uma pesquisa realizada por Cumming e Henry, a qual, posteriormente foi publicada em um livro chamado “*Growing Old*” em 1961. Esta teoria foi construída a partir de uma perspectiva teórica Funcionalista Estrutural de Talcott Parsons¹³, o qual escreveu o prefácio do aludido livro. Em razão disso foi considerada genuinamente sociológica, e neste mesmo sentido, também, enquadrou-se como uma teoria clássica dentre as demais teorias do envelhecimento por evidenciar os aspectos sociopsicológicos¹⁴.

A teoria desengajada concebe o processo de envelhecimento a partir das mudanças do sujeito com seu meio social. Afirma que o desengajamento social ocorre por meio de um processo natural de desvinculação entre o idoso e a sociedade, onde tal rompimento de laços sociais partir-se-ia do senso comum dos próprios idosos. Sustenta que esse afastamento social advém de forma espontânea quando se envelhece, e ainda de forma satisfatória, pois, oferece uma liberdade maior para estas pessoas, porém, reforça o desengajamento enquanto termos sociais, que por sua vez, prepara o indivíduo velho para morte e ainda abre espaço

11 Teorias que compõem a segunda geração são: teoria da continuidade, teoria do colapso de competência, teoria da troca, teoria da estratificação por idade, teoria político econômica do envelhecimento. (DOLL *et al.*, 2007).

12 As teorias que fazem parte da terceira geração: construcionismo social, teoria crítica, perspectiva do curso de vida. (DOLL *et al.*, 2007).

13 Talcott Edgar Frederick Parsons foi um sociólogo estadunidense. Seu trabalho teve grande influência nas décadas de 1950 e 1960 (DOLL *et al.*, 2007).

14 Ciência que estuda e analisa o comportamento humano, os processos mentais e a personalidade de cada pessoa e como ela se familiariza diante da sociedade, em meio a múltiplas culturas e em meio ao mundo (DOLL. *et al.*, 2007).

para o surgimento de indivíduos mais jovens na sociedade (DOLL *et al.*, 2017; NERI, 2013).

Então, essa teoria assegura que o isolamento social possibilitaria novas experiências na velhice, isto é, sob a condição de desengajar-se do seu ambiente sociável, por meio da emancipação total de papéis e de práticas sociais vinculadas à sociedade que estão inseridos. Assim, passar-se-ia existir novos comportamentos e experiências baseadas em liberdade e autonomia, as quais dialogam com a noção do envelhecimento ativo. No entanto, tal teoria parte apenas do dualismo homem e ambiente sociável, conforme afirmam os autores:

A teoria do desengajamento não esclarece a heterogeneidade entre os indivíduos, pois propõe solução para o dualismo pessoa-ambiente, **afirmando que as demandas biológicas e sociais se assemelham na velhice, apresentando estilos de vida homogêneos** (DOLL *et al.*, 2007, p. 18). **(Grifos nossos)**.

Essa teoria de desengajar-se não considera as questões heterogêneas da velhice, como as variáveis de classe social, renda, educação, gênero, entre outras. Apenas universaliza o desengajamento social entre o indivíduo e a sociedade em que ele se encontra inserido. Oportunizando “um número reduzido de interações **oferece, por um lado, uma maior liberdade aos idosos**; por outro lado, reforça o desengajamento, pois os idosos não conseguem mais estabelecer novos vínculos [...] comum com outros”(DOLL. *et al.*, 2007, p. 16).

Nesse contexto, a teoria do desengajamento viabiliza a lógica da liberdade na terceira idade pelo seu desengajamento social. Ou seja, os sujeitos empíricos da pesquisa, que são as idosas aposentadas da ABAPP; vivenciam sob a noção do afastamento social, em consequência, romper-se-iam com suas práticas sociais e laços familiares. Dessa forma, teriam a possibilidade de experienciar os “prazeres” que a terceira idade propõe.

A teoria do desengajamento pode ser corporizada na obra cinematográfica chamada *Estamira*¹⁵, esse filme expõe ao público o isolamento social posto à personagem com 63 anos; mulher, velha, negra, pobre e que sofre de problemas mentais; isola-se do mundo real para viver em um aterro sanitário chamado lixão de

¹⁵ *Estamira*. Dir. Marcos Prado, 2004. Film.

Gramacho. Esse isolamento social imposto à Estamira exemplifica o propósito da teoria; que para experimentar “falsamente” novas oportunidades na velhice precisa o idoso se desengajar-se totalmente do seu meio social.

Simbolizando, na realidade, o prenúncio da morte conforme afirma Elias (2001) “Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e nunca em condições tão propícias à **solidão**.” (2001, p.98 – **grifos nossos**). Isto é, a problemática estabelecida no documentário parte para uma reflexão acerca do desengajamento social e da ausência de políticas públicas, evidenciando as falhas da sociedade e do Estado, nessa senda, essa teorização dialoga com o fator das questões mentais que sofre a personagem, a qual vive isolada do mundo real – nesse sentido essa teoria condiciona a prática do isolamento social – da “substituição” por pessoas jovens e “saudáveis”; significa dizer a remoção de pessoas velhas e “inúteis” que passam a tornar-se problemas sociais ao seu contexto social.

1.3.3 Teoria da Atividade

De acordo com Neri (2013) e Doll. *et al* (2007), essa teoria desenvolveu-se na década de 1940 por Havighurst, quando ocorreu a sua publicação em uma obra científica¹⁶. Em seguida na década de 1960, esse mesmo autor criou um conceito chamado de teoria da atividade (do envelhecimento bem-sucedido). Esse conceito institui a cultura de envelhecer ativamente por meio de práticas funcionais em seu meio social, evidenciando a liberdade e a autonomia como princípios norteadores do idoso bem-sucedido.

Essa teoria sustenta o termo da “atividade social” que a noção de envelhecimento ativo propõe repensar aquelas práticas tradicionais de velhice, porém, de forma oposta à teorização anterior, incorporando uma lógica que dispõe de novas práticas de inclusão que lhes permitam envelhecer no meio em que convivem. Segundo Doll *et al.* (2007, p.12) “a teoria da atividade propriamente dita,

¹⁶ Havighurst em sua obra “*Developmental Tasks and Education*” publicada no ano de 1953, versava sobre atividades desenvolvimentistas. (DOLL. *et. al*, 2007).

ela procura explicar como os indivíduos se ajustam as mudanças relacionadas à idade.” Dessa forma, essa teoria contribuiu para que políticas públicas surgissem nas últimas décadas, como a noção de envelhecimento ativo da OMS.

No entanto, Doll *et al.* (2007) afirma que ambas teorizações se encontram intimamente ligadas porque construíram-se a partir de um mesmo estudo chamado de Kansas City Study, o qual centraliza-se na análise do indivíduo. Em consequência, ambas as conjunturas, **fundamentam-se nas possibilidades de envelhecer com liberdade e autonomia**, porém, de formas distintas como já mensurado. Enquanto a primeira teoria apenas enfoca no desengajamento social como principal prática de sociabilidade; a segunda aponta para uma série de medidas que visam à autonomia como uma prática de socialização contribuindo para o bem-estar dos idosos dentro do seu contexto social.

A partir disso a pesquisa compreendeu que dentre as existentes teorias sociológicas do envelhecimento, tanto a teoria do desengajamento e da atividade, são teorizações ainda muito recorrentes na contemporaneidade, porque incorporam a lógica da liberdade e da independência social, porém, formas distintas (seja de forma positiva ou negativa aos idosos). Entretanto, adotou-se a teoria da atividade para fundamentar a noção de envelhecimento ativo na presente pesquisa, já que fundamenta essa prática de sociabilidade na terceira idade.

2. ENVELHECIMENTO ATIVO

2.1. Política Pública para os idosos

Com o descompasso entre o acelerado envelhecimento da população brasileira e uma estrutura ineficaz em recursos públicos e sociais, se fez necessário o implemento de novas políticas públicas na atual sociedade. Segundo Faleiros (2016), embora a Constituição Brasileira de 1988 – CF/1988, a Política nacional do Idoso de 1994 – PNI somados em 2003 ao dispositivo legal do Estatuto do Idoso, tenham promovido a “cidadania idosa”¹⁷, afirma que na dinâmica da construção de cidadanização da velhice precisa se “(...) considerar quatro paradigmas de políticas elaborados a partir da história social e política: o filantrópico, o securitário, o da seguridade e o de envelhecimento ativo” (FALEIROS, 2016, p. 541). Como o trabalho centra-se no paradigma do envelhecimento ativo¹⁸, aprofundaremos apenas essa política social. A pesquisa, então, interroga esse conceito de envelhecimento ativo na terceira idade.

Segundo Barbieri (2014), o envelhecimento ativo é um discurso preventivista originado na gerontologia médica, e, ainda afirma que é um estilo de vida habitual e desejável que visa evitar a dependência e a fragilidade na etapa do envelhecimento. Retrata um novo modo de envelhecer participativo, que se materializa em práticas cotidianas do indivíduo; por meio da otimização de sentidos em intersecção, como o movimento físico aliado aos estímulos da capacidade cognitiva e somando-se à socialização habitual com o meio que convivem, assim, resultando na dinâmica da vida ativa na velhice.

¹⁷ A cidadania moderna está associada às conquistas expressas tanto pela Revolução Burguesa, conforme a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, resultante da Revolução Francesa de 1789, como pelas leis decorrentes das lutas dos trabalhadores, das pressões de suas organizações (Faleiros, 2016, p.538). A construção da cidadania se inscreve, ao longo desse processo histórico de pactuação e reconhecimento de direitos e deveres, na correlação de forças no estabelecimento de direitos e garantias para a sua execução. Faz parte da estrutura jurídica política, articulada ao **processo econômico e social, levando ao paradoxo de se estabelecerem direitos iguais numa sociedade desigual, permanente na democracia.** (Faleiros, 2016, p. 538). **(grifos nossos)**

¹⁸ A promoção do **envelhecimento ativo**, isto é, **envelhecer mantendo a capacidade funcional e a autonomia, é reconhecidamente a meta de toda ação de saúde.** Ela permeia todas as ações desde o pré-natal até a fase da velhice. A abordagem do **envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos das pessoas idosas e determinados pela Organização das Nações Unidas (WHO, 2002).**(PNSPI, 2006, Diretrizes, n. 3.1) **(grifos nossos).**

Barbieri (2014) relata que a “capacidade funcional”¹⁹ é um dos meios que o envelhecimento ativo se dispõe para atuar como política de prevenção na terceira idade. Entende-se que essa fala atenda aquele público idoso que tenha por perspectiva social “vidas saudáveis” e assim, possa reduzir a inaptidão física, mental e também o isolamento social desses indivíduos. No entanto, a autora (2014, p.139) afirma que esse envelhecimento “não rompeu com a noção anterior da velhice como doença”, ao contrário, denota “que a “terceira idade”, por outro lado, não substituiu a velhice: são duas representações diferentes, onde [sic] a primeira é carregada de imagens positivas e a segunda aquilo que se deve evitar.” (BARBIERI, 2014, p.143). Nesse sentido, Faleiros (2016) corrobora como a velhice é vista “na visão da gerontologia crítica, não como uma fase terminal da vida, mas como um processo da vida social, individual e de suas desigualdades nas relações e nas práticas estruturadas na dinâmica de correlação das forças” (FALEIROS, 2016, p. 542).

Diante dessas confluências de forças sociais, e considerando o aumento significativo da longevidade humana, **especialmente às mulheres**; o envelhecimento ativo delimitou-se como uma agenda pública de pesquisa. No entanto, o autor afirma que apenas recentemente no ano de 2013, “o paradigma do envelhecimento ativo e participativo se explícita no Estatuto do idoso de 2003 e torna-se, em 2013, uma proposta de política pública nacional” (FALEIROS, 2016, p. 543).

Sendo que somente neste referido ano realizou-se um encontro da Comissão do compromisso Nacional com o objetivo de mapear e planejar essa política pública. Nesse sentido, reforça-se o que os autores delineam sobre o envelhecimento ativo, que se tornou apenas uma política pública norteadora de saúde e de bem-estar social, e não um convite ilusório de solucionar os reveses naturais que a velhice carrega.

No entanto, o autor alega que o envelhecimento ativo muitas vezes é compreendido (distorcido) e utilizado como um recurso às performances econômicas em determinados países; se os idosos tornam-se mais ativos, poderão contribuir e

¹⁹ A “capacidade funcional” é o principal conceito no qual se baseia o programa de “envelhecimento ativo”, discurso de maior disseminação no campo do envelhecimento atual. Por não visarem a cura, já que muitas das patologias na velhice são crônicas, suas ações são direcionadas para um modelo de atenção voltado para a prevenção e para a promoção da saúde, que buscam a manutenção da autonomia e da independência dos indivíduos em sociedade.(Barbieri, 2014, p. 133).

reduzir os gastos para e naquela sociedade, e assim, permanecer-se-ão no mercado de trabalho produzindo mais rendimentos e fazendo parte da composição social, sendo e sentindo-se uma “utilidade social”. De certa forma, a ideia de produtividade, inicialmente, parece ser atrativa no aspecto de reduzir encargos e atribuir valor e socialização ao idoso por intermédio do mercado de trabalho, porém, corresponde a uma fictícia concepção subjetiva de que “não estou velho” ainda sou “útil”, reproduzindo um envelhecimento ativo distinto da concepção apresentada pela área científica da gerontologia deturpando os princípios de bem-estar social que o envelhecimento ativo propõe à terceira idade.

Destarte, a noção de envelhecimento ativo adotada no presente trabalho, é aquela designada pela OMS mostrando ser uma forte política pública para os idosos, demonstrando preventivamente como se deve envelhecer bem no seu meio social.

2.2 ENVELHECIMENTO ATIVO COMO PRÁTICA DE SOCIABILIDADE

2.2.1 Idosas Aposentadas

Como tratado anteriormente, o envelhecimento ativo foi amplamente divulgado pela OMS, porém, Barbieri (2014) afirma que esse novo estilo de envelhecer na contemporaneidade não deve se desvincular da noção de terceira idade, visto que consiste em um movimento de significação ao paradigma de velhice. Ela enfatiza que a explosão do baby boom – nascimentos após a segunda guerra mundial, também já considerado no trabalho, - tornou-se um movimento social que buscou envelhecer de forma distinta àqueles padrões compulsórios de velhice, positivando, inicialmente, no fator contemporâneo da aposentadoria **que propiciou um novo estilo de envelhecer nas sociedades atuais.**

Nesse sentido, retomando a questão da feminização da velhice e considerando que as relações de gênero condicionam as circunstâncias sociais em que essas idosas já viveram, entende-se que o envelhecimento ativo também passa a ser uma abordagem de gênero, posto que se coloca como uma proposta de práticas discursivas ao grupo feminino idoso, **baseando-se, também, na teoria**

sociológica do envelhecimento – Teoria da atividade, que fundamenta esse discurso participativo pela vertente da “atividade social”. Reproduzindo um discurso de rompimento com práticas baseadas em subalternidade, desigualdades de gênero e aqueles papéis tradicionais (impostos) à esfera da domesticidade como de mãe, avó e etc. Como se pode conceber na seguinte citação:

A libertação do jugo da procriação, do cuidado com os filhos e com a casa e, às vezes, do jugo do marido é apontada **como um ganho da “nova velhice” feminina, com mais liberdade, autoafirmação, auto valorização, atividade e participação social** fora de casa do que no passado” (NERI, 2007, p. 49). **(Grifos nossos)**.

Contudo, na atualidade, ainda encontramos vários vetores de dominação de gênero; e, muitas vezes, essas repressões sociais passam a ser resultado de marcadores sociais (em confluência) como escolaridade, renda, valores familiares e etc. que promovem no processo de envelhecimento a sua desvalorização, o que configura, na atualidade, uma agência aberta de investigação. Segundo revela Giacomini (2016):

O envelhecimento deve ser compreendido como: “um processo de dimensões subjetivas e intersubjetivas, realizado em diferentes contextos **socioculturais** e situações interativas, nas quais são relevantes as distinções **de classe, gênero, geração e raça/etnia**”. Portanto, é importante compreender o que é velhice para os principais interessados (os destinatários das políticas voltadas para a população idosa) e para os atores que a colocam em prática e respondem por isso (gestores e os profissionais). a fim de propor **intervenções com maiores possibilidades de efetividade**. (GIACOMINI, 2016, p. 598). **(Grifos nossos)**.

E ainda, destaca-se uma contínua desvalorização da mulher idosa, em razão dessas relações de poder em que o homem detém o comando social, explicitado nas palavras de Salgado (2002):

quando estruturas sociais exigem da mulher ser jovem, bonita e produtiva para participar e contribuir com a sociedade. Isso vem acompanhado do agravante que os (as) formuladores (as) de política

pública e os investigadores sociais são predominantemente homens, que têm passado por cima das considerações específicas da mulher idosa. (SALGADO, 2002, p. 11) (Grifos nossos).

Nessa perspectiva, o trabalho busca analisar se há prevalência da noção de envelhecimento ativo; nas práticas de sociabilidades dessas idosas, verificando, então, se esta noção de envelhecimento funcional é suficiente para transpor os sistemas de gênero e as relações de poder contextualizados atualmente em espaços de convivência como o da ABAPP e no meio social em que elas convivem. Considerando as acepções de Beauvoir (1990), a qual ela questiona a utopia sociocultural ocidental capitalista que enxerga a velhice como uma tragédia pessoal.

2.2.2 A influência do sistema de gênero na trajetória histórica das mulheres idosas.

A feminização da velhice e o surgimento do envelhecimento ativo ofereceram visibilidade social à terceira idade nas últimas décadas. E como já mensurado no trabalho, a necessidade específica de políticas públicas também aumentou, possibilitando novas práticas de sociabilidade como a independência social, econômica, liberdade sexual, divertimento e etc. No entanto, essas acepções atuais se opõem aos conceitos de Simone Beauvoir (1990) na obra a velhice: realidade incômoda, ela afirma como o envelhecimento vem sendo pensado e colocado discursivamente nas sociedades, e alude sobre as condições de negligência que a sociedade submete seus idosos, especialmente as mulheres deste segmento.

Tece críticas ao comportamento da sociedade capitalista com o processo de envelhecimento de seus integrantes e como os idosos eram tratados no âmbito familiar quando se tornavam improdutivos em uma sociedade calcada na ideia de produtividade e geração de lucro, tornando-os sem serventia em um sistema fundamentado na competitividade e no consumo, entre outras realidades sociais da época.

Beauvoir (1990) afirma que nas sociedades contemporâneas todos os sujeitos

nutrem o temor de envelhecer, possuem receio dos ataques que o próprio corpo humano recebe ao iniciar o processo de envelhecimento. No entanto, a autora destaca que as piores agressões são direcionadas às mulheres, não só pelas decorrências biológicas que o corpo humano produz, e sim, pela reprodução social da velhice, que são ainda mais cruéis em mulheres que convivem em coletividades capitalistas e sexistas. Revela que o tempo opera determinadas mudanças físicas, e essas passam a ser percebidas ao olhar discriminatório do outro que tem como a fase da juventude o ápice da beleza.

Afirma, ainda, que as mulheres enfrentam muitos desafios na velhice, já que a sociedade na qual estão inseridas doutrina e perpetua a desvalorização da idosa, a discriminando duplamente em razão do gênero e da idade, posto que os homens ganham importância quando envelhecem. As mulheres velhas se deparam com sentimentos de inutilidade quando se tornam improdutivas no seu meio social, assim como após o período de procriação feminina na juventude. Ainda afirma que elas se percebem descartáveis em relação às suas vivências, sentindo-se desajustadas tanto socialmente como sexualmente, uma vez que a sociedade cultua a juventude e os corpos bonitos. Isto é, ser jovem, no caso do sexo feminino torna-se um capital poderoso em sociedades modernas.

Beauvoir (1990) afirma também que essa degeneração da imagem da mulher velha repercute em uma absoluta invisibilidade social, em consequência, causa a renúncia da sexualidade. Aponta comportamentos negativos na autoestima das idosas: cabelos curtos e o abandono das roupas joviais. Denota que por viverem em um sistema capitalista de opressão às mulheres, são vistas como uma banalidade social enquanto velhas, acabam sendo sujeitadas ao preconceito sexual causando comportamentos de auto exclusão, e não percebem a própria evasão de suas vidas afetivas e sexuais, já que, de certa forma, sentem-se impróprias e não correspondem mais aos valores cultuados pelas sociedades em que estão inseridas. Restringem-se, apenas, a vivenciar papéis sociais conservadores voltados à esfera familiar como o de esposa, de mãe e de avó.

Seguindo neste raciocínio, questiona essa sociedade repressiva às mulheres e fala sobre a instituição familiar. Relata em sua obra como os idosos são tratados pela família quando se tornam improdutivos; perdem prestígio e valor e passam a viver sob a égide da exclusão social e financeira, cita os papéis cruéis impostos à

mulher desde o momento que ela nasce, sendo criada apenas para o lar e para cumprir tarefas pessoais voltadas ao marido e aos filhos, oprimindo suas vontades e sentidos. Beauvoir (1990) refere-se ao sexo masculino como autoridade (que detém o comando) e que não sofrem as mesmas imposições sendo que suas vidas são voltadas para as benesses da vida pública, posto que, estão inseridos em uma sociedade que os privilegia. Diante disso, a pesquisa provoca uma reflexão acerca do que já foi exposto no presente trabalho: **em que medida a noção de envelhecimento participativo ofereceria ao gênero feminino em idade avançada a liberdade que nunca viveu?**

Na mesma vertente da autora, Ecléa Bosi (1994) estuda a psicologia do oprimido por meio de um estudo de classes, aonde os “velhos narradores” relatam o universo das diferentes relações sociais existentes no âmbito da velhice, sob a visão de serem considerados, de fato, uma classe social duas vezes oprimida, pela dependência social e pela própria carga natural da velhice. A autora afirma que “[...] durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos”. Talvez seja esse o remédio contra os danos do tempo (BOSI, 1994, p. 80).

Essa fala nos remete, atualmente, a noção do envelhecimento ativo como uma possibilidade assertiva aos tempos contemporâneos, visto que se fundamenta na longevidade, na saúde e no engajamento social, evidenciados nas falas da autora, e assim, prorrogando as deficiências biológicas e o corpo frágil da velhice.

No entanto, essa terceira idade mais ativa vem sendo utilizada pelo sistema capitalista como uma forma de ajuste dos indivíduos dentro dessas sociedades contemporâneas, conforme lhe é favorável, em razão do interesse econômico. Neste sentido, Silva menciona: “O quadro começa a se alterar com o surgimento das primeiras gerações de aposentados da classe média, cujo potencial de consumo é rapidamente percebido pelos estrategistas de marketing” (SILVA, 2008, p.165).

Criam-se inúmeros mercados de consumo que ditam regras, incentivam um envelhecimento dinâmico por meio de novas tecnologias, tratamentos rejuvenescedores, plásticas, academias, personal trainer e dietas de emagrecimento. Desnaturalizando o corpo, com o discurso que pode ser velha, mas bonita, o corpo velho, mas ativo e produtivo.

Entretanto, a autora refere-se à terceira idade como uma fase que propaga “falsamente” o autocuidado, a independência e a autonomia social. Dado que essa categoria social é manipulada a se inserir nestes mercados de consumo e de beleza com a justificativa de buscar qualidade de vida, tornando-se reféns de um sistema social que visa morrer “jovem” o mais tarde possível.

Nesse contexto, o público feminino idoso se vê envolvido por uma sociedade capitalista que dita que a idosa bem-sucedida é aquela idosa “jovem” e “ativa” (SILVA, 2008). Oferecendo a jovialidade e a atividade como ponto de partida para envelhecer bem, sendo que na verdade é mais vantajoso ao mercado econômico, e ao passo que opera uma opressão social àquelas mulheres que preferem vivenciar a velhice (suas características e essências) ou de vivenciar novos papéis e práticas sociais.

Silva (2008) também se refere a noção de envelhecimento ativo como uma reformulação da antiga identidade da velhice, no entanto, em seu texto questiona se estas categorias efetivamente se contrapõem ou se entrelaçam no decorrer das vivências destas idosas. Dessa forma, a pesquisa questiona se essas contradições sociais podem estar sendo vivenciadas pelas idosas em suas realidades sociais, de formas simultâneas. Diante desta hipótese, a pesquisa abre essa agência de investigação sociológica a respeito dessas práticas sociais e do envelhecimento ativo na terceira idade.

2.3. CATEGORIA GERACIONAL E AS INTERSECCIONALIDADES.

Essas contraposições do envelhecimento vivenciando em meados do século XIX, com o contexto atual, reitera que a construção da categoria da velhice, sempre, comportou uma série de aspectos hegemônicos e correlacionais que se encontravam interligados uns aos outros. Beauvoir (1990) e Bosi (1994) apontaram, em suas obras, que um destes aspectos seria a sociedade de classes provenientes do marxismo (já que a classe social era considerada a posição de status ocupada pelo sujeito nas relações sociais). Com isso, o trabalho sentiu a necessidade de investigar, além da classe social, outras categorias relacionais, como a questão

racial, a questão de gênero e de sexualidade.

Adriana Piscitelli (2008) utiliza a ferramenta das interseccionalidades na forma sistêmica, articulando categorias analíticas por meio de um caráter de opressão e dominação. Significa dizer que a sistematização dessas categorias com o marcador etário oferece múltiplas e distintas práticas de sociabilidades nas realidades sociais dos sujeitos pesquisados.

Helena Hirata (2014), autora que também trabalha com as interseccionalidades de forma sistêmica, afirma que “[...] a interseccionalidade é uma proposta para levar em conta as múltiplas fontes de identidade” (HIRATA, 2014, p. 62). E também conceitua a interseccionalidade como uma teoria transdisciplinar:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70 *apud* HIRATA, 2014).

A autora ainda menciona, em seu texto, que juristas como a afro-americana Kimberlé Crenshaw explicam que a interseccionalidade comporta estruturas e dinâmicas de dois ou mais eixos, e que por vezes, em intersecção, consistem em duplos ou mais sistemas de opressão. Defendendo, ainda, a articulação da categoria gênero com dois ou mais fatores operantes.

Com isso, entende-se a necessidade da intersecção etária com essas categorias, como fatores investigativos nas práticas de sociabilidades dessas idosas. Neste sentido, o autor Florestan Fernandes (2008) desenvolveu uma teoria em uma perspectiva moderna para compreender a sociedade brasileira. Discutiu a modernidade na perspectiva das diferenças raciais, pois, nesta época, as práticas de sociabilidade das mulheres negras marcaram profundamente as sociedades em relação aos aspectos culturais, sociais e econômicos, já que ainda no início do século XIX, tais práticas eram baseadas na adoção da força de trabalho escravo.

Entretanto, com o fim da escravidão, as práticas sociais das mulheres negras

passaram a ter um caráter doméstico, desempenhando funções residuais, porém remuneratórias, como a de lavadeiras, costureiras, mucamas e criadas. Eram postos de trabalho “precarizados” dentro de uma hierarquia laboral capitalista, como o são até hoje. No entanto, apesar da conjuntura estrutural do sistema escravista ter sido abolida, o autor enfatiza que o capitalismo no Brasil ocorreu de forma distinta do que em outros lugares, assegurando que é uma modernização que não moderniza, pois, parte do conceito de sincretismo sem romper com o passado, incorporando coisas do passado até o presente, como a questão racial e o estigma da cor.

No entanto, o autor discorre que a dinâmica do trabalho remunerado criou uma lógica de competitividade, a qual falsamente oferecer-se-ia oportunidades igualitárias de trabalho para a sociedade em geral (brancos e negros) baseando-se na competitividade. Porém, essa lógica tentava, segundo Florestan Fernandes (2008), mascarar e ocultar o preconceito racial existente em um sistema econômico enraizado em práticas racistas de seleção.

Com isso, o autor passou a interrogar a democracia racial²⁰ como instrumento que esconde o estigma da cor nas práticas sociais dos indivíduos na contemporaneidade. Questionou a condição estamental, lugar em que a elite não tem interesse que a sociedade se transforme e não ambiciona inovações que garantisse a verdadeira competitividade. Utilizando-se da questão racial para sustentar a lógica do passado, sem oferecer meios igualitários para competir com os brancos, e assim, aspirar a empregos de posições mais valorizadas no sistema econômico de classes.

Da mesma forma, Sueli Carneiro afirma em um de seus artigos²¹ que a luta das mulheres negras não depende apenas em transpor as desigualdades da opressão de gênero, indo além disso, trata-se de se sobrepor também ao preconceito mascarado pela democracia racial, a qual se opera na divisão na luta das mulheres em prol aos privilégios que são instituídos de forma desigual – apenas às mulheres brancas. Isso significa ressaltar que, a luta feminina em busca de

20 “O mito [da democracia racial] consistiria em tomar o que eram desigualdades raciais – próprias da ordem racial escravocrata – como desigualdades de classes da ordem competitiva – próprias do capitalismo industrial. A burguesia e a classe média brasileiras projetavam tal ideal de comportamento de classe de modo a encobrir o seu racismo (FERNANDES, 2008, p.5).

21 ENEGRECER O FEMINISMO: A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA NA AMÉRICA LATINA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf. Acessado em: doze de junho de 2019.

igualdade de direitos sociais, passa a questionar as essencialidades da mulher negra para com as brancas, dessa forma, enriquecendo as discussões entre raça e gênero.

Portanto, as contradições demonstradas ao longo do tempo, referente a questão racial, evidenciam que o estigma da marca da cor da qual tratam Florestan Fernandes e Sueli Carneiro encontra-se enraizado até hoje, nas relações sociais da sociedade em geral. Sendo que no processo de envelhecimento não seria diferente, pois a articulação do aspecto racial interseccionado com demais categorias, como gênero e idade determinam, como no passado, privilégios em favor da cor branca e do gênero masculino.

Com isso, evidencia-se que as mulheres experimentam a subalternidade por meio de sistemas de opressão distintos, operando-se em dois ou mais eixos distintos, como a desigualdade de gênero, de raça e de idade.

A partir deste contexto histórico, a pesquisadora compreendeu que quando se torna velha todos estes sistemas de subjugação e de opressão a alcançam facilmente enquanto idosa, arguindo, se esta noção de envelhecimento participativo contrapor-se-ia a uma realidade histórica calcada na segregação racial, já que a questão racial carrega consigo a forte noção escravocrata e da desigualdade de classes. Se dentro das práticas sociais das idosas aposentadas enquanto negras aproximam-se dessa noção de envelhecimento. Conferindo se este discurso preventivista proporcionar-se-ia a estas idosas negras as mesmas condições de “felicidade” que para as idosas brancas.

Neste sentido, Ecléa Bosi narra, em sua obra, e de certa forma responde essa questão, que “[...] a velhice, que é um fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro” (1994, p. 79).

Essa fala remete às memórias sociais corporais da cor, da idade e do gênero que se encontram marcadas no corpo velho feminino e negro, traços resultantes das confluências de poder que se reproduzem também na terceira idade.

Outra questão também verificada na pesquisa refere-se ao aspecto do gênero feminino interseccionalizado com a sexualidade no âmbito da velhice. A sexualidade quando conjugada com o envelhecimento enseja preconceitos sociais, sobretudo no aspecto de gênero e também de cor, que resultam numa concepção de que pessoas mais velhas (em sua generalidade) são pessoas em condição de inatividade sexual.

De acordo com Silva (2008), nas sociedades modernas, as mulheres jovens eram educadas para servir aos valores da família e procriar quando chegassem a vida adulta. Nessa fase adulta eram reduzidas a esta função social da reprodução e enquanto idosas eram associadas ao ser assexuado. Nestas opressões de gênero, as mulheres mais velhas passaram a avistar que suas funções sociais apenas eram de servir ao seio familiar, respeitar o marido, executar tarefas domésticas e ainda cuidar dos filhos e netos. E qualquer outro comportamento tornar-se-ia desviante e anormal em seu meio social.

Com o decorrer do tempo, a autora afirma que essas mulheres mais velhas passaram a vivenciar uma relação de estranhamento com a sua própria sexualidade, isto porque a sua negação e os reflexos do envelhecimento passaram a intensificar aquela imagem marcada pela degeneração física, pela perda de papéis; e que suas rugas já denunciavam a decadência biológica e a fragilidade, por conseguinte, a inexistência de atividade sexual na idade madura.

Estes preconceitos sociais em relação a plena sexualidade na terceira idade sempre causaram a impressão de que os idosos em geral não possuem vida sexual, nesse sentido, as mulheres idosas são as mais afetadas, uma vez que sua sexualidade sempre foi muito estigmatizada nas sociedades modernas. Este estigma de “ser assexuada” na terceira idade era e ainda é atribuído a elas, no momento que denunciam-se as marcas da velhice em seu corpo, e, assim, quase que instantaneamente, as impossibilitam sexualmente, uma vez que esses sistemas de opressão às mulheres enaltece apenas a sexualidade do homem (SILVA, 2008).

Nesse contexto, verifica-se de forma explícita a vivência do triplo preconceito – gênero (feminino), sexualidade e velhice –, já que a aceitação da sexualidade ativa como uma prática de sociabilidade para essas mulheres em idade avançada (acima dos sessenta anos), até pouco tempo, era delimitada apenas às manifestações de carinho e afetos entre os casais mais velhos, em contrapartida, qualquer outra conotação sexual ou em tom sensual seria contestada e ridicularizada em seu meio social.

Isso se deve ao sistema de gênero, aonde os valores da família como da sociedade não comportam determinadas condutas sociais, e até hoje, resistem em considerar dois corpos envelhecidos vivenciarem os prazeres da juventude. Isso fica

bem evidenciado na citação de Robert Neil Butler, em sua obra “Sexo e Amor na terceira idade”:

É muito mais simples aceitar a imagem da vovozinha tricoteira que vive cuidando dos netos, enquanto o avô jogar um baralho na praça com amigos, na perspectiva de que essa deve ser a expressão máxima de seus cotidianos, já que estes sujeitos não têm vida sexual própria, afinal de contas, “eles são nossos pais e avós”, não só adultos comuns com as mesmas necessidades e desejo que nós (...) (BUTLER, 1985, p. 12).

Essa noção de “assexualidade” nas sociedades modernas como nas sociedades contemporâneas ainda encontram-se em um processo de amadurecimento, no sentido, de compreender que a sexualidade e o modo de vivenciar o ato sexual entre os mais velhos deve ser (re) pensada como uma prática de sociabilidade natural e habitual como ocorre com os corpos mais jovens.

A questão da sexualidade e de gênero na contemporaneidade ainda é um paradigma de construção social do indivíduo, pois, segundo Judith Butler (2010) dialoga com uma teoria chamada de *teoria queer*²². Essa conjectura teórica busca uma desconstrução do gênero e sugere a inclusão de outros sujeitos considerados inadequados ao ideal normativo de gênero. A autora analisa que a identidade de gênero na sociedade é pensada e limitada a uma estrutura linear e binária (como ser homem ou ser mulher), e observa a necessidade de ajustes das normas em relação àqueles indivíduos que não se enquadram nesta referida estrutura, questionando o comportamento do indivíduo “em relação à normalidade” exigida pela sociedade.

Butler (2010) trabalha com esses indivíduos vulneráveis e excluídos, classificando-os quanto normais ou patológicos em relação a essas normas conferidas pelas sociedades. Neste sentido, a pesquisa verifica por meio das práticas sociais das idosas, se elas, como categoria geracional, enquanto rol de indivíduos socialmente vulneráveis torna-se patológica, especialmente, na questão de suas sexualidades. E ainda, verifica-se se a reprodução de práticas discursivas

²² “Teoria Queer”, como método analítico que além de defender a desnaturalização da sexualidade e do gênero – como fenômenos não implícitos da natureza, mas de ordem também política, social e cultural – percebe as identidades e a própria sexualidade de forma muito mais fluída, apontando as fraturas e contradições da estrutura social, contestando os “regimes normalizadores que criam tanto as identidades quanto sua posição subordinada no social” (Ferreira e Anguisky, 2013, p.226).

repercutem “disseminadas verdades” nesses corpos performáticos, lhes atribuindo valor, e, por conseguinte, construindo determinadas identidades.

Isso é factível nas diferenças corporais entre homens e mulheres, restando claro que envelhecem de forma distinta, seus corpos reproduzem sentidos e significados diferentes em detrimento da lógica dos sistemas de gênero, uma vez que o corpo velho feminino é marcado por experiências sociais como da procriação e das rugas que as identificam e as classificam como corpos performáticos – velhos, em decadência social.

Desse modo, a questão da sexualidade como uma prática de sociabilidade na velhice feminina, pode ser considerada como uma prática patológica e desviante, uma vez que essa prática “aviltante” pode ser vista como uma abjeção. Isto fica claro, nas palavras de Judith Butler: “O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade”. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’ (BUTLER, 2002, p. 161) ²³.

Esta citação refere-se aos sujeitos que são tratados como abjetos nas sociedades, que não possuem legitimidade nas suas vivências. Esse ideal normativo se opõe, de certa forma, também à intersecção do gênero feminino, sexualidade e envelhecimento, evidenciando uma prática social patológica, deslegitimando o direito básico de viver sua sexualidade como uma prática de sociabilidade enquanto mulher idosa. Butler ainda trata da questão do gênero como categoria basilar para se articular e interseccionalizar com demais categorias sociais. E cita:

[...] O gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais, e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2010, p. 20).

Portanto, em uma sociedade que trata o envelhecimento como mercadoria, e a possibilidade de fazer uma análise interseccional entre as identidades de gênero, raça, classe social, sexualidade e a idade, são análises que possibilitam o entendimento das relações de poder na contemporaneidade.

²³ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009

Nesta vertente, a noção de envelhecimento na terceira idade ativa é colocada em xeque para legitimar essa questão da sexualidade frente a um sistema de gênero, aonde a opressão sobre as mulheres passa a ser uma constância; o julgamento e a vigilância sobre elas, especialmente ao grupo de mulheres idosas, implicariam na inibição e no constrangimento, de práticas de sociabilidade com conotação sexual e com isso conduzindo a adotar comportamentos assexuados (correspondendo somente com as expectativas sociais da dominação masculina).

3. MÉTODOS, RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES.

Com o ingresso ao mestrado de Sociologia, iniciou-se um processo operacional a fim de criar um projeto sociológico o qual abrangesse um objetivo central, objetivos específicos, um referencial teórico e uma construção metodológica que delimitasse todas estas questões; e somando-se aos conhecimentos acadêmicos da pesquisadora resultasse em um único propósito: pesquisar um problema social contemporâneo associado aos conceitos do envelhecimento, e assim problematizá-lo sob a perspectiva sociológica.

Dissertar sobre as práticas de sociabilidades somadas à noção de envelhecimento ativo oportuniza o surgimento de novas questões mediadas por várias abordagens teóricas sobre a gerontologia. Porém, também oferece uma problematização dessas inovações frente aos valores da família e da sociedade no contexto social atual; enquanto objeto sociológico eleito a ser investigado pela pesquisadora.

Com isso, a construção metodológica passou a ser um aspecto importante dentro da pesquisa, visto que o objeto de análise refere-se as práticas cotidianas das idosas, assim, a questão das subjetividades desses sujeitos tornam-se fontes essenciais para compreender o problema sociológico. Desta forma, o emprego da metodologia qualitativa se faz necessário em razão dessas singularidades, e no decorrer desse caminho metodológico foi se construindo uma etnografia social.

Segundo Beaud e Weber (2014), essa metodologia problematiza conhecimentos reflexivos e utiliza técnicas que permitem observar, captar e descrever consistentes realidades, buscando compreender determinados processos sociais. A etnografia concentra-se nos comportamentos sociais dos indivíduos contextualizados em determinados cenários, e a partir disso suas subjetividades são interpretadas reproduzindo dados empíricos para dada pesquisa. Nesse sentido, a pesquisadora utilizou o espaço da Abapp como campo de observação para revelar os fenômenos ocorridos que acreditava serem importantes para a construção da pesquisa, como captar informações que julgasse serem inovadoras ou não esperadas - “surpresas”, como sugerem Weber e Beaud (2014).

Essa composição etnográfica começou a ser delineada, primeiramente, com as pesquisas exploratórias, e, posteriormente, com as técnicas da observação

participante seguido de entrevistas semiestruturadas com um roteiro base; servindo como meios de investigação, de observação e de análise dos fenômenos sociais que a pesquisadora presenciava e verificava no espaço da associação.

Diante dessas considerações, o capítulo propõe-se apresentar de forma mais sistematizada como a metodologia empregada e as técnicas eleitas, mostraram-se eficazes à pesquisa, e como clarificaram os dados empíricos que também adiante serão apresentados.

3.1 Percurso Empírico

3.1.1 Abordagens metodológicas: exploratórias e qualitativa.

O primeiro contato com a associação e com seus funcionários oportunizaram à pesquisadora compreender a rede de serviços ofertados em geral à população idosa local e as atribuições específicas da associação com seus associados. Além disso, os encontros exploratórios propiciaram uma maior familiarização com o campo em análise e com o seu objeto de estudo, essa proximidade clarificou o caminho metodológico a ser construído na pesquisa, tornando este exercício contínuo e exploratório de suma importância para pensar acerca da questão sociológica proposta no projeto, e posteriormente, embasar os próximos passos da investigação.

A primeira aproximação com o campo se deu nos meses de janeiro e fevereiro do ano de 2018, nessa ocasião, a pesquisadora coletou informações a respeito do funcionamento e dos serviços oferecidos pela associação. A posteriori, entrou em contato com o atual presidente da instituição solicitando permissão para frequentar o espaço da associação, mesmo em atividades abertas ao público, como meio de confinidade com os membros da instituição e com o grupo pesquisado. No decorrer dos meses, em outras idas ao campo, a pesquisadora conversou informalmente com o diretor social, com o propósito de obter esclarecimentos referentes ao número de associados e de frequentadores ativos, e com isso, ter a

noção de quantos afiliados pertencem ao sexo feminino e ao masculino, assim, verificando a predominância de mulheres associadas e assíduas; certificando à feminização no espaço investigado, já que estão em torno de sete mil mulheres; informação já conhecida no trabalho.

Após esses encontros, em maio de 2018, a pesquisadora participou de uma confraternização em homenagem ao dia das mães, em princípio, neste evento, a pesquisadora estabeleceu diálogo com os funcionários e presenciou uma atmosfera de socialização entre as idosas, analisando suas subjetividades para compreender os motivos que as levaram a frequentar as atividades da associação e de que forma essas práticas contribuem no dia a dia delas.

Nesse momento, a etnografia mostrou-se a metodologia mais adequada para a pesquisa, já que a investigadora observou, captou e descreveu comportamentos e discursos em seu diário de campo, possibilitando a concreção de imaterialidades e percebendo como é conviver e se socializar na associação; entendendo como a noção de envelhecimento ativo vem tornando-se uma prática de sociabilidade que viabiliza a reprodução de novos laços sociais entre as idosas com seu meio social.

Beaud e Weber (2014) afirmam que a etnografia possibilita captar e descrever essas subjetividades, sendo que o primeiro critério dessa metodologia chama-se interconhecimento social, o qual se define pelo partilhamento de conhecimentos entre um mesmo grupo; no sentido de se conhecerem mutuamente de vista, de nome ou apenas por experiências partilhadas, nesse caso, a associação serve como uma rede de convivência e de solidariedade que permite essa troca de conhecimento entre essas idosas aposentadas.

O segundo critério para a construção etnográfica, segundo Beaud e Weber (2014), refere-se à reflexividade no campo de investigação aonde podem ser observadas práticas sociais, que instantaneamente, não fazem sentido para a pesquisa, porém, a reflexividade associada ao terceiro critério chamado de longa duração contribuem para a compreensão de determinados fatos, e com essa observação contínua, passam a ser melhores assimiladas e correlacionados na pesquisa. Como exemplo da confraternização do dia das mães, mensurado acima, com as idas constantes ao campo, a pesquisadora entendeu que aquela confraternização social seguida de uma atmosfera de socialização representava mais que uma comemoração em si pelo dia das mães, simbolizava um lugar de fala,

um encontro de visibilidade social a respeito de suas experiências e de suas lutas cotidianas contra o preconceito de ser mulher e velha nos dias de hoje. A reflexividade e a longa duração tratam da frequência do pesquisador com o campo e o contato com o seu objeto de estudo, portanto, a importância da regularidade da pesquisadora ao campo de investigação, perdurando quase um ano de visitas, visto que esses encontros exploratórios encontram-se sistematizados em uma tabela nos anexos do trabalho.

Ao final desse processo exploratório, a pesquisadora auferiu conhecimento sobre as atividades mais recorrentes entre o público idoso feminino; eram os cursos de artesanato, pintura em tela e o cibercultura; percebeu que essas atividades além de socializar oportunizam uma rede de convivência e partilhamento de conhecimento entre as idosas, à vista disso, com a permissão da instituição, inscreveu-se nos cursos de artesanato e pintura em tela, visto que esses eram frequentados apenas por mulheres, os quais aconteciam duas vezes na semana, passando a realizar a técnica da observação participante com as idosas aposentadas.

Esse exercício de observação intensa perdurou em torno de 30 dias, totalizando quase 10 encontros, se deu de forma minuciosa, acompanhada de um caderno de campo, oportunizando uma maior proximidade com as associadas, em consequência, compreendendo a dinâmica social que as idosas convivem, e beneficiando-se dessa rede de interconhecimento para enriquecer o material empírico da pesquisa.

Após o período de observação, ao mês de novembro, empregou-se a segunda técnica as entrevistas semiestruturadas com um roteiro constituído de 9 (nove) questões específicas (o qual encontra-se transcrito no anexo I), capaz de levantar a trajetória de vida dessas aposentadas, tendo por base a temática das práticas de sociabilidades das idosas frente os valores da família e da sociedade. Foram entrevistadas nove idosas na associação, essa técnica privilegiou as narrativas e os depoimentos orais delas; mostrando-se como a melhor opção de apuração empírica, já que esse procedimento permite ao pesquisador organizar melhor um conjunto de questões, como perceber, reproduzir e retratar a realidade social (TRIVIÑOS,1987). Essa interação entre a pesquisadora e as pesquisadas, tornou-se fundamental para verificar as (des) semelhanças entre a noção de

envelhecimento ativo e suas práticas de sociabilidade, assim, compreendendo o processo de envelhecimento como uma realidade heterogênea resultante de convergências relacionais, que possibilitam análises sociais, e a partir disso promovendo uma edificação etnográfica com as idosas da associação.

3.1.2 Observação participante e o sujeito de pesquisa.

A pesquisadora realizou a observação participante com dezoito mulheres que frequentavam os cursos de artesanato e pintura em tela, e entrevistou nove mulheres desse mesmo grupo. Nesse sentido, para facilitar a compreensão dos dados realizou uma tabela com os dados dessas entrevistadas.

Durante o processo de entrevistas, as idosas foram informadas que seus nomes seriam preservados, e que apenas suas narrativas seriam utilizadas no trabalho, entretanto, pensando nos leitores e na interpretação do texto, a pesquisadora substituiu os nomes das entrevistadas, para persistirem, agora na forma textual, em anonimato. Seguem os novos nomes em ordem de entrevista: Cássia, Luzia, Osvaldina, Domingas, Lindalva, Rosana, Guilhermina, Benvinda e Damiana.

Tabela 1 – Quem são as idosas (entrevistadas) da ABAPP?

Associadas /(Idosas aposentadas)	Dados sociais
Cássia	Idade: 63 anos; Cor: branca; Estado civil: viúva; Escolaridade: cursou o segundo grau de forma incompleta; Profissão: aposentada / atualmente trabalha em um centro espírita.

Luzia	<p>Idade: 63 anos; Cor: negra; Estado civil: casada; Escolaridade: frequentou escola até o 5º ano escolar; Profissão: sempre exerceu a profissão do lar/ não é aposentada e nem pensionista, seu marido é associado na ABAPP; e ela é sua dependente.</p>
Osvaldina	<p>Idade: 68 anos; Cor: negra; Estado civil: viúva recentemente; Escolaridade: frequentou escola até o 8ª ano escolar; Profissão: aposentada / costureira.</p>
Domingas	<p>Idade: 64 anos; Cor: negra; Estado civil: viúva; Escolaridade: não frequentou a escola, trabalhava na lavoura; Profissão: aposentada / empregada doméstica.</p>
Lindalva	<p>Idade: 73 anos; Cor: branca; Escolaridade: frequentou curso superior incompleto; Estado civil: atualmente está solteira Profissão: aposentada/atualmente trabalha</p>

	como fiscal de conselho.
Rosana	Idade: 68 anos; Cor: branca; Estado civil: União – estável; Escolaridade: estudou até o 5ª ano primário Profissão: aposentada.
Guilhermina	Idade: 60 anos; Cor: branca; Estado civil: separada (está solteira); Escolaridade: curso superior completo; Profissão: aposentada, trabalhou para uma empresa de grande importância na localidade.
Benvinda	Idade: 63 anos; Cor: negra; Estado civil: casada; Escolaridade: não frequentou escola (mas aprendeu a ler e escrever)/ ajudava os pais na lavoura até os 10 anos de idade; Profissão: aposentada / empregada doméstica
Damiana	Idade: 50 anos; Cor: branca; Estado civil: atualmente solteira; Escolaridade: até a 8ª série. Profissão: cuidadora de idosos.

A etnografia passou a materializar-se de forma expressiva no período de observação intensa com as idosas. De início, já se percebeu diferenciações quanto

ao marcador etário social no espaço da associação, duas integrantes (do grupo de 18 associadas), não tinham a média de anos do restante do grupo, respectivamente; tinham 35 e 50 anos. A partir dos critérios metodológicos da etnografia; reflexividade e a longa duração; já mensurados no trabalho, possibilitou-se a compreensão de determinadas subjetividades a respeito das componentes do grupo investigado.

Esses critérios etnográficos evidenciaram **a identidade etária** dessas duas mulheres com o grupo da terceira idade; e ainda propiciaram pormenorizar suas práticas de sociabilidade a partir do aporte teórico da pesquisa, que compreende que definir o período que se inicia o envelhecimento mostra-se um ato um tanto impreciso, mesmo quando o Estatuto do Idoso (2003)²⁴ considera que idoso é aquele indivíduo que possui idade igual a 60 anos ou mais. Diante disso, a observação buscou evidências para pensar em que momento começaria a velhice para as mulheres na ABAPP, aos 50 anos? aos 60 anos? Seria apenas pela perspectiva legal baseada na idade cronológica? Pelo corpo envelhecido (características físicas)? Ou quando não produzissem mais economicamente e comessem a perceber um benefício da previdência social (marco social da aposentadoria).

A partir disso, o elemento da identidade etária tornou-se de suma importância para delinear os sujeitos da pesquisa, sendo analisado pelo prisma do interconhecimento social (do processo de envelhecimento), critério metodológico, também já mensurado no trabalho. Segue, então, um trecho da entrevistada que possui idade inferior a 60 anos:

[...] hoje eu sou voluntária, cuido de pessoas doentes e idosos nos hospitais, porque eu acho assim as pessoas tão doentes no hospital, a família as vezes trabalha, não tem como ir ali, e muitas vezes tu quer, tu precisa de um carinho, a pessoa que tá no hospital ela quer ser tratada da doença que ela tem, mas ela precisa de um apoio de um vizinho, ela precisa que alguém vá visitar, que alguém alcance um copo d'água, que leva um pratinho de comida para ela, que fale uma palavra de carinho. Eu senti no coração quando eu me aposentei que tem tantas pessoas lá fora que precisam de tanto apoio e a gente só pensa na gente, **então, eu tô me dedicando a este trabalho, e gosto do que faço.(Grifos meus).**

24 “É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos” (Estatuto do Idoso, 2003, artigo 1º). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acessado em 12 de março de 2019.

A entrevistada é aposentada, possui 50 anos e trabalha como voluntária cuidando de pessoas em estado de vulnerabilidade; como no caso de idosos doentes, em suas narrativas expressam o critério do interconhecimento social que possibilita o partilhamento de experiências sobre o processo de envelhecimento, portanto, denota uma identidade etária com esse grupo social.

Nesse prisma, verifica-se que a fala da entrevistada atribui valor ao grupo social dos idosos quando evidencia seu trabalho como voluntário, demonstrando que a convivência com eles não é sinônimo de declínio social, aliás, esclarece que sua perspectiva laboral baseia-se na inclusão social; sendo que em sua narrativa também expõe uma questão de gênero, conforme Faleiros (2016, p. 559) afirma “[...] um maior número de idosas é levado a cuidar de idosos. Tendo em vista que o papel de cuidador implica uma questão de gênero.” Restando claro, que o sistema desigual de gênero impõe ainda à mulheres práticas sociais na esfera da domesticidade, seja cuidando de pessoas doentes ou de idosos como expõe a entrevistada.

Desse modo, salienta-se a importância de se considerar outras variáveis sociais, além da identidade etária e do gênero para se compreender quando um determinado indivíduo identifica-se com outro grupo social.

Portanto, na pesquisa, o interconhecimento social torna-se uma ferramenta que promove a identidade etária, realizando um pertencimento de determinadas pessoas a dados grupos sociais. Reforçando essa perspectiva; a segunda mulher que possui apenas 35 anos²⁵ revelou que inicialmente passou a frequentar a associação para aprender novos pontos de tricô com as idosas, e permaneceu nas aulas porque se “sentia bem”, expressando em suas práticas de sociabilidade a identidade etária, também, por esse interconhecimento social do tricô, e isto, não significa dizer que se tornou velha, já que se precisa de uma análise mais profunda a respeito de suas perspectivas sociais, psicológicas, laborais, funcionais e entre outras.

Somando-se a isto, as observações participativas ainda sinalizaram que esse

²⁵ Essa integrante mostra duas formas de identidade etária, revelou em uma das observações participantes que procurou a associação para aprender novos pontos de tricô, em segundo momento, revelou o falecimento da mãe, restando implícito que passou permanecer no grupo porque sentia-se bem com aquelas mulheres mais velhas. (Diário de campo, novembro, 2018).

grupo de mulheres consideradas legalmente “idosas” apresentavam-se fortemente ativas dentro da associação, e não relacionavam-se com aquela ideia de velhice tradicional (imagem de inutilidade e de decadência social). Instigando a pesquisadora a dúvida: o que seria a velhice então?

Nessa senda, percebe-se que a velhice torna-se um tempo que exige continuidade e que simultaneamente permanece sempre inacabada em razão do constante processo de suas subjetividades, uma vez que essa etapa não tem faixa etária determinada para iniciar, e quando se desponha opera de acordo com as complexidades submetidas em cada indivíduo.

Exposto isto, fica a reflexão sobre a conceituação advinda tanto do Estatuto do Idoso (2003), como do IBGE, da OMS e outros, que seguem o critério da idade cronológica, que não é capaz de delinear e precisar o princípio da velhice em cada indivíduo. Posto que o envelhecimento é um processo biológico, social e psicológico. Sônia Mascaro (2004).

3.2 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

3.2.1 Triangulação na análise de dados

O termo triangulação²⁶ pode ser utilizado em dimensões diferenciadas, dependendo do contexto do qual é aplicado; sendo que na pesquisa, a triangulação é empregue em uma análise de dados empíricos, comportando dois momentos distintos que se articulam dialeticamente, quais sejam: os dados coletados no campo de investigação; e a análise (interpretação) propriamente dita sobre a percepção que os sujeitos constroem sobre determinada realidade, ou seja, no caso sobre as práticas de sociabilidade do seu cotidiano bem como aquelas que as idosas vêm buscando nos dias de hoje.

²⁶ Tendo como tema a Análise por Triangulação de Métodos, interessa, neste estudo teórico, tratar sobre um dos muitos Referenciais Analíticos destinados a contribuir no desenvolvimento das pesquisas, particularmente das pesquisas qualitativas. O termo triangulação de dados (Marcondes, N. e Brisola, E; 2014).

A seguir uma ilustração – Figura 5 de como foi empregada essa estrutura de análise empírica (chamada de processo de interpretação triangular) frente aos dados coletados no campo de investigação:

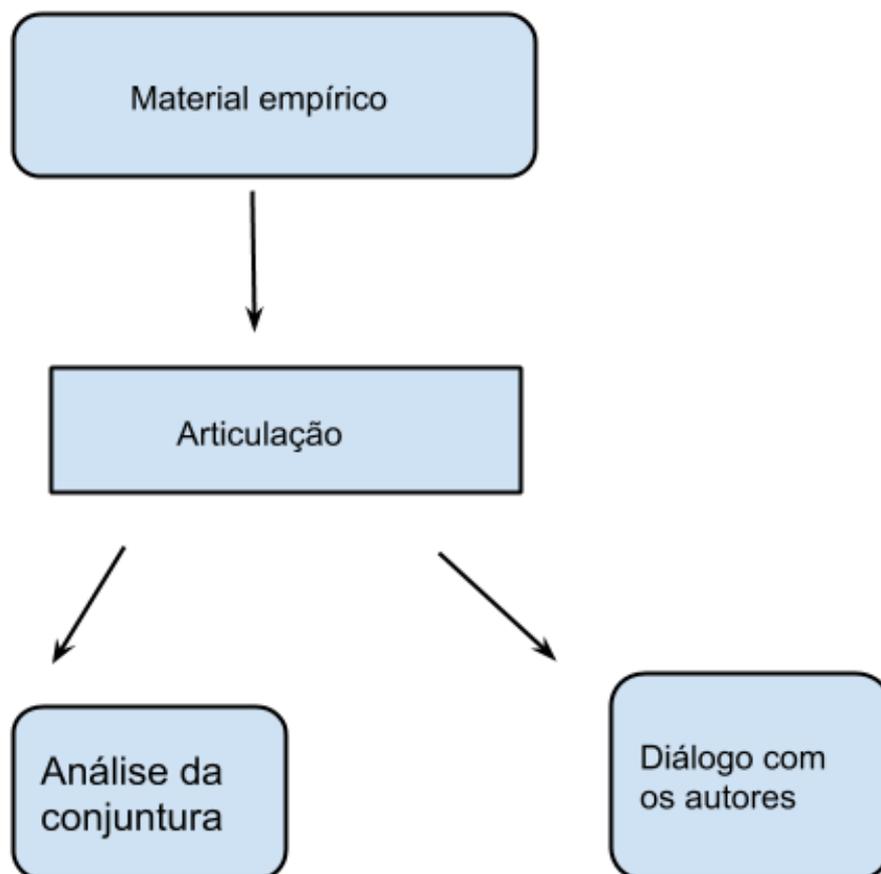


Figura 4 – Triangulação da análise de dados.

Fonte: readaptado dos autores Marcondes, N. e Brisola, E.; 2014²⁷.

No que tange os critérios de análise dos dados, utilizou-se a interpretação fenomênica. Ou seja, após as técnicas da observação participante e das entrevistas semiestruturadas, o material empírico passou a ser transcrito, em forma de texto, possibilitando, inicialmente, uma pré-análise sobre a qualidade do teor das narrativas. Como afirma Marcondes e Brisola (2014):

²⁷ Um dos procedimentos analíticos para interpretação de dados qualitativos se pautam na Triangulação. Há que se destacar que o termo Triangulação pode ser utilizado em três dimensões diferenciadas, dependendo do contexto em que é empregado, comportando, portanto, divergências conceituais, o que pode levar os equívocos na sua interpretação e compreensão. (Marcondes, N. Brisola, E.; 2014, p. 203).

Deve-se procurar ir além das narrativas, buscando-se ideias por trás das transcrições das falas, ou seja, identificando representações implícitas ao texto. **Esta etapa é considerada “construção de inferências”**. Na primeira etapa, deve-se proceder a transcrição das entrevistas gravadas. A opção do pesquisador pode-se pautar ou não nas **características paralinguísticas**, ou seja, considerando a **entonação da voz, silêncios, ênfase em palavras ou expressões** dentre outras observações que compreende ser importante. Caso não queira se deter nas características paralinguísticas, pode-se então ater-se somente na transcrição das palavras faladas. (apud GOMES *et al.*, 2010, p.27, Marcondes e Brisola, 2014). **(Grifos nossos)**.

Esse primeiro momento privilegia as subjetividades, as narrativas e percepções das idosas sobre si e sobre determinadas temáticas que as envolvem, demonstrando que esse instrumental analítico empregue na investigação contribui na construção de significados e na instituição de categorias sociais.

A segunda fase, conforme Marcondes e Brisola (2014), parte do reconhecimento das esferas de domínio apresentadas em suas narrativas e posteriormente, contextualizadas na pesquisa; baseando a problematização dessas análises a partir do aporte teórico, resultando em uma análise mais ampla: uma macro análise dos dados.

Por fim, a terceira e última etapa, centra-se entre o diálogo das categorias consideradas a priori e aquelas adjacentes no qual o campo pode oferecer, dessa forma, amplificando e aprofundado a investigação. Em suma, resultando em uma análise total da conjuntura dos dados.

Vale ressaltar que a ferramenta das intersecções sistemáticas utilizadas por Adriana Piscitelli (2008) e Hirata (2014), concorreu para que essas complexidades narradas pelos sujeitos da pesquisa retratassem as heterogeneidades existentes no universo feminino idoso. Desta maneira, a estrutura da análise por triangulação de dados pretende evidenciar na presente pesquisa caminhos metodológicos que possam responder a pergunta de partida do problema de pesquisa. Assim, permitindo complementar ou confrontar as interpretações finais.

3.2.2 Categorias de Análise

A partir desse processo interpretativo da triangulação de dados, categorias sociais foram instituídas na pesquisa, algumas se encontravam já estabelecidas desde o aporte teórico como as intersecções entre gênero, classe, raça, sexualidade, idade e o próprio envelhecimento ativo. Segundo Motta (1999), cada uma dessas categorias relacionais reproduzem uma análise de relações de poder dentro de um mesmo cosmo social, a autora, ainda aduz, que no passado estabeleciam-se apenas complexidades em termos de lutas e conflitos, entretanto, aquelas esferas relacionais de complexidade nos dias atuais possibilitam um novo debate sobre as práticas sociais.

Nesse sentido, a categoria do gênero que é considerada um ator social socialmente construído defendido por Motta (1999), em intersecção com a categoria da velhice resultam em “fundantes análises”²⁸ da vida social feminina na velhice, já que em décadas passadas essas mulheres enquanto velhas eram consideradas somente números estatísticos na demograficidade social. Porém, com o advento das ondas feministas essa perspectiva de domesticidade, socialmente construída, imposta às mulheres vem performatizando o que Simone de Beauvoir (1990) já denunciava em sua época, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, e conforme retrata Isolda Belo (2013) “a mulher não nasce velha, torna-se velha” (BELO, 2013, p. 2).

A partir dessas considerações, a pesquisa vai evidenciando o gênero, a idade e o envelhecimento como categorias centrais da presente pesquisa, assim, em constante afluência com os demais marcadores passam a confrontar a noção do envelhecimento ativo, que por vezes, apresenta-se de forma homogênea frente a essas diversidades presentes no contexto social atual estabelecendo uma agência de investigação sociológica.

²⁸ “Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem ou ser velho é uma “situação” vivida”, em parte, homogeneamente e, em parte diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação a condição de velho (a)”. (Motta, Alda Britto, 1999, p. 207).

Tabela 2 – Detalhamento das categorias de análise a priori

<p>a) Velhice e gênero (autopercepção com relação a ser mulher idosa nos dias de hoje)</p> <p>a.1) Feminilização da velhice</p>	<p>Reconhecimento em se considerar idosa ou não nos dias de hoje; percepção do seu processo de envelhecimento.</p> <p>Relação entre as práticas femininas, relações de dominação de gênero e a família.</p>
<p>b) Classe Social e Raça</p> <p>b.1) escolaridade, renda e ocupação profissional</p>	<p>Como se dá as suas relações econômicas durante sua trajetória de vida, assim como, na atualidade, e com a sua família.</p> <p>Categorias adjacentes à classe social, extraídas do campo, formando um percurso social que reforça a complexidade de raça nas estruturas de classe.</p>
<p>c) Sexualidade</p> <p>c.1) heteronormatividade</p>	<p>Como percebem sua sexualidade diante da família e da sociedade.</p> <p>Categorias adjacentes à sexualidade extraída do campo.</p>
<p>d) Envelhecimento ativo</p> <p>d.1) inclusão social e aposentadoria.</p>	<p>Como percebem o envelhecimento ativo em suas práticas de sociabilidade</p> <p>Categorias adjacentes à sexualidade, extraídas do campo.</p>

3.2.2.1 VELHICE FEMININA

Na formulação do problema de pesquisa Barros (2002) discorreu historicamente sobre a desvalorização da categoria da velhice, e Felipe (2014) sustentou que com o surgimento da (ideia) de terceira idade e renovação de valores, sobreveio uma nova expressão chamada de idosos; e que, na atualidade o título de velhice foi transferido para aqueles com idade acima de 75 (setenta e cinco) anos. Contextualizando essa nova acepção social e certificando de que o perfil etário das entrevistadas encontra-se na faixa etária entre 50 e 73 anos, tornou-se essencial e de suma importância questionar a elas, como é ser mulher idosa nos dias de hoje, e se elas se reconhecem como mulheres idosas.

A maioria das entrevistadas (seis delas) respondeu que não se reconhecem como idosas. Nesse sentido, se faz importante a leitura dos trechos das entrevistas de Benvinda, Guilhermina e de Luzia, respectivamente:

Eu não. Tô longe de ser velha [...] porque depois dos 50 menina, **surge dor em tudo que é canto**. Mas falam que se a gente mantém a mente livre e bem, a idade não importa e somos jovens. Então, eu **tô longe de ser velha e nem idosa**, podem me achar, mas eu olho no espelho e me sinto uma guriuzinha, eu faço muitas coisas aqui, na minha casa, pros meus, como vou ser velha? acho que só daqui um tempo, **porque velho não faz nada, velho é o que pega sol na cadeira, eu sou muito ativa, lavo, cozinho, pago conta e tenho muita coisa pra fazer**. (Benvinda, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Às vezes óh eu sinceramente, **eu tenho que pensar pra me lembrar que sou idosa** [...]. (Guilhermina, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Eu não me acho idosa, meu problema é dor no meu joelho que eu tenho artrose, **eu não me sinto velha, a minha ideia a minha mente não é de uma pessoa idosa** [...]. (Luzia, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Apesar da maioria²⁹ das entrevistadas pertencerem legalmente ao grupamento de mulheres consideradas idosas, negam sua a condição social, posto

²⁹ A expressão “maioria das entrevistadas pertencerem legalmente ao grupamento de mulheres consideradas idosas” refere-se às observações realizadas com o grupo de 18 idosas associadas à ABAPP. Neste período de observação intensa, percebeu-se que duas das integrantes, (sendo uma entrevistada), não terem atingido a média etária (de 60 anos) relacionada ao grupo, e por esta razão, não são consideradas legalmente idosas. Porém, como já mencionado no item “Observação participante e o sujeito de pesquisa”, verificou-se por meio do interconhecimento social o elemento da identidade etária e a noção de pertencimento ao grupo que frequentam.

que a pesquisadora percebeu nas entrevistas que a palavra “idosa” associa-se à imagem de inutilidade, dependência física, social e/ou psíquica; Benvinda expressou bem esse sentimento quando aduziu que velho é aquele que não faz nada, apenas o que pega sol em uma cadeira, entretanto, esta noção de não pertencimento apresenta-se vinculado diretamente com o sentimento (de convicção) de autonomia, quando afirma “eu faço muitas coisas aqui, na minha casa, pros meus, como vou ser velha?”, visto que em fase de observação todas elas mostraram-se ativas em suas práticas cotidianas.

Ou seja, serem chamadas de idosas para elas é sinônimo de incapacidade funcional, conceito já mensurado no trabalho, sendo que tanto no período de observação intensa como nas próprias entrevistas, percebia-se a rejeição à condição de ser idosa ou velha a partir do que externavam e como descreviam suas práticas cotidianas. Era como respondessem explicitamente à investigadora “eu faço todas as tarefas de casa sozinha, frequento atividades sociais, trabalho e sou considerada velha?”. Então aquele conceito de que a velhice “é carregada de valores que oscilam entre o encanto e o terror, aceitação e a rejeição, a valorização e a negação, o respeito e a desvalorização” (NERI. *et al*, 2007, p. 34), ainda está muito presente em suas acepções; e percebe-se que apesar das renovações advindas com a terceira idade, o conceito pernicioso de velhice ainda encontra-se enraizado na autopercepção destas mulheres.

Observa-se ainda que, Benvinda e Luzia, afirmaram não serem idosas, porém, evidenciaram em seus depoimentos dores constantes em seus corpos, e uma delas reclamou de dores causadas pela artrose no joelho.

Em contrapartida, apenas três mulheres consideram-se mulheres idosas. Segue as falas de duas delas, Rosana e Cássia:

Claro que sim, eu acho maravilha, têm pessoas que gostam de esconder a idade, tem uma ruguinha aqui e ali, eu penso que é **maravilhoso chegar nesta idade como eu estou chegando** aos meus 68 anos [...]. (Rosana, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Eu me reconheço e me sinto privilegiada porque tem muita gente **com menos idade que eu e já foi**, então eu prefiro tá velha, idosa, caminhando e passeando do que não tá né [...]. (Cássia, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Embora, estes fragmentos textuais demonstrem o reconhecimento da sua condição de ser mulher idosa nos dias de hoje, compreende-se por estas narrativas um envelhecimento assertivo, porém, dessemelhante: Rosana evidencia “felicidade” em chegar a esta idade, enquanto Cássia aufere em ter “conseguido” chegar à velhice evidenciando um sentimento de superação. Demonstrando que apesar de se reconhecerem idosas não apresentam reclamações a respeito de dores e doenças. O processo interpretativo da categoria da velhice revela-se positivo, na medida em que afirmam que envelhecer para elas hoje em dia, de certa forma, torna-se um privilégio.

Neri (2007), em sua pesquisa sobre idosos no Brasil, afirma que ser idoso na atualidade é um processo de avanços comparado há 20 ou 30 anos atrás. Revela que envelhecer tornou-se um privilégio e aponta que o progresso social deu visibilidade à velhice, e que com o decorrer dos tempos novos padrões comportamentais sobrevieram. E ainda, cita: “o velho de hoje não segue mais o modelo de seus pais e avós e se descreve como satisfeito com a vida. Isso é positivo para a construção social da velhice, porque sinaliza que há outras formas de envelhecer (...)” (NERI, 2007, p. 4).

No entanto, as narrativas de Lindalva contrapõe o pensamento da autora, visto que em seu depoimento afirma que “[...] o idoso, eu sempre achei, o idoso depois de 60 anos tem que saber levar a vida.” Diante desta alocação a pesquisadora indagou o que era “levar a vida?” Sobreveio imediatamente a resposta:

aí eu acho que não pode exagerar, **a gente tem que ter limites**, muitos limites [...] na maneira de se vestir, **maneira de se comunicar, de gosto, a maneira de se sentar, maneira de tudo!** (Lindalva, Novembro, 2018). (**Grifos meus**).

Este depoimento evidencia determinadas percepções de si mesma; “obedecendo à limites”, especificando comportamentos sociais que hoje como mulher mais velha deve continuar obedecendo na fase da velhice, realçando a subalternidade; elemento que estrutura o sistema de gênero; visível em suas falas. Segue os trechos da entrevista de Lindalva:

Eu sou filha adotiva, minha mãe morreu eu tinha 3 meses, aí fui criada com a minha tia, aí depois eu estudei, tirei um ano de psicologia, parei, aí casei, **mas aí fiquei e tive minha filha que tem 40 anos e um neto, aí fiquei muito tempo assim, claro, sem trabalhar por causa dela [...].(Grifos meus).**

Aí eu me reconheço, a gente com essa idade não dizer que né. Agora tu saber os limites a gente sabe uma vantagem de ser uma coisa ou de não ser, a gente tem tudo isso aí né, o idoso eu sempre achei o idoso depois dos 60 anos tem que saber levar a vida, aí eu acho que não pode exagerar, **tem que ter limites, muitos limites, na maneira de se vestir, maneira de se comunicar, de gesto, a maneira de se sentar, maneira de tudo!** Eu acho que tudo tem que ter, já peguei aquela parte de ficar com pernas pro ar, agora é bem diferente, o comportamento tem que ser outro, agora cada vez vai indo mais comportamento, **mas como idosa, eu nem me sinto idosa e a cabeça tão boa eu não me sinto,** e às vezes a gente se olha no espelho e pensa eu era assim [...]. (Lindalva, Novembro, 2019). **(Grifos meus).**

Esta narrativa confirma uma prática discursiva, ou seja, uma estrutura social que faz referência ao sistema de gênero, sobretudo a papéis sociais desempenhados para a maternidade (procriação) e o cuidado com a família. Demonstrando, que suas subjetividades (experiências individualizadas) resgatam e **materializam** no processo interpretativo, **vivências simultâneas e dessemelhantes a partir de uma única narrativa/ depoimento.**

Com base nestas interpretações, testemunhou-se contradições sociais posto que verificou-se a coexistência de duas realidades opostas, isto é, práticas sociais vinculadas à noção de gênero, e a busca por inovações pela concepção da noção de envelhecimento ativo. Este cenário de vivências antagônicas é percebido e certificado quando Lindalva é questionada sobre o que espera vivenciar na terceira idade e quais seriam as suas expectativas:

Eu pretendo continuar como eu to, entendesse? **Continuar a viver a minha vida como sempre, depois de cuidar da minha filha,** quero continuar a cuidar da minha casa, e **fazer o que antes não dava tempo, fazer meus artesanatos, pintura, bijuterias, costura** tudo mais ou menos eu elaboro eu e a Maria ali, já sete anos na ABAPP. (Lindalva, Novembro, 2018). **(grifos meus)**

A entrevistada explicita o desejo de experienciar o que antes não era possível em razão das responsabilidades voltadas com a família, restando claro a busca por autonomia e independência em suas práticas sociais atualmente. Então, a contradição social resta estabelecida quando em trecho anterior se considera idosa e afirma como se deve envelhecer, obedecendo e subordinando-se às regras sociais dando destaque a desigualdade de gênero. Demonstra em sua fala que busca viver na terceira idade liberdade e autodeterminação - princípios que regem a noção de envelhecimento ativo. Essas contradições sociais encontram-se materializadas entre a sua autopercepção e as suas práticas de sociabilidades.

Então, essas contradições interpretadas à luz de determinados conceitos como do envelhecimento ativo; e da desigualdade de gênero debatido nas análises de Simone de Beauvoir (1990) e de Éclea Bosi (1994), revelam que ser velha tanto nas sociedades modernas como nas contemporâneas é um grande desafio para as mulheres; expõem críticas sobre como o envelhecimento vem sendo pensado e colocado discursivamente nas sociedades, e aludem sobre as condições de negligência que a sociedade submete seus idosos, especialmente às mulheres idosas. Relata a subordinação e a obediência como significado de passividade em suas práticas de sociabilidades, as quais eram reservadas ao ambiente doméstico; sendo submetidas ao extremo controle social de suas práticas e de seus corpos.

Nessa esteira, para entender essa perspectiva de envelhecimento é preciso, ao mesmo tempo, abordar o gênero (feminino) na velhice, uma vez que a pesquisa observou que na associação há quase o dobro de mulheres idosas para cada homem idoso. Observando que essa política pública de envelhecer participativamente dialoga com a dicotomia dos sexos, porém, com o advento da feminização da velhice na contemporaneidade, as desigualdades de gênero passaram a se intensificar, e, inevitavelmente, vetores sociais potencializaram esse processo de envelhecimento por meio da discriminação de gênero, etária e das desigualdades estruturais que adiante serão clarificados na pesquisa. Neste sentido, seguem trechos da entrevista de Benvinda, afirmando como é ser mulher idosa nos dias de hoje:

Eu não, tô longe de ser velha, mas com o momento político que tá aí, **hoje tem muita violência contra a mulher**, porque eu sou muito vaidosa, mas eu entendi quando tu falou nos dias de hoje, **todas**

mulheres estão lutando por uma vida melhor pelos seus direitos, e ser mulher idosa não é fácil, porque depois dos 50 menina, surge dor em tudo que é canto [...] **eu faço muitas coisas aqui, na minha casa, pros meus**, como vou ser velha? [...] Acho que ninguém quer ser uma mulher velha, elas dizem que são? (apontando para o grupo de colegas). (Lindalva, Novembro, 2018). **(Grifos nossos)**.

Outra entrevistada; Domingas revela como é ser mulher e idosa nos dias de hoje “eu como não sou uma mulher idosa, eu falo que sou experiente, eu **sempre fiz tudo para a minha casa, e continuo fazendo igual**, não paro muito pra pensa e nem me olhar muito no espelho (risos), eu me sinto bem.”

Essas narrativas denotam que ambas entrevistadas se auto remetem à esfera da domesticidade, isto é, a mulher sempre viveu no meio privado e doméstico, apresentando uma identidade de gênero socialmente e historicamente construída para um espaço próprio do feminino. Então, essa “feminilidade” passa a repercutir e se intensificar com o evento da feminização da velhice, posto que o termo “gênero” explica que a maioria delas gozaram na fase da infância, da adolescência e da vida adulta sistemas de opressão às mulheres. Por esta razão esse termo é fundante nas análises da velhice das mulheres, visto que essas duas últimas narrativas encontram-se atreladas ao fator “**responsabilidade familiar**” e da **desigualdade de gênero e racial** (ambas são mulheres negras que sempre desempenharam práticas sociais como empregadas domésticas). E segundo Isolda Belo (2013), essa mesma responsabilidade familiar somada ao **aumento da expectativa de vida** reforçam práticas sociais na esfera da feminilidade, dando continuidade ao “cuidar” e permanecendo em funções de cuidadoras de maridos e/ou filhos, ou passam a viver sozinha, condição que lhes causam solidão e depressão. Belo (2013), afirma ainda, que esses aspectos, podem obstaculizar uma nova reestruturação conjugal. Por fim, a autora afirma: “Diante disto, pode-se afirmar que a atual geração de mulheres idosas é aquela que mais necessita das políticas públicas para atendimento às suas demandas” (BELO, 2013, p.8).

Seguindo nesta dinâmica sobre a velhice feminina, o material empírico dissertou sobre a situação conjugal atual do grupo entrevistado, evidenciou um contexto bastante diversificado, examinou que três entrevistadas são viúvas: Osvaldina, Domingas e Cássia; outras três encontram-se sozinha atualmente,

Damiana teve dois relacionamentos e hoje revela que pretende seguir sua vida sozinha, Lindalva foi casada por muitos anos, também revelou que não pretende se relacionar sério, Guilhermina afirmou que não quer se relacionar com ninguém porque “[...] não é mais meu objetivo, me incentivam um monte a sair, já tive namorado de 3, 4 anos, só que achei que a pessoa fica insistindo em querer aprisionar a gente né, e não é isso que eu quero [...]”. As idosas que estão na condição de viuvez explicitaram em suas narrativas não estarem procurando um companheiro para partilhar a vida, totalizando que a maioria delas não têm interesse em vivenciar uma vida afetiva a dois, apenas, Benvinda e Luzia estão casadas e Rosana em uma união estável.

A partir disso, percebe-se o impacto da domesticidade, da opressão social e sexual de gênero que conviveram em seus ciclos de vida, e que envelhecer passa associar-se as peculiaridades das mulheres. E segundo Belo (2013), ser mulher velha hoje “é também, reforçar o seu papel de cuidadora, afetuosa, doméstica amorosa, passiva, e contraditoriamente, forte para ser o esteio familiar”.

Em razão dessas acepções, percebe-se, na atualidade, e, sobretudo na pesquisa, que os acontecimentos sócios históricos permanecem ainda incorporados no cotidiano e na percepção dessas mulheres sobre aquela ideia tradicional de velhice feminina, daquele discurso tradicional que descreve o idoso/velho como um “moribundo” (ELIAS, 2001). Ou seja, essa negação à condição de se reconhecerem como idosas torna-se um subterfúgio para aquela lógica de desvalorização condicionada a elas e de suas práticas.

Desse modo, essa repressão às mulheres enquanto velhas reflete diretamente na estrutura familiar social da atualidade, repercutindo na questão da sexualidade estabelecida atualmente na terceira idade que a seguir vamos verificar.

3.2.2.2 SEXUALIDADE

Judith Butler (2010) trabalha com a categoria gênero e defende que essa encontra-se intimamente ligada à categoria da sexualidade, a qual conceitua como uma construção social edificada por determinados discursos. Ainda afirma que a sexualidade de uma sociedade em geral encontra-se sempre em processo de construção social, uma vez que a sexualidade emerge e se constrói a partir de

discursos e de suas práticas em seu contexto social e histórico.

Barros (2012) afirma que a sexualidade é uma questão sociocultural ainda muito debatida, principalmente no segmento feminino idoso, embora historicamente esteja marcada pelos preceitos de subordinação e obediência, porém, atualmente é considerada uma das práticas de sociabilidade que embasam a noção de envelhecimento ativo na terceira idade.

No entanto, Veiga (2011) afirma que na velhice as esferas de opressão às mulheres ainda se intensificam e dimensionam uma forte negação no que concerne o livre exercício da sexualidade feminina, essa vulnerabilidade parte de uma legitimação e de uma normatização a respeito de como a sociedade e essas mulheres em idade avançada enxergam os seus corpos, categorizando-os com significados negativos, e assim reproduzindo uma identidade inatividade sexual às mulheres na fase da velhice. Dessa forma, a sexualidade enquanto categoria de análise passa a sofrer distintas intervenções e (re) significações contínuas, em razão das práticas discursivas existentes em determinado contexto social. Nesse sentido. O trabalho enaltece trechos das entrevistas que evidenciam distintas formas de compreender e vivenciar a sexualidade das idosas.

Durante o processo de observação e de entrevistas foi factível conceber a questão da inatividade sexual em algumas narrativas. A pesquisadora percebeu que as entrevistadas sentiam-se à vontade para narrar suas trajetórias, suas imaterialidades e convicções, entretanto, quando interpeladas sobre a questão da sexualidade (de como se percebem nos dias de hoje), algumas das entrevistadas; como Luzia e Cássia, demonstraram dificuldades em se expressar, sendo necessária a repetição do questionamento para que entendessem a dinâmica da entrevista. A partir deste momento, instaurou-se uma atmosfera de desacolhimento e de introspecção, quase unânime, restando evidente que essa ferramenta de análise consistia-se em um tabu social entre essas idosas, representando uma categoria de grande complexidade no universo feminino da associação. Tornando-se uma análise mais laboriosa (empiricamente); e, convertendo-se em uma tarefa árdua no processo interpretativo dessas subjetividades.

Diante dessas resistências em expressarem-se e perceberem a si mesmas diante do outro (no caso da pesquisadora); o caderno de campo tornou-se essencial antes, durante e depois dos diálogos; nele se materializou observações referentes a

esses comportamentos, e principalmente aqueles próprios de uma geração, isto porque grande parte das entrevistadas delinearão suas práticas de sociabilidades sob um período de intensa hegemonia masculina (nas últimas décadas), desempenhavam funções que tinham por único objetivo cuidar do lar, sobretudo cumprir papéis como da maternidade, para assim, dar continuidade à instituição familiar, Causando em muitas realidades sociais a inatividade sexual na velhice.

O material empírico revelou que da totalidade das entrevistadas; (6) seis delas encontravam-se em inatividade sexual com o sexo masculino. Damiana narrou que ao longo da vida teve dois relacionamentos sérios e que atualmente não quer se relacionar com mais ninguém; Osvaldina revelou ser viúva e que após a morte recente do marido não pretende namorar e nem se relacionar com outras pessoas; Lindalva demonstrou o mesmo sentimento de ter se relacionado ativamente com uma pessoa, e hoje apenas quer alguém para lhe fazer companhia ou que possam viajar juntos, a seguir sua narrativa:

Não, quero só um companheiro para me fazer companhia, para uma relação de viajar, eu me acho importante, porque onde eu tô, sou convidada para ser a quem comanda, pra mim tornou o meu refúgio, meu pedestal [...] (Lindalva, Novembro, 2018). (Grifos meus).

Cássia relatou que é viúva e que não pretende conhecer ninguém, mas referiu-se “que nunca se sabe o que vai acontecer ali adiante”; Domingas também é viúva e expôs a mesma condição “se aparecer alguém interessante, por quê não?, não tô morta (risos)”. No entanto, o que chamou atenção da pesquisadora foi como Domingas e Guilhermina; respectivamente, percebem sua sexualidade na terceira idade:

Aí eles, meus dois filhos não me incentivam, apenas falam para eu combinar de vir fazer algum curso com alguma colega. Mas me incentivar a realizar coisas novas não, eles não gostam de falar sobre isso. Eu moro sozinha, meu filho menor que se separou às vezes fica aqui comigo [...]. **Eu não quero ninguém agora, eu penso se aparecer alguém interessante, por quê não? Mas agora eu quero mesmo é cuidar de mim fazer coisas novas, eu ando**

com vontade de fazer um ensaio fotográfico para terceira idade, eu acho lindo. Sempre vi na internet esses books de fotos, é pra mim mesma, não ia colocar pros outros, é porque eu acho bonito, mas vi que é bem caro. (Domingas, Novembro, 2018) **(Grifos meus).**

A nível de sexualidade mesmo né, **sexo, sexo eu acho que não existe, existe mais um carinho nessa terceira idade, um carinho, um acompanhamento, lá um beijo, uma passada de mão. Sexo mesmo é bobagem que diz que tem né. Mas faz muito bem pra gente, pro ego da gente,** se sente bem amada e feliz, não tem palavras, é um ego mesmo que flui **é uma maravilha.** (Guilhermina, Novembro, 2018). **(Grifos meus).**

Domingas evidenciou a sua sexualidade a partir do seu corpo, de uma forma assertiva, no desejo em posar para um ensaio fotográfico para a terceira idade, evidenciando a sua sensualidade, experimentando uma nova fase de autocuidado. Guilhermina reproduz uma nova forma de se enxergar enquanto mulher madura, afirma que na sexualidade o sexo não existe, e sim, um conjunto de outros comportamentos afetivos na terceira idade, no entanto, as demais idosas³⁰ mencionadas revelam um desinteresse sexual porque compreendem que seu meio social enxergam a questão da sexualidade apenas a partir do sexo e do corpo, em consequência, se percebem assim. Simone de Beauvoir (1990) e Éclea Bosi (1994) já estabeleciam em suas obras³¹; que o processo de envelhecimento para as mulheres no contexto capitalista se embasava em um sistema de obediência sexual, e que nesta fase madura, a autopercepção feminina frente as mudanças corporais, provocadas pelo tempo, tornavam-nas pouco atraentes com um baixo potencial de encantamento, contribuindo para uma composição social que descarta a intersecção da sexualidade, do sexo com a velhice feminina. Posto que, o contexto social na época, e ainda atual, privilegia e cultua o exercício da sexualidade apenas entre os corpos jovens.

Entretanto, pode-se dizer que Domingas e Guilhermina reproduzem um novo olhar sobre si mesmas, e compreendem que na terceira idade as suas sexualidades podem se estabelecer de outras formas e com outros significados; como os comportamentos que enunciaram; sensualidade, carinho, beijos e compartilhamento

³⁰ Durante as observações falavam sobre seus corpos: “Não preciso fazer mais dieta, as gordurinhas nas mais velhinhas ninguém nota” (Diário de campo, outubro, 2018).

³¹ “A velhice: Realidade incômoda (1990)”; “Memórias e Sociedade: Lembranças de Velho (1994)”

de vivências, e não a partir somente do corpo, abandonando aquele mito de assexualidade (que só consiste a sexualidade enquanto ato sexual). Guilhermina alega ainda em suas narrativas, que hoje vivencia a liberdade: “eu quero mais liberdade, eu vou e converso eu tenho minhas amizades de baile, eu danço com os rapazes, senhores né no baile, mas não quero nada de relacionamento, se conversamos é por telefone.” Evidenciando que a sua nova visão sobre a sua própria sexualidade não interfere nas possibilidades que pretende vivenciar com liberdade e autonomia na terceira idade.

Embora essa nova configuração em nível de sexualidade afetiva tenha se mostrado pertinente, já que os padrões sociais de sexualidade têm significados diferentes, como se vê pela entrevistada acima; Benvinda e Rosana mostraram-se, na pesquisa, mulheres em plena atividade sexual; contudo, Benvinda narrou que sua vida sexual não era mais a mesma, porém, sentia-se feliz e satisfeita:

A minha sexualidade não é mais a mesma, eu falo em números, tu entendeu né? Mas, a gente é feliz até hoje. Impedimentos? não sei, acho que o trabalho atrapalhava bem mais, porque a gente tava sempre muito cansado, porque hoje a gente não tem tanta responsabilidade com filho, como falei e com ninguém, **tem mais liberdade, a gente aproveita mais, eu tô aproveitando**. (Benvinda, Novembro, 2018) (**grifos meus**).

Nestas entrevistas – em suas falas – mostram o quanto é difícil para essas mulheres falarem sobre o tema, como por exemplo, a postura discreta de Luzia que revela que embora ela esteja entre as mulheres casadas e supostamente ativas (foi a idosa que sentiu dificuldades em se expressar, e não mencionou se tem uma vida sexual ativa), apenas respondeu de maneira concisa “eu me sinto bem”.

Dentre as seis mulheres em desinteresse sexual, duas delas; Damiana e Domingas, também narram ter mantido relacionamentos sérios e longos, tendo uma vida sexualmente ativa enquanto jovens, porém, determinadas experiências negativas quanto à afetividade demonstram abnegação da sexualidade na velhice, vejamos as falas de Damiana e Domingas, respectivamente:

[...] Enfim, namorei uma pessoa e fui morar junto 14 anos, **mais o**

motivo da bebida alcoólica, eu resolvi depois de 14 anos parar, aí eu terminei o relacionamento. Teve momentos bons, momentos tristes, por que eu queria ajudar essa pessoa, **mas ela não quis ser ajudada**, aí eu sentei e não teve briga no meu casamento, não teve discussão, teve diálogo porque eu sou muito de dialogar com as pessoas, eu acho que ali, ele precisava de ajuda, que ele era ruim para ele próprio. [...] depois conheci uma pessoa, namorei 3 anos essa pessoa e ele morreu de câncer, então eu tive dois relacionamentos (chorou, fez sinal, se restabeleceu e continuou suas narrativas) **um perdi para a bebida e outro para o câncer e aí eu penso qual será o próximo?** Então essas duas pessoas, eu te digo que o segundo eu amei de verdade, o primeiro foi o primeiro casamento, mas eu amei o segundo e ele partiu e me deixou uma lição de vida. (Damiana, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

[...] **eu desde novinha vivi por muito tempo com uma pessoa**, muitos anos mesmo, **e ele tinha problema com a bebida**. Foi muito difícil de abandonar ele, eu tinha dois filhos pequenos, era mãe deles, **dependia dele para me manter, e ele não aceitava nenhuma crítica, bebia mais ainda, e eu tinha que ficar cuidando dos pequenos** naquela época ele trocava o dia pela noite, perdia serviço, dinheiro e a saúde dele né, ele não parava, daí chegou uma hora que eu não aguentava mais, ele fazia muito mal (silenciou, respirou e continuou a entrevista). **No outro dia mesmo passando por tudo aquilo eu tinha que cuidar dele**, porque bebida te deixa inútil, tu fica como estivesse doente, de cama, e a vida tornou um desgosto, e com ajuda dos vizinhos e da minha família eu dei um basta. **É muito sofrido, não quero que ninguém, nenhuma pessoa passe por isso, moça**. (Domingas, Novembro, 2018). **(Grifos meus)**.

Estas responsabilidades familiares impostas às mulheres de que precisam permanecer no casamento para cuidar dos seus filhos independentemente de suas insatisfações conjugais, como os “problemas de bebida”, declarados pelas idosas, contribui massivamente para a violência doméstica, dispendo de um peso social significativo, os quais repercutem mais tarde, limitando essas idosas a experienciarem novas afetividades com fluidez na velhice. Desse modo, é perceptível diversos tipos de (a) sexualidades provenientes da autopercepção delas, desse modo, assevera-se dessemelhanças com distintos significados e em diferentes contextos sociais.

Nessa mesma perspectiva, quando demandadas sobre a família e o contexto social em que vivem, determinadas falas e sentimentos foram captados e apontados nesse estudo, retratando que algumas das idosas que encontram-se sozinhas (na

“assexualidade”) são incentivadas, especialmente pelas filhas mulheres, a construir novos relacionamentos seja com amigos ou com namorados; enquanto a maioria dos filhos homens incentivam apenas as atividades sociais na associação, com exceção dos dois filhos de Guilhermina; a qual afirma que eles a incentivam além dessas atividades, a sair e ir para bailes para assim conhecer outras pessoas. Percebe-se uma inversão de papéis, uma autorização dos filhos homens, e se concebe, também, que o (não) - estímulo ou o “zelo excessivo dos filhos” ou oriundo da família, é uma questão de gênero, acentuando-se nas mulheres enquanto idosas.

Desse modo, mais uma vez, configura-se a noção da dominação de gênero em relação às práticas sociais e aos seus corpos femininos. Conforme afirma Veiga (2011):

Parece evidente, **então, posicionar os estudos sobre corpo e envelhecimento como sendo assim uma questão de gênero**. E esta construção – do masculino e do feminino – se dá dentro de um contexto histórico e social. No caso da nossa sociedade, o patriarcado tem grande força neste contexto. (VEIGA, 2011, p. x) **(grifos nossos)**.

Avençando-se a essa questão de gênero, a pesquisadora percebeu que a maioria dessas idosas enquanto jovens casaram-se³² cedo, e que o papel social do casamento possibilitou o contato com as experiências sexuais, porém, condutas postas pela família e pelo contexto da época, ao longo de suas vidas, constituíram um retrato fragilizado delas frente ao modo de como enxergam sua vida sexual dentro do campo de sua sexualidade. Essa invisibilidade sexual relaciona-se com os conceitos de abjeção para Judith Butler (2010), a qual refere-se a todas àquelas construções de gênero que não se enquadram no ideal normativo da sociedade. E a autora, ainda, pensa o corpo velho como um corpo performático, e revela que a concepção performativa (de continuidade) de materialidade situa a percepção de performatividade (de alteração), e que o ato de fala em forma de exatidão implica em efeitos e significados a estas falas discursivas. Ou seja, para Butler, o ato de linguagem opera e repercute na materialização desses discursos sob determinado

³² A pesquisadora delineou um padrão afetivo a respeito das situações conjugais egressas e atuais dessas idosas, por meio de suas observações e anotações no caderno de campo. (Diário de campo, outubro, 2018).

corpo, dessa forma, também repercute na construção de suas identidades.

Seguindo essa perspectiva, se analisarmos a relação que atualmente a sociedade capitalista tem com os corpos jovens, privilegiando-os, e impondo um culto de valorização a esses corpos diante de um mercado de consumo, percebemos que os **corpos envelhecidos** tornam-se **abjetos** dentro dessa noção de ideal normativo sobre a sexualidade, em vista disso, **a sexualidade feminina** na velhice torna-se como uma verdadeira **abjeção em razão do gênero** no contexto social atual.

Então, a dinâmica do corpo velho e feminino é aquela em que esse corpo passa a sofrer legitimações e (normatizações) do performativo – estabelecendo padrões de sexualidade (sejam eles positivos ou negativos), portanto, esse aspecto **performativo (de reiteração)** dimensiona os atos de fala (**depoimentos dessas idosas**) que a sociedade e elas próprias têm de si mesmas, então, esses atos de fala **realizam** seus corpos – **o corpo performático**. Afirmando, de uma forma concisa, que os atos de linguagem atribuem valor aos corpos, e, no caso da pesquisa, as narrativas de assexualidade atribuem proporcionalmente (des) valor aos seus corpos femininos e velhos.

Desse modo, a pesquisa compreendeu a existência de diferentes corpos performáticos no espaço social da instituição, e, ainda, percebeu de que forma o ato performático vem construindo esses significados em seus corpos, evidenciando nas idosas performances de inatividade sexual; em outras performances a plena atividade ativa sexual e que se dão em diferentes níveis de intensidade, como no caso de Benvinda; e ainda em outras performances, como Domingas e Guilhermina, que se utilizam da performatividade para reinventar e reproduzir novas performances de si mesmas, frente as suas sexualidades – a afetividade e a sensualidade.

Entretanto, esses variados corpos performáticos (encontrados na terceira idade) são capazes de sofrer uma performatividade frente à noção do envelhecimento ativo, que por sua vez, com uma intensa atuação como uma forte política pública (que viabiliza autonomia e liberdade), poder-se-á categorizar (significar) um novo corpo performático: maduro, porém, em uma (performance) de sexualidade mais ativa no campo investigativo da associação.

Por fim, um elemento a ser enunciado no trabalho é que todas as idosas

“mostraram-se”³³ serem heterossexuais, mesmo, que não tenham afirmado categoricamente esta questão; porém, durante as observações, conversas e diálogos a respeito de seus atuais e ex companheiros induziram-se a um padrão de heteronormatividade.

Adiante será apresentada a categoria da classe social a qual se revelou como uma agência sociológica de investigação, fundamental, para estruturar as categorias relacionais, em consequência, concebeu categorias adjacentes a ela que evidenciaram um percurso social (no ciclo de vida das idosas investigadas), em relação aos marcadores de raça, escolaridade, renda, ocupação profissional e a posição social na atual estrutura familiar.

3.2.2.3 CLASSE SOCIAL (escolaridade, renda, ocupação profissional e posição social na família) e Raça.

Segundo Motta (1999), a classe define-se como uma categoria complexa e sobredominante às relacionais, pois se refere e corporifica o social de uma forma diversa; estruturando essas questões biossociais (de gênero, de raça, de geração etária), as quais se encontram marcadas no corpo e na cultura dessas mulheres. Portanto, Piscitelli (2008) utiliza a interseccionalidade como uma ferramenta de confluência entre essas categorias para evidenciar as relações de poder e de dominação na estrutura de classes.

Nesse sentido, o material empírico evidenciou marcadores sociais como escolaridade, renda e ocupação profissional e posição social na estrutura de classes da associação e a sua intersecção com as categorias de raça e envelhecimento remetem às análises de relações de poder e de hegemonia que clarificam, e, por conseguinte, desmistificam a ideia de homogeneidade na velhice.

Nessa esteira, Santos e Lopes; Neri (2007) apontam que as diferenças biológicas (raciais) não atuam de forma direta na organização política, social e cultural de uma sociedade, e sim, como seus **significados** são compreendidos pelos operadores sociais. Com isso, **a questão racial** mostra-se uma ferramenta de

³³ Durante as atividades de tricô, quando retoricamente, falavam sobre seus relacionamentos referiam-se sempre ao sexo masculino. (Diário de campo, Novembro, 2018).

articulação importante para a pesquisa, entretanto, se analisá-la separadamente de outras categorias sociais não reproduz uma análise social complexa (heterogênea), tornando-se apenas uma questão subjetiva dentro daquele universo cultural. Isto é, os dados empíricos passam a ser descritivos e verificam de forma tênue a condição social do indivíduo, no caso da pesquisa às idosas aposentadas.

Dessa forma, dissertar sobre cor/raça se faz tão necessário quanto dissertar sobre classe, nas suas dimensões de escolaridade e renda, de forma interseccionalizadas, para assim, relacionar e estruturar com maior complexidade a questão da raça dentro da composição de classes no espaço da associação. Posto que, essas confluências repercutem ritmos e fluxos diversos constituindo novas identidades correspondentes a processos sociais heterogêneos na velhice.

Observando o grupo pesquisado em sua totalidade, de dezoito (18) idosas; dez (10) eram de cor branca e oito (8) de cor negra; das (9) nove entrevistadas, cinco (5) eram de cor branca e as outras quatro (4) eram de cor negra.

Durante o processo investigatório, a pesquisadora certificou que a escolaridade passou a ser um marcador social de suma importância para os indivíduos da pesquisa, isto porque, percebeu que o nível de escolaridade somado à noção da renda mensal familiar e da raça/cor, traçavam um percurso social que cristalizava diferentes trajetórias e contextos sociais entre as idosas investigadas.

Desse modo, o campo empírico verificou que a maioria das entrevistadas possuem baixa escolaridade ou algumas delas nunca frequentaram à escola, vejamos: Benvinda e Domingas trabalhavam em lavouras (auxiliando à família) por esta razão nunca foram à escola, no entanto, Damiana, Osvaldina, Luzia e Rosana frequentaram entre o 5º e o 8º ano escolar, e mesmo assim, abandonaram os estudos para casar e voltar às práticas sociais do contexto familiar. Verificou-se, ainda, que Cássia estudou em um colégio de freira e cursou o segundo grau de forma incompleta desistindo pelas mesmas razões de casar e constituir família, e que duas idosas frequentaram cursos superiores; Lindalva cursou um ano de psicologia e Guilhermina possui um curso superior completo em ciências contábeis.

Percebe-se que as idosas Benvinda e Domingas que não tiveram acesso à escola, moravam na zona rural, e esse **contexto rural**, implica e intensifica os enfrentamentos de desigualdade social, e ainda; ambas carregam a **marca da**

cor³⁴**negra**. Da mesma forma, Luzia e Osvaldina, também **mulheres negras**, perceberam baixa escolaridade, respectivamente, 5ª e 8º ano escolar, em virtude de terem sido conduzidas à época ao meio da domesticidade – **questão de gênero**; para assim, contrair casamento e filhos ainda muito jovens. Resta evidente que nessas quatro trajetórias operaram-se no mínimo de dois a três sistemas de opressão, sobretudo o da marca da cor.

Verifica-se nesses dados, que elas não avançaram em escolaridade em consequência de diferentes complexidades, em intersecção; **a questão de gênero** é muito evidenciada porque essa geração de idosas, quando jovens, experimentaram opressões ao seu gênero de forma compulsória em relação as suas práticas e seus corpos, conduzindo-as sempre ao casamento e a maternidade; **a questão rural** denota mais uma complexidade, uma desigualdade social, a se transcender para se ter acesso à educação, e a **marca da cor** nessas mulheres complexifica ainda mais o preconceito racial. Essas fragilidades (de gênero, de raça e de contexto rural) quando cruzadas potencializam-se e repercutem ainda mais na velhice, reproduzindo relações de poder dentro de suas atuais estruturas sociais.

Analisando com mais profundidade esse aspecto da escolaridade, entende-se, que o (não) acesso à educação serve como uma ferramenta de controle social por parte dos sistemas de gênero, e por sua vez, reforça uma ideia de competitividade nas sociedades modernas ocultando o preconceito racial existente em um sistema econômico enraizado em práticas racistas de seleção, estabelecido pelo mito da democracia racial, conceito já mensurado anteriormente no trabalho.

Diante disso, a pesquisadora percebeu que no campo empírico da associação evidenciou-se esse percurso social de baixa escolaridade e renda entre as idosas, em geral, sobretudo nas negras, complexificando a raça – a cor negra na estrutura de classes da associação. Incorporando as complexidades do passado, isso porque a sociedade atual ainda prega aquela desigualdade de classes, dispondo da lógica da competição que é aquela que diferencia a idosa branca da idosa negra, e “não pela sua cor”.

Clarifica-se ainda mais este cenário, quando essas idosas (negras) revelam à pesquisadora os tipos de profissões e práticas sociais que exerceram ou que ainda desempenham na atualidade. Benvinda e Domingas, mulheres negras, laboraram

³⁴ Expressão “marca da cor” refere-se ao preconceito de cor debatido por Florestan Fernandes (2008) em sua obra *Integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca*.

em lavouras e depois trabalharam grande parte de suas vidas como **empregadas domésticas** em casas de famílias, tendo em vista que são as mesmas que nunca frequentaram a escola, apenas uma informou que sabia ler e escrever; Osvaldina, mulher negra, que estudou até o 8º ano trabalhou quando jovem no comércio e depois passou a **costurar para fora**; Luzia, também negra, afirmou que nunca trabalhou fora, mas que suas práticas sociais eram no ambiente doméstico, intitulado-se como profissão “**do lar**”. Conseqüentemente, **todas elas, negras e com baixa escolaridade**, exerceram ou ainda exercem **ocupações residuais**.

Esse cenário coaduna com as teorias que Florestan Fernandes (2008) debate; as questões das diferenças raciais e de classe na sociedade; nesse debate ele afirma que depois da escravidão, os negros continuaram “escravos” em razão da estrutura de classes que estavam inseridos; do mesmo modo, as práticas sociais das mulheres negras não eram consideradas mais mão de obra escravocrata, porém equiparavam-se. Já que desempenhavam funções residuais ainda que assalariadas; como mucamas, serviçais e etc. (visto que até hoje estas práticas sociais coexistem).

Tendo em vista que as narrativas das idosas evidenciam ocupações como: empregada doméstica, costureira, do lar, cuidadora de idosos e entre outras; demonstram que estas práticas sociais desempenhadas, em tempo recentemente, além de assemelhar-se com as funções consideradas residuais – inferiores pelo autor, igualmente, são práticas sociais reservadas ao ambiente doméstico. Dispõem-se, na atualidade, como uma força laboral valorizada em razão de serem remuneradas, porém, são consideradas inferiores, segundo os conceitos do autor, tendo em vista que incorporam aquela lógica escravocrata (das mucamas e serviçais), e de gêneros pertencentes à esfera doméstica.

Ao passo que, na realidade social atual tenham sido regulamentadas juridicamente, por exemplo, o caso específico das empregadas domésticas, essas práticas ainda não são consideradas um trabalho especializado porque embora o trabalho doméstico na atualidade seja remunerado, ele não é socialmente e igualmente valorizado comparado a tantos outros, tendo em vista em ser executado em um ambiente doméstico ainda muito estigmatizado pela marca da cor e pela noção de gênero. Essa lógica residual, igualmente, estende-se as demais práticas (costureira, do lar e etc.) contempladas nos depoimentos das entrevistadas.

Essas intersecções sociais de escolaridade, cor e gênero repercutem, diretamente nas práticas sociais atuais (ocupações) delas, resultando em distintas estratificações econômicas (renda) para cada uma dessas idosas. A partir disso, a pesquisadora foi compreendendo as diferenciações existentes dentro da estrutura social de classes no espaço da ABAPP.

Seguindo esse ritmo de intersecções; percebemos que **as idosas brancas possuem uma melhor escolaridade comparada com as idosas negras**, embora considera-se ainda como uma baixa para mediana escolaridade: Damiana, mulher branca, frequentou até o 8ª ano escolar e trabalhou como empregada doméstica, aposentou-se aos 50 anos, e atualmente exerce a ocupação de **cuidadora voluntária** de pessoas em condição de vulnerabilidade; Rosana, branca, frequentou até o quinto ano escolar, trabalhou na lavoura até os 14 anos, e depois passou a laborar no **ramo do comércio** de sua cidade, parando os estudos em virtude do casamento; Cássia, branca, cursou até o segundo grau incompleto, desistindo pelas mesmas razões que as demais entrevistadas; a questão familiar e hoje **trabalha em um centro espírita**. Lindalva apesar de ser branca e ter frequentado um ano de faculdade em psicologia, resultou em uma mediana escolaridade em razão de não tê-lo completado, segue o trecho do seu desabafo: “(...) foi um erro meu, hoje eu vejo que foi um grande erro meu, deveria ter feito até o fim, mas parei, aí casei e tive minha filha e parei isso (...)”, atualmente **labora em um conselho fiscal**. Guilhermina, na mesma vertente, trabalhou grande parte de sua vida para **uma empresa de destaque da cidade**, no entanto, mesmo sendo branca e possuindo um curso superior passou pela mesma condição feminina que as demais idosas brancas, segue o relato:

Quando me separei [...] tive que sair de casa e ir morar com a minha mãe e a minha mãe já tava doente e tinha uma parente cuidando da minha mãe, **tive que colocar uma pessoa para cuidar do meu filho, um monte de confusão [...].E nesse tempo assim eu não saí pra lado nenhum, recém-separada**, aí consegui juntar dinheiro quando saiu a decisão do juiz [...] eu retornei pra minha casa pro meu sobrado com meus filhos na minha volta. Sempre batalhei. (Guilhermina, Novembro, 2018) **(grifos nossos)**.

Demonstrando que **as idosas brancas** por possuírem uma melhor

escolaridade e renda mensal em relação às idosas negras, **se diferem das funções residuais das idosas negras**, apresentando um cenário de práticas sociais e (ocupações) conseqüentemente melhores.

A partir dessas exposições, elaborou-se um processo de interpretação e contextualização do envelhecimento delas, dimensionando essas diferentes acepções sociais e compreendendo o percurso social, singular e único de cada idosa investigada no espaço da ABAPP. Com isso, também produziu-se dessemelhantes posições sociais dentro da estrutura familiar dessas mulheres. Explica-se: **apesar da presença dessas relações de poder em suas trajetórias sociais**, a maioria das entrevistadas por meio de suas ocupações tornaram-se independentes economicamente dentro do seu meio familiar (firmando-se mais com a chegada da aposentadoria), com exceção de Luzia que nunca laborou e durante a entrevista evidenciou dependência econômica do marido. A partir disso, verificou-se que a maior parte delas se tornou chefes de família, e de acordo com seus relatos, passaram a contribuir financeiramente com seus integrantes, principalmente filhos e depois netos, e desse modo estabeleceram uma relação de poder econômico dentro do seu meio familiar.

No entanto, **apenas as idosas brancas** adquiriram uma posição de status social, práticas e/ou papéis de destaque em seu meio social; como por exemplo, Damiana, Cássia e Lindalva que exercem funções sociais de forma voluntária à comunidade, uma aos grupos em vulnerabilidade como idosos doentes, e a outra a uma comunidade espírita, assim como Lindalva que trabalha na associação e de certa forma coordena as atividades desempenhando liderança entre o grupo de crochê: "(...) sou convidada para ser a quem comanda, (...) tanto que eu não faço essas coisas (apontando para o grupo de crochê) que elas fazem, eu levo na brincadeira e hoje somos amigas". Denotam-se em suas práticas, falas e posição social em seu meio social.

Entende-se que essas idosas brancas mesmo com um percurso social com escolaridade e renda mensal proporcionalmente baixa ou mediana, ainda assim terem vivenciado desigualdades de gênero; evidenciaram-se ao seu meio social de forma assertiva. Porém, o sociocultural continua "democraticamente" privilegiando a cor branca e incorporando aquela exclusão social, de forma velada. Restringindo as idosas negras apenas àquelas práticas inferiores de sociabilidade. Nesse sentido, o

filme *Estamira*³⁵ retrata bem o preconceito racial, e, por conseguinte a exclusão social; apresentando claramente a intersecção da velhice com sistemas repressivos que resultam em diferentes preconceitos como o racial, de gênero, de idade e etc., em virtude da personagem ser uma mulher velha, negra, pobre e que reside em um lixão, desengajada socialmente do mundo real. Essa obra cinematográfica se fundamenta nas teorias residuais (práticas sociais) de Florestan Fernandes, assim como na teoria sociológica do envelhecimento – teoria do desengajamento, que visa isolar “esses indivíduos” do corpo social como uma forma de “política pública branca”, os removendo do convívio social.

Esse cenário de diferenciações de poder apesar de se estabelecerem de forma democrática no campo da investigação, é factível de ser percebido nas práticas de sociabilidade das idosas em razão do fator cultural de subordinação do negro ao branco. Apesar disso, a maioria das idosas negras “declarou que vivem bem”, mas com simplicidade, e que ainda, auxiliam seus familiares, principalmente filhos e netos, com a aposentadoria que percebem.

Contudo, verifica-se que a intersecção dessas categorias adjacentes emanadas do campo investigatório torna-se importante para compreender as heterogeneidades provenientes dessas relações de poder dentro da organização de classes, estruturadas dentro desse universo feminino do envelhecimento, especialmente no espaço da associação.

A seguir, soma-se a este estudo uma política pública em prol de um envelhecimento proativo que se baseia por meio dos princípios de autonomia e independência social que, por vezes, omite a estrutura de diferenciações encontradas na velhice.

3.2.2.4 ENVELHECIMENTO ATIVO

Como já apresentado nos primeiros capítulos, o envelhecimento populacional brasileiro intensificou-se nas últimas décadas, e com isso, a expectativa de vida também aumentou, então, conseqüentemente, a necessidade de analisar as ³⁵ *Estamira*. Dir. Marcos Prado, 2016. Film.

trajetórias pessoais, de como se pode trazer novas perspectivas sobre o conceito de envelhecimento, tendo em vista que a projeção populacional já examinada no trabalho aponta que para o ano de 2025 encontrar-se-ão 32 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Essa projeção populacional também carrega consigo outro fenômeno já conferido na pesquisa que é a feminização da velhice, esse fenômeno intensifica as desigualdades de gênero estabelecidas na sociedade, visto que o progresso social é substancial para determinar a identidade vigente de cada pessoa e cada grupo, em consequência, fomenta a **noção de envelhecimento ativo** como uma política pública direcionada aos idosos na terceira idade, e se coloca discursivamente, como uma assertiva de renovação às mulheres idosas, acrescentando as suas vidas bem-estar físico, mental e social – avançando em qualidade no processo de envelhecimento.

Segundo Barbieri (2014), essa noção baseia-se em princípios de **autonomia e liberdade** e visa novas **práticas** sociais na terceira idade, determinando por si, padrões mais ativos de vida. Essa noção de envelhecimento ativo mostrou-se, de certa forma, presente nas práticas sociais das idosas durante o período de investigação. Sendo que o material empírico evidenciou que todas as idosas entrevistadas mostraram-se extremamente ativas em relação as suas atividades físicas, mentais e sociais dentro do espaço da associação.

No entanto, algumas narrativas apresentaram diferenciações de níveis de (in) dependência perante o convívio com o seu meio social e familiar. Das dezoito³⁶ idosas observadas nos cursos de pintura em tela e artesanato a maioria demonstrou morarem sozinhas, porém, em contato diário com os familiares e amigos. Nesse sentido, seguem os relatos das entrevistadas em relação a sua (in) dependência em geral:

Olha eu moro com meu marido e uma filha e não é muito diferente de antes (risos) eu aposentei, mas **não consegui uma empregada doméstica que nem eu, eu continuo empregada agora de mim mesma**, que sacanage né, porque antes eu ganhava uns bons trocos, mas eu não fui da época dos novos direitos, trabalhei em

³⁶ Durante as o período de observações, percebeu-se que a maioria das idosas moram sozinhas, em razão de demonstrarem expectativa ao final de semana, no qual a maioria afirma que encontram-se com filhos e netos para almoço e passeios. (Diário de campo, outubro, 2018).

muita casa de família com crianças. **Eu nasci pra lavar e cozinhar e agora faço pra minha casa e pro meu marido. Mas nos últimos anos eu vejo televisão e faço tricô pra fora às vezes** (Benvinda, Novembro, 2018). (Grifos meus).

Desde que meu marido faleceu, há 2 anos e 3 meses, **eu moro sozinha. Minha filha mais nova passa uns dois dias na semana comigo, para me ajudar e aí também não fico sozinha**, na verdade ela vem na hora do almoço e depois passa o dia trabalhando e estudando, é que minha casa fica perto pra ela ir pra aula dela. Mas ela tem a casinha dela com o namorado. Então, eu tenho a companhia dela de noitezinha pra não ficar tão sozinha, um pouco né, porque vive grudada no celular. Eu faço tudo em casa, vou ao super, e venho pra cá, risos. Mas eu taria te mentindo se falasse que tá tudo bem, me sinto às vezes sozinha, tento ocupar bastante a minha cabeça. **Eu dividia tudo com meu esposo, mas agora passeio só com elas, elas estão me ajudando a eu a cuidar de mim** (Osvaldina, Novembro, 208). (Grifos meus).

Luzia mora com o marido e menciona que as motivações vindas da família se resumem a frequentar as atividades sociais e culturais da instituição e **apenas viajar para casa de praia da filha no verão**. Entretanto, outro relato que chamou atenção da pesquisadora foi de Domingas; que mora sozinha e revelou ter muita vontade de viajar, sair para lugares bonitos e ainda realizar um sonho de posar para um ensaio fotográfico para a terceira idade, porém **não se sente incentivada pelos filhos e sua situação econômica não permite**.

Percebe-se nesses relatos, que essas idosas mostram-se dinâmicas em seus afazeres domésticos e cotidianos, e ainda são bem ativas dentro da associação, além disso a observação participante constatou uma boa relação com as outras integrantes (socialização), todavia, isso não significa dizer que são independentes socialmente e que se beneficiam do componente liberdade em seu contexto atual, ao contrário, evidencia-se a partir de suas falas dependência social e ainda destacam que levam em consideração o que a família dita o que é ser liberdade e autonomia para elas, então, por se sentirem **ativas criam uma noção (equivocada) do que é ser independente em seu meio social**, e essa ambiguidade pode ser reflexo da soma de sistemas de confluências que, conseqüentemente, ao longo de suas vidas, as distanciaram de vivências e significados de serem livres e independentes em um meio social, em razão terem sido aviltadas por esses

sistemas de dominação, por isso, esses relatos demonstram sentimentos de dependência afetiva e obediência ao seu seio familiar.

Essa ambivalência nos remete a uma reflexão, já mencionada no trabalho, que refere-se em que medida essa noção de envelhecimento ativo ofereceria a essas idosas uma liberdade que nunca vivenciaram enquanto mulheres jovens?

Dessa forma, suas práticas sociais não sustentam integralmente o que o envelhecimento ativo propõe perante a sociedade, observa-se: Benvinda; **negra**, casada, relata que sempre foi e continua sendo **empregada**, “que nasceu para isso e para servir o marido”; Osvaldina, **negra**, viúva, demonstrou ter vivido para o marido e que hoje essa dependência volta-se para a filha mais nova; Luzia, **negra**, casada, sempre viveu como **dona de casa e depende economicamente do marido**; Domingas, **negra**, sem estudo, mostrou anseios de mudar sua vida, viajar, posar para um ensaio fotográfico, porém, revelou ter uma **renda mensal baixa** e suas práticas sempre foram de **empregada doméstica**.

Restando claro que todas elas, apesar de ambicionarem novas práticas de sociabilidades na terceira idade, encontram-se ainda enraizadas em práticas desiguais baseadas em sistemas de gênero, submetidas a forte opressão do capitalismo em referência as suas práticas residuais decorrentes de sua baixa escolaridade e renda que, por sua vez, reforçam a complexidade do preconceito racial dentro da estrutura de classes; **e sendo que duas dessas idosas vivenciam a apatia do desinteresse sexual** (Osvaldina e Domingas). Desse modo, essas mulheres mostram-se aparentemente ativas (possuindo plena capacidade funcional em suas atividades físicas, mentais e de socialização com as colegas de curso), todavia, como **agência de investigação na seara sociológica essa noção de envelhecimento ativo** torna-se homogêneo perante as heterogeneidades da velhice, demonstrando que **essas idosas** mostram-se **dependentes** e reféns perante os **valores** morais e sociais **da família e da sociedade**, isto é, distantes daquela lógica proposta de envelhecimento ativo que vende um discurso de liberdade e independência no contexto social geral e atual (e não apenas em redes de convivência de idosos).

Este cenário cristaliza-se nas palavras de Beauvoir (1990, p. 110) que infere sobre as relações de poder pregressas vivenciadas por mulheres enquanto jovens; e que até hoje carregam o status de serem consideradas velhas:

O problema do negro, como já foi dito, é um problema dos **brancos**; o da mulher, um problema **masculino**: entretanto, ela luta para conquistar a igualdade, e os negros se batem com a opressão. **Os velhos não têm arma nenhuma, seu problema é estritamente um problema de adultos ativos. Estes decidem de acordo com seu próprio interesse, prático e ideológico, sobre o papel que convém conferir aos anciãos.**

Essa citação da autora denota claramente “o poder do homem branco” que é defendido recentemente pelas ondas feministas, sob as esferas de dominação – de opressão às mulheres. E ainda, refere-se a dominação sobre os idosos, isto é, os homens domesticam as mulheres em seus ciclos de vida, sejam elas brancas, negras ou velhas. Reduzem seus direitos e igualdades sociais conforme “lhes convém”, isso demonstra que as políticas públicas também precisam ser emanadas de operadores sociais do sexo feminino, restando claro que desde sempre as sociedades modernas demoraram a quebrar paradigmas e reproduzem e/ou incorporam constantemente esses padrões histórico-culturais que Beauvoir se refere, como uma manutenção de mecanismos de dominação, como o de gênero, de raça, de faixa etária e etc. e sendo encontrados ainda encontrados nos dias de hoje como no campo empírico dessas idosas.

Em contraposição ao que foi demonstrado até o momento, o empírico também considerou outros relatos como de Cássia; (verificou-se além de independência funcional – liberdade em seus comportamentos):

Se eu tiver que sair eu bato a porta não tenho que dar satisfação pra ninguém, a não ser que eu digo, caso, por exemplo, eu vou na minha irmã, eu digo pra minha filha, **mas não é um pedido é uma comunicação. Senão também vou e volto na boa sozinha. (Grifos meus).**

Nesse mesmo sentido, enunciou Lindalva:

Eu moro sozinha, moro em um apartamento, moro sozinha, minhas atividades é tudo eu, eu tô trabalhando faz 7 anos

[...].Tenho muitas amizades aqui principalmente, e tive outros grupos que frequentei [...] minha família me incentiva muito, eu não sou de ficar dentro de casa, a casa é feita só pra dormir, comer e de pra bola, a minha guria me incentiva, por ela eu teria estudado, voltado a estudar psicologia, computação, ela me incentiva, todos eles, **viajo até sozinha**. (Lindalva, Novembro, 2018) (**Grifos meus**).

E Guilhermina declarou que mora com o filho, porém, deixou bem claro que além das atividades na ABAPP também frequenta outros grupos baseados em socialização como o CRAS – centro de referência de assistência social revelou que quando quer se divertir **vai para bailes** “às vezes eu geralmente vou no degrau, no sobrado, o sobrado eu não gosto porque é muito elite né, eu gosto de pessoas simples, eu vou e danço bastante, tomo uma cervejinha ou um salgado, é muito bom”, ainda afirmou que no mês de dezembro pretendia ver seus netos, pegaria o ônibus e iria sozinha para visitá-los, e que entrou recentemente na instituição e já viajou em uma excursão organizada pela ABAPP, “**viajei sozinha** com o pessoal daqui que eu não conhecia, consegui me entrosar maravilhosamente, hotel cinco estrelas, piscina e águas térmicas, foi muito bom.” E ainda pontuou a sua relação de independência social e econômica com a família:

Eu não dependo deles, eles é que dependem de mim né [...] eu não dependo deles, **meu dinheiro faço o que eu quero, eu não dou satisfação, se eu quero sair pra baile eu vou**. (Guilhermina, Novembro, 2018) (**grifos meus**).

No entanto, **observa-se somente nesses três relatos de Cássia, Guilhermina e Lindalva** uma intersecção de condições sociais assertivas, ou seja, impressões de liberdade (independência – de percurso social e de gênero) e de possibilidades (econômicas) que se relacionam diretamente com a noção do envelhecimento ativo, que por sua vez, enaltece o percurso social já mensurado na categoria de classe, a qual denuncia que a escolaridade se estabelece no valor da renda mensal, posto que essas idosas são aquelas que são brancas e possuem maior grau de escolaridade, reforçando que essas experiências narradas baseadas em liberdade e possibilidades (autodeterminação) só foram possíveis à medida que suas estratificações sociais correspondam a um melhor potencial socioeconômico.

Nesses cenários, apresentam-se teoria sociológica do envelhecimento defendida por Neri (2013) e Doll. *et al* (2007), a teoria da atividade que concebe e fundamenta a noção de envelhecimento ativo porque ambas dispõem de mesmos mecanismos que visam qualidade de vida e o bem-estar físico e social aos indivíduos no meio que convivem.

Diante disso, a pesquisa abriu uma agência de investigação sociológica sobre a noção de envelhecimento ativo entre todas as idosas da associação, inferindo a essa noção de envelhecer, na maioria das vezes, uma atuação discursiva homogênea frente as diferenciações encontradas nas trajetórias da velhice, em sua generalidade, e no próprio campo de investigação. Dessa forma, a pesquisa vai desenhando os variados tipos de **práticas sociais** das idosas pesquisadas, que por sua vez, se **mostram distintas**, concomitantemente, **ora no espaço da ABAPP, ora no seu contexto social exterior**. Explicam-se, os dados coletados implicam que essa noção de envelhecer ativamente aproxima-se e legitima práticas e vivências dentro da associação, no entanto, não estabelece sua eficácia no contexto social e familiar.

Apesar de se expressarem ativas, todavia, não apresentaram um protagonismo em seu meio social, e isso se deve ao “estilo de vida que promove o envelhecimento ativo depende das condições de renda, escolaridade, moradia, suporte familiar e políticas públicas, entre outras.” (FALEIROS, 2016, p. 556).

Com isso, outro ponto importante a ser dissertado e a ter destaque no trabalho, mesmo que concisamente, é o marco contemporâneo da aposentadoria advindo com a terceira idade, o qual coopera na cristalização desse discurso. A aposentadoria é um momento em que o indivíduo passa a ser improdutivo pelo olhar da sociedade, porém, Marcelo Neri (2007) afirma que com o aumento da expectativa de vida surgem novas possibilidades de desfrutar uma aposentadoria oportunizando ao idoso uma nova fase de experiências. Embora, tenha se percebido na pesquisa o percurso social de baixa escolaridade = renda entre as idosas.

Teorias homogeneizadoras a respeito da aposentadoria, como a de Marcelo Neri (2007), argumentam que a situação econômica atual da classe idosa possa ser atenuada com planejamentos socioeconômicos embasados na teoria do ciclo de vida³⁷, a qual refere-se que a sociedade e o Estado devem dispor de estrutura para

³⁷ A teoria do ciclo de vida debatida pelo autor refere-se ao comportamento financeiro que as pessoas devem ter ao longo da vida para acumular ativos também em longo prazo até que chegue o

que os idosos possam acumular ativos para não perderem qualidade e o padrão de consumo na etapa da velhice, isto é, “poupar para envelhecer”.

Essa teoria percebe o envelhecimento como uma construção de ideias homogêneas, preconizando condutas universalizantes, e por vezes, determinadas teorias sociais, como por exemplo, essa teoria da aposentadoria, **estabelecem-se no discurso de envelhecimento ativo** e na forma que ele vem sendo expressado nas sociedades, evidenciando um discurso análogo que omite as desigualdades estruturais que a classe contempla.

Nesse sentido, Faleiros (2016) afirma que os caminhos que o envelhecimento ativo como política pública participativa deverá percorrer vai ao encontro da agência de pesquisa sociológica proposta no trabalho:

A velhice se representa de forma multidimensional e multideterminada, e o direito ao envelhecimento é reconhecido pelo estatuto. Seu protagonismo precisa ser mais reconhecido não como objeto de cuidado ou de funcionalidade (como em algumas propostas de envelhecimento ativo) **e sim como sujeito participante da sociedade, cidadão e dotado de autonomia.** (FALEIROS, 2016, p. 561). **(Grifos nossos).**

ato de aposentarem-se, para que o padrão estável de consumo de vida permaneça igual no padrão de consumo da velhice. Tendo em vista, a considerável queda de renda do trabalho na terceira idade, induzindo as pessoas a essa prévia acumulação de ativos (Marcelo Neri, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento da população brasileira, assim como no mundo, passou a ser evidenciado e por esta razão o surgimento de políticas públicas para este grupo ao final do século XX, tendo em vista que atualmente a população sexagenária brasileira aproxima-se de 20 milhões de pessoas. As projeções demográficas confirmam o aumento da expectativa de vida, e que o Brasil em breve ocupará o primeiro lugar na América Latina e sexto no mundo em população idosa, como já mensurado no trabalho.

Com esse advento, a lógica da feminização da velhice na presente pesquisa foi fator fundante para que o recorte empírico volta-se para as mulheres idosas no espaço da associação.

Primeiramente, a pesquisa abordou conceitos sobre velhice e terceira idade ao longo de todo o texto, trazendo assertivas a respeito de novas vivências em relação às práticas tradicionais de velhice, demonstrando um percurso de (re)significação que uma categoria reproduzia na outra, repaginando comportamentos e reproduzindo “mais juventude” e “autonomia” por meio de abordagens teóricas sobre a gerontologia.

A pesquisa e os resultados foram sendo construídos a partir de um árduo trabalho etnográfico aliado às técnicas da observação participante seguida de entrevistas semiestruturadas, dessa forma, o protagonismo social das idosas foi colocado em evidência (verificação) por meio de suas práticas sociais.

Nesse sentido, a pesquisa se propôs, como objetivo geral, responder o problema sociológico da investigação: se as práticas sociais das idosas que frequentam a associação da ABAPP assemelham-se com a noção de envelhecimento ativo, e a partir disso verificar se elas vivenciam uma velhice ativa no contexto atual social.

Inicialmente, a pesquisa conduziu-se em busca dos objetivos específicos, previamente verificou-se que a associação serviu como meio de renovação de discursos sobre a velhice, promovendo práticas socializadoras baseadas em princípios de liberdade e autodeterminação na terceira idade. Assim, corporificando

essa concepção de envelhecimento ativo nas práticas sociais das idosas aposentadas.

Verificado o primeiro objetivo específico da pesquisa, analisaram-se as questões de gênero, raça, sexualidade e de classe no contexto social dessas idosas, por meio do exercício etnográfico, da observação participante e das entrevistas semiestruturadas. Esse processo de extração de dados da realidade social dessas idosas mostraram-se momentos extremamente delicados e complexos na realização da pesquisa, uma vez que elas revelaram-se muito solícitas frente as pesquisas exploratórias e a observação participativa, todavia, no processo de entrevistas, alguns reveses foram encontrados, como mencionado no texto, mas também superados a partir das técnicas qualitativas. As entrevistadas intimidavam-se com a ideia de expressarem-se sobre si mesmas e questionavam o porquê de suas trajetórias sociais serem relevantes para a pesquisa, algumas permitiam serem observadas, porém, não entrevistadas; e quando aceitavam não podiam ser realizadas longe uma das outras, e fora do ambiente da associação, sobretudo da própria sala de atividades. Significando um novo interconhecimento social naquele grupo social, criando-se um contexto (um elo) de solidariedade, de autocuidado uma com as outras e de proteção de gênero entre elas.

Nessa perspectiva, a questão de gênero; passou a ser um fator fundante nas análises da velhice feminina na pesquisa, utilizando-se da ferramenta das interseccionalidades com o propósito de examinar até que ponto o envelhecimento feminino possui um caráter homogeneizador, visto que Britto (1999) defende que o gênero é uma categoria socialmente construída. As intersecções sociais apontadas no presente estudo com a categoria da velhice possibilitaram claramente corroborar as heterogeneidades sociais na velhice feminina.

Os dados expuseram que a categoria da velhice feminina demonstrou que essas mulheres são extremamente ativas, porém não se consideram idosas e associam o termo “velhice” àquelas pessoas que tenham algum tipo de deficiência ou incapacidade funcional. Ou seja, recusaram a si aquele valor semântico negativo que a velhice carrega.

A categoria da sexualidade – em relação a vida sexual ativa das idosas, por sua vez, evidenciou um desinteresse sexual na maioria das práticas das idosas da associação, sobretudo, uma apatia sexual em razão de gênero causada por uma

performatividade social que atribui em seus corpos velhos valores discriminatórios oriundos da contemporaneidade. Isto é, a sociedade atual cultua apenas os corpos jovens, dessa forma, discrimina a marca da velhice no corpo feminino atribuindo valores desviantes e resistindo a uma nova performatividade social sexual na terceira idade.

A categoria da classe social explicitou de forma mais significativa um percurso social e singular para cada idosa, denotando o que experimentaram em seus ciclos de vida; a pesquisa verificou que a maioria delas possuem baixa escolaridade e renda mensal (estabelecendo diferentes trajetórias sociais para cada idosa), e ainda, que exerceram ou trabalham atualmente em funções residuais (como empregadas domésticas, costureira, do lar e etc.).

Nessa perspectiva, a classe social abarca e estrutura essas demais relações e também é estruturada por elas, reproduzindo as diferenças de classe, e instantaneamente, promovendo diferentes sistemas de opressão que atuam de forma distinta e peculiar dentro dessas mesmas estruturas de classe na época atual em que elas se encontram. Todas essas perspectivas interseccionalizadas delinearam um paradigma social distinto dentre elas e frente a noção de envelhecimento ativo, resultando em diferentes heterogeneidades para cada uma dessas idosas aposentadas.

Contudo, o objetivo geral da **pesquisa interroga se o envelhecimento ativo** baseado na independência e na liberdade **inclui todas essas diferenças (heterogeneidades) impostas às idosas?**

O envelhecimento ativo, na atualidade, tornou-se uma busca por ajustes e reconfigurações que determinem a emancipação da mulher velha. Esse envelhecimento simboliza liberdade e autonomia social na terceira idade frente a trajetórias de vida que foram reféns, por muito tempo, de um contexto social-histórico opressor reforçado pela dinâmica do capitalismo.

A pesquisa constatou que o envelhecimento participativo deu visibilidade às mulheres (ao envelhecimento feminino), posto que muitas delas desempenharam vários papéis sociais sob o jugo do patriarcado, dos sistemas de gênero, da segregação tanto racial como etária, além do preconceito sexual, e, por sua vez, não concebiam outro modo operandis de viver e se reproduzir socialmente. E enquanto velhas, nos dias de hoje, ainda são aprisionadas quase que instintivamente desses

processos temporais (sócios históricos). Todavia, gradativamente a curtos passos da sociedade e o empoderamento conquistado pelas mulheres frente as demandas sociais, e a luta diária pela equivalência de direitos entre os gêneros, o envelhecimento ativo mostrou-se como uma possibilidade real e social de enfrentamento frente a velhice estigmatizada, fazendo com que mulheres da terceira idade busquem vivenciar uma velhice mais ativa.

Embora na contemporaneidade vagarosamente esse envelhecimento venha tornando-se uma forte política pública ou uma prática discursiva social que versa como se deve envelhecer satisfatoriamente. A pesquisa verificou que **essa noção de envelhecimento ativo teve êxito em torná-las ativas**, e corporificou-se em suas práticas sociais no âmbito da associação promovendo uma macro socialização. No entanto, **enquanto agência sociológica de pesquisa os resultados não foram satisfatórios em sua totalidade no que se propõe o envelhecimento ativo**, na maioria das idosas; as relações de poder – de opressão enquanto sistemas de gênero e entre outros sistemas já mencionados, obstaculizaram a corporificação dessa noção de envelhecimento ativo calcado em liberdade e independência social perante seu contexto familiar e social. Reduzindo a potencialidade que esse envelhecimento tem a oferecer a elas diante dos enfrentamentos sociais.

Em consequência disso, constatou-se que muitas dessas idosas que vêm de uma geração em que suas práticas sociais eram vinculadas a noção patriarcal, e que na atualidade, tratamos como desigualdade de gênero, vivenciam ainda que, simultaneamente, aquele “velho envelhecimento” e o “novo – participativo”. Ou seja, verificou-se, simultaneamente, duas realidades sociais opostas, ora ajustadas à liberdade, à independência e ao envelhecimento bem-sucedido (como, por exemplo, viajar sozinha, viver sua sexualidade de diferentes formas, frequentar bailes entre outros experimentos constatados nas práticas das idosas), porém, em outros momentos vivenciam o desempenho de papéis sociais tradicionais (impostos) de ser apenas mãe, avó e entre outros, ainda vinculadas à submissão ao poder familiar e ao sistema capitalista. Dessa forma, **configura-se a hipótese sociológica lançada a presente pesquisa.**

Apesar disso, não podemos negar que a pesquisa analisou uma forte modelação de valores na velhice, ainda que seja por uma perspectiva discursiva, compartilhada entre o próprio grupo de idosas (sujeitos da pesquisa). É factível

perceber que as idosas da associação desejam protagonizar novas vivências e esforçam-se no seu meio social para conquistar novas práticas de sociabilidades. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que o envelhecimento ativo vem atingindo determinados critérios e tornando-se além de uma alocação social promissora, vem demonstrando-se como uma forte política pública corporificando-se nas práticas de sociabilidade de algumas idosas no contexto social atual. Ainda que somente privilegie determinado grupo de mulheres, **repercute resultados positivos, porém, desiguais em intensidade dentro desse universo feminino do envelhecimento.**

Isso se dá em razão de ser um discurso oriundo da gerontologia, que tem por essência a homogeneidade, por esta razão, não beneficia a velhice como um todo, não possui uma amplificação social que englobe diferentes complexidades. Por outro lado, cria-se um questionamento que se apoiado pelo poder econômico do Estado e da sociedade tornar-se-ia uma política pública de amplificação social que possa fazer diferença ou amenizar as desigualdades sociais na velhice percebidas na presente pesquisa.

Desse modo, a pesquisa fica em aberto para que novos estudos ou questionamentos sobre a velhice e a terceira idade sejam investigados, considerando que precisam ser (re) significados socialmente e que suas subjetividades sejam “renovadas”. E que ainda novas proposições sobre a noção de envelhecimento ativo sejam investigadas oferecendo novos caminhos para que esse envelhecimento participante se corporifique em práticas de sociabilidade em contextos sociais tão estigmatizados, sem tentar idealizar, corrigir ou desnaturalizar a velhice.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jair Bueno de. **GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADES SEXUAIS – UM DIÁLOGO ENTRE JOAN SCOTT E JUDITH BUTLER – II Simpósio de educação sexual – II SIES**, Maringá/PR, 2011. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/121.pdf>> Acessado em 25 de abril de 2019.

BARROS, Regina Duarte Benevides de. **Terceira Idade: O discurso dos experts e a produção do “novo velho”**. Estudos Interdisciplinares de envelhecimento, Porto Alegre, v.4, p.113-124, 2002.

BARBIERI, Natália Alves. **Doença, envelhecimento ativo e fragilidade: discursos e práticas em torno da velhice**. 2014. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. Pós-Graduação em Ciências da Saúde-- São Paulo, 2014.

BECKER, Howard S. Sobre metodologia. In _____. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Tradução Marco Estevão; Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, , p.17- 46, 1999.

BEUAD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos/** Stéphane Beaud, Florence Weber; tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. 2. ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, p. 22 a 87, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: realidade incômoda**. Editora: Nova Fronteira, capítulo I, II e III,1990.

BELO, Isolda. **Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas**. Revista feminismos, vol.1, n.3 – set. – dez. 2013. Disponível em: <<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/84/82>> Acessado em: 15 março de 2019.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Ateliê Editorial, p 11-91, 1994.

BUTLER, Roberto. N. **Sexo e amor na terceira idade**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1985, capítulo I.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**/ Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. -3ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010 p.7-100.

BUTLER, Judith P. **Entrevista concedida ao instituto de Artes da Universidade de Utrecht**- Rev. Estud. Fem. vol.10, n.1, Florianópolis, Jan, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009> Acessado em 06 de março de 2019.

BRASIL, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm> Acessado em 02 de fevereiro de 2019.

CAMARANO et. al. Brasil envelhece antes e pós-PNI. IN: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira et. al (Orgs). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões** - Rio de Janeiro: iPea, 2016, cap. II, p. 63-103.

DEBERT Guita Grin. **A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas**. Revista Brasileira de ciências sociais, São Paulo, v.12, n.4, p.39-56, 1997, Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm. Acessado em 28.de dezembro de 2018.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do)*. In: HIRATA, Helena. et. al (Orgs).**Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, p. 173 – 178, 2009.

DOLL, Johannes. et al. **Atividade, Desengajamento, Modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento**. Estudos interdisciplinares de envelhecimento, Porto Alegre, v.12, p.7-33, 2007.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**/Norbert Elias; Tradução: Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Zahar, 79 -103, 2001.

FALEIROS, Vicente de Paula. Brasil envelhece antes e pós-PNI. IN: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira et. al (Orgs). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões** – Rio de Janeiro: iPea, 2016, cap. XVI, p. 537-569.

FELIPE, T.; SOUSA, S. **A construção da categoria da velhice e seus significados**. Revista Eletrônica de Humanidades do curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v.7, n.2,p.19-33,jul.-dez.2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. I – Legado da Raça-Prefácio, Augusto Sérgio-5 ed.- São Paulo: Globo, p. 299-326, 2008.

FERREIRA, Guilherme.; AGUINSKY, Beatriz. **Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas**. Revista katálysis, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez, 2013.

GIACOMIN, Karla Cristina. Brasil envelhece antes e pós-PNI. IN: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira et. al (Orgs). **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões** - Rio de Janeiro: iPea, 2016, p. 594-614.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Revista Tempo Social da USP, V. 26, n.1 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>> Acessado em: 20 de março de 2019.

IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=1272&t=ibge-populacao-brasileira-envelhece-ritmo-acelerad&view=noticia>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2019.

IBGE, 2010 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/tabela1_1.shtm> Acessado em 11 de março de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD-Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios**, 2014.

IBGE, **Projeção da população por sexo e idade: Brasil 2000-2060**. Unidades da Federação 2000-2030. Disponível em : <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000014425608112013563329137649.pdf>> Acessado em 30 de março de 2019.

MARCONDES, Nilsen.; BRISOLA, Elisa. **ANÁLISE POR TRIANGULAÇÃO DE MÉTODOS: UM REFERENCIAL PARA PESQUISAS QUALITATIVAS.** Revista **Univap** – São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MASCARO, Sônia Amorim. **O que é velhice.** 2ª reimpr. da 1ª ed. de 1996, São Paulo: Brasiliense, 2004.

MERIGHI, Miriam et. al. **Mulheres Idosas: desvelando suas vivências e necessidades de cuidado.** Revista Esc Enferm -USP, v. 47. , n.2 , São Paulo, Apr .2013, p. 408-414. < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000200019> Acessado em 22 de fevereiro de 2019.

MOTTA, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento.**, cadernos pagu (13) 1999:191-221.Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cad pagu 1999_13_7_MOTTA.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/cad_pagu_1999_13_7_MOTTA.pdf)> Acessado em 30 de março de 2019.

NERI, Marcelo Cortes. **Renda, consumo e aposentadoria: vidências, atitudes e percepções.** In: NERI, Anita Liberalesco (Org). **Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Editora - Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2007, p. 46 a 63.

NERI, Anita Liberalesco. **Conceitos e teorias sobre o envelhecimento.** In: Malloy-Diniz, Fuentes e Cosenza (Orgs.)Neuropsicologia do envelhecimento: Uma Abordagem Multidimensional. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2013. cap.16 <Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_016.pdf> Acessado em 10 de março de 2019.

NERI, Anita Liberalesco. **Feminização da velhice** In: NERI, Anita Liberalesco (Org). **Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2007, p. 46 a 63.

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras.** Revista **Sociedade e cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008, p.263 - 274 Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/5247/4295>> Acessado em 28 de março de 2019.

PNPSI, Ministério da Saúde: **Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa,** 2006. Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html>
Acessado em 29 de março de 2019.

PRADO, Marcos. **Estamira**. Rio de Janeiro: RioFilmeZazen, 2004. Filme

SALGADO, Carmen D. Sanchez. **MULHER IDOSA: a feminização da velhice**. *Revista Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v.4, p.7-19, 2002. <<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>> Acessado em 28 de fevereiro de 2019.

SANTOS, Geraldine Alves dos.; Lopes, Andrea.; NERI, Anita Liberalesco. **Feminização da velhice** In: NERI, Anita Liberalesco (Org). **Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc, 2007, p. 67-79.

SANTOS, Nilsa Maria da Conceição. **Negras Velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade**. 2016, 139f Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. [orientador Dr. Johannes Doll] Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142030/000992897.pdf?sequence=1>> Acessado em 20 de março de 2019.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 155-168, jan. - Mar. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, Márcia Regina Medeiros. **CORPO E ENVELHECIMENTO FEMININOS: HERANÇA DO PATRIARCADO**. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v.24, n.01, jan/jun, p. 18-30, 2011.

ANEXOS

Anexo I – Modelo de entrevista

- 1) Gostaria que falasses um pouco da tua trajetória social. E Relatasses onde tu nasceu, sobre a sua origem, sua escolaridade, renda, se caso exerceu alguma que profissão, qual? Casou-se, teve filhos e etc.?
- 2) Quanto tempo frequenta a ABAPP? Gostaria de saber quais as atividades que frequenta? E o que levou a procurar a associação?
- 3) Com quem a senhora mora, e quais as principais atividades do teu dia a dia?
- 4) Em relação às atividades que tu frequenta, qual tipo de relacionamento tu construiu aqui?
- 5) Depois de aposentada, eu queria que tu falasses um pouco, como te sentes nos como mulher e idosa. Você se reconhece como idosa nos dias de hoje?
- 6) O que espera vivenciar na etapa da terceira idade? Quais as tuas expectativas?
- 7) Nos dias de hoje como é a tua relação econômica com as pessoas que tu convive?
- 8) Depois de aposentada como é a tua relação com a sua família, te incentivam a novas experiências sociais? Considera-se livre ou ainda prefere viver de acordo com as expectativas da família?
- 9) Como se sente em relação a sua sexualidade nos dias de hoje? Livre ou ainda alguma coisa a impede de vivenciar novas experiências. E por quê?

Anexo II

3ª Tabela – Resumo dos encontros exploratórios/ observação participante / entrevistas:

Ano de 2018	Atividades no campo
Janeiro e Fevereiro/2018	A pesquisadora conheceu o espaço da ABAPP e obteve informações sobre as atividades que esta instituição oferecia à comunidade e a este grupo de associadas.
Março/2018	Encontro com o Presidente da associação para apresentar as pretensões da pesquisa no espaço da ABAPP. Autorização para participar das atividades abertas ao público como pesquisadora.
Abril/2018	Conversa informal com os funcionários para obter informações administrativas e das atividades recorrentes entre as idosas.
Maio/2018	Participou do encontro de celebração ao dia das mães.
Julho/2018	Primeira entrevista com uma associada da respectiva instituição.
Outubro/2018	Palestra: 'Estatuto do idoso: Direitos Fundamentais do Idoso' - Prof. Dr. Bruno Rotta

	Almeida, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas.
Outubro/novembro/2018	A pesquisadora matriculou-se nas atividades de artesanato e pintura para realizar a observação participante.
Outubro/2018	Tarde de entretenimento (19.10.2018).
Novembro/2018	Realizou as nove entrevistas nos dias 21 e 28 de novembro. Participou da confraternização de fim de ano (amigo secreto) entre as idosas aposentadas das turmas de artesanato e pintura de tela.